

**d65bc212ab294
967c67e7022050
94e8e**

HP

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

**d65bc212ab294
967c67e7022050
94e8e**

HP

BUTTONS: BOOK TWO



BUTTONS & HATE

HER HEART. HIS REVENGE.



PENELOPE SKY



Disponibilização: Flor de Lótus

Tradução: A. Rosa

Revisão: Jane

Revisão Final: Celly

Leitura Final: Amanda

Formatação: Flor

Buttons & Hate

Buttons #2

Penelope Sky

Estou trabalhando nos meus botões.

Mas eu também estou dando eles.

Quanto mais eu me apaixono por Crow, mais eu quero que ele faça coisas por mim. Jantares, encontros e noites na praia.

Tudo tem um preço, e rapidamente a pilha de botões que eu trabalhei duro para ganhar se esgota.

Isso vai durar para sempre? Ou alguém ficará sem os botões primeiro?

PEARL

AGORA EU ESTAVA SIMPLEMENTE CONFUSA.

Meu principal objetivo era voltar para casa o mais rápido possível como uma mulher livre. Eu tinha um emprego e um namorado que amava, além dos meus amigos e familiares. Havia muitas coisas esperando por mim.

Mas então Jacob me traiu.

O que realmente estava me esperando em casa? Um homem que se importava tão pouco com o tempo que passamos juntos que me descartou como lixo. Que quando suas dívidas de jogo se tornaram muito altas, ele esteve disposto a vender uma pessoa, a mim, apenas para ter suas contas liquidadas. E se ele não tivesse

dívidas? E se eu simplesmente precisasse de dinheiro para comprar uma casa ou um carro? Eu também teria mudado assim?

Eu não sabia mais o que pensar.

A agonia que pesava no meu coração cortava mais do que uma faca. Doía mais do que o impacto de um taco de beisebol de aço contra minhas costelas. Não havia nada pior do que não ter propósito.

E eu não tinha nenhum.

Olhei para o pote na mesa do meu quarto e vi a ridícula pilha de botões que havia acumulado. Eu tinha aceitado nosso repugnante acordo porque estava determinada a voltar para casa. Mas agora que não tinha mais motivos para ir embora, os botões pareciam irrelevantes. O único uso que poderia lhes dar era conseguir coisas de Crow. Tinha dormido com ele na noite passada porque tinha um botão para lhe dar. Era minha moeda para conseguir as coisas que eu precisava.

Esse era agora o único valor que possuíam.

Crow voltava do trabalho pontualmente na mesma hora, todos os dias.

Ele era pontual demais. Seus movimentos e ações eram previsíveis. Eu não tinha

certeza de como ele conseguia se esquivar de seus inimigos, seguindo uma rotina tão rígida.

Em vez de ir ao seu quarto tomar banho, ele bateu na porta do meu quarto.

- Entre. - Eu estava sentada no sofá junto à lareira.

Ao meu lado estava um livro sobre uma almofada. Não tinha começado a ler desde aquela tarde terrível. Tudo o que eu queria fazer era sentar bem quieta e olhar para a parede.

Ele entrou no quarto com uma autoridade inata.

Usava o terno preto abotoado na frente e as pernas das calças emolduravam perfeitamente suas coxas musculosas. Ele possuía muitas qualidades excitantes, mas eu estava particularmente atraída pela força de suas coxas.

Usava também uma gravata azul, aquele tom que me lembrava de águas tropicais. Não era profundo e escuro como o terno. Mas era vibrante e bonita. Apenas um homem austero como ele conseguia usá-lo e fazê-lo parecer intimidador. Dava a tudo um visual decididamente masculino. Sua mansão era decorada com bom gosto e elegância, e até isso parecia viril.

Ele me cumprimentou com um olhar frio e irritado desde o momento em que entrou.

Eu não o atrapalhava ou o aborrecia, então não sabia qual problema ele tinha.

- Sim?

- Pare com o que está fazendo agora.

Tudo o que eu estava fazendo era ficar sentada em silêncio no meu quarto. Não havia tomado o café da manhã nem comido nada. Se seus funcionários não soubessem que eu estava lá, eles não teriam me notado.

- Desculpe?

- Este festival de autopiedade que você está montando. Supere-o

imediatamente e siga em frente. -

Ele se virou para a porta, tendo dito tudo o que precisava dizer.

- Uau.

Ele se virou quando chegou à porta, ainda com uma expressão fria.

- Eu não sabia que você poderia ser ainda mais idiota. Mas eu suponho que sim. - Corri para o banheiro e o fechei com o trinco para que ele não pudesse me seguir. Abri a água do chuveiro e fui para baixo. A água quente produziu uma sensação agradável contra a

minha pele, apaziguando minha raiva... pelo menos em parte.

ALGUM TEMPO DEPOIS LARS ENTRA NO MEU

QUARTO.

- Sua Excelência gostaria que você se juntasse a ele para o jantar.

Não depois da cena que ele montou antes.

- Hoje à noite eu vou aproveitar meu jantar aqui.

Obrigada, Lars.

Ele manteve as mãos atrás das costas enquanto ainda estava em pé na porta e se ainda não tinha saído, era porque tinha outra coisa a dizer.

- Sim?

- Sua Excelência disse que o jantar só será servido na sala de jantar. Se quiser comer, você terá que acompanhá-lo.

- Então eu vou morrer de fome. - A escolha era clara.

Voltei ao meu livro em silêncio.

Lars fechou a porta e ouvi seus passos irem embora.

Um minuto se passou e sabia que estaria na sala de jantar dizendo a Crow o que eu havia dito. Era só uma questão de tempo antes que

Crow entrasse aqui como uma tromba e me arrastasse pelos cabelos.

Seus passos silenciosos se aproximaram da minha porta um momento depois. Apesar de quão silenciosamente ele tenha se aproximado, sabia que havia raiva em cada centímetro de seu corpo.

As portas se abriram naquele momento, e seus olhos foram de picos gelados a lava ardente.

- Levante-se! - Ele parou na minha frente, seus braços poderosos pendurados ao lado do corpo. - Agora!

Sua mão voou para a minha garganta e apertou-a, empurrando minha cabeça contra o sofá. Ele colocou um joelho na almofada e pairou sobre mim, com uma clara ameaça de violência em seus olhos.

- Mova-se agora ou vou te bater até você chorar. - Ele balançou meu pescoço violentamente. - Não me desafie.

Eu não estava. Simplesmente não me importava.

- Dê-me o pior que você tem, Crow. - Meu corpo era incapaz de sentir qualquer coisa, de qualquer maneira.

Ele estava entorpecido pelo golpe de Jacob, e esse gelo

não seria desfeito. Havia perdido a esperança, não havia mais nada ou ninguém para acreditar. Se estava aqui como uma prisioneira ou em casa, ainda estaria sozinha e sem ninguém em quem confiar. Ele poderia fazer todo o dano que quisesse, mas provavelmente não estaria sentindo nada de qualquer maneira.

Seus dedos se soltaram do meu pescoço e houve uma mudança em sua expressão. Algo aconteceu em seu interior. Deve ter visto algo nos meus olhos que havia destruído minha alma, que mostrava minha decepção.

Demorou algum tempo, mas ele finalmente entendeu.

Então mudou de tom, deixando de lado o violento e adotando a carícia suave que eu preferia. O homem afetuoso e compreensivo não aparecia com frequência.

Mas quando ele fazia, era maravilhoso.

- Por favor, jante comigo. - E afastou a mão do meu pescoço, roçando minha bochecha com meus dedos.

A preocupação que apareceu em seus olhos conseguiu me reviver um pouco. Ser capaz de acalmar sua raiva de vez em quando e fazer seu lado amável surgir, me fez sentir importante, de certa forma.

- Certo.

NAQUELA NOITE, JANTAMOS NO TERRAÇO. O

sol se pôs atrás das colinas, mas o céu manteve seus tons pastéis. Uma brisa suave deslizava pelos vinhedos e agitava as folhas das videiras. As oliveiras ao longo da estrada se escureciam sob as sombras da noite.

Velas brancas brilhavam no centro da mesa, iluminando nossos rostos enquanto jantávamos.

Nenhum de nós falou, porque normalmente não tínhamos muito a dizer durante o jantar. Às vezes, eu me perguntava por que ele queria que jantasse com ele, quando era óbvio que ele não gostava muito de ter companhia.

- Como foi o seu trabalho hoje? - Fui a primeira a quebrar o silêncio.

- Tudo bem. - Suas respostas eram breves, como sempre.

- O que você faz, exatamente? - Eu sabia que ele administrava as vinícolas, mas não o que aquilo significava. Às vezes trabalhava em casa em outras ficava longe o dia todo.

- Muita papelada. Muita supervisão.

- Você não paga ninguém para fazer isso por você?

- Sim, mas é importante aparecer regularmente.

Mantém todos atentos ao trabalho. Isso os mantém honestos.

Eu me lembrei do jeito que Bones atirou em um de seus trabalhadores. O homem havia sido atacado e não podia se mover, mas isso não importava. Ele atirou na cabeça dele de qualquer maneira. Sem perguntar, eu sabia que Crow não tratava seus empregados dessa maneira.

- Eu tenho centros de distribuição em toda a Itália, então visito cada um deles aleatoriamente. Quando eles não sabem quando estou indo, se comportam. Eu poderia aparecer a qualquer momento.

- Parece que você não confia neles.

Ele balançou o vinho antes de tomar um gole e colocar a taça de volta na mesa.

- Eu não confio em ninguém.

Ele me disse para fazer o mesmo. E estava certo. Meu próprio namorado me vendeu para uma vida de escravidão sexual. Eu vivi com aquele homem, fiz amor com ele e lhe disse que o amava antes de ir trabalhar de manhã. E então ele me apunhalou pelas costas.

- Você não deveria fazer isso. - Eu nunca mais cometeria esse erro, nem deixaria ninguém entrar no meu coração. Essa experiência me ensinou que as pessoas eram más por natureza. Elas nunca eram boas, como eu acreditava. Conheci duas mulheres que entenderam que eu era uma escrava e não haviam se importado o mínimo.

Crow colocou o garfo no prato, embora ele não tivesse acabado de comer. Pequenas porções costumavam ser servidas, que haviam desaparecido quando o jantar acabara. Mas esta noite ele esqueceu da comida. Seu olhar estava fixo no meu. Às vezes ele conseguia ler meus pensamentos só de olhar para mim.

- Você me decepcionou.

De alguma forma, isso foi pior do que quando ele arrombou meu quarto e me disse para superar isso. Foi mais doloroso.

- Sim, eu sou um ser humano com sentimentos e emoções, como todo mundo. Não posso ser um robô como você, puramente mecânico. – Era incapaz de superar algo tão devastador de uma hora para outra. Isso levaria algum tempo.

- Estou desapontado por você ter perdido o seu fogo.

E ainda mais por você permitir se apagar por um pedaço de merda como ele. Essa não é a mulher que conheço.

Você é uma lutadora, de cabo a rabo.

Eu o encarei e senti algo como alegria correndo em minhas veias. Ele

tinha me feito um elogio... e eles eram muito raros. Eu sabia que tinha deixado Jacob me derrubar. Mas simplesmente, não era forte o suficiente para me levantar novamente.

- Você nunca vai entender como me sinto. Nunca entenderia esse tipo de traição.

- Eu entendo muito mais do que você pensa.

- Eu amei esse homem. Morava com ele. O fato de que ele me vendeu para uma vida de escravidão apenas para pagar uma dívida de jogo... - balancei a cabeça, porque não consegui terminar. Era mais do que desprezível. Doía só de pensar nisso. Por causa de Jacob, matei dois homens. Por causa dele, um louco me estuprou violentamente. Minha existência insuportável se devia exclusivamente a ele. E não consegui superar tudo isso em uma semana. Provavelmente nunca superarei.

- Não pense sobre isso. - Ele manteve a voz firme, inabalável. - Não se estresse por algo que você não pode mudar. Não viva no passado, quando está no presente.

O que aconteceu com você foi terrível, admito isso. Mas não permita que isso seja o que lhe define. Você vai se levantar novamente e fazer o seu caminho. Você é mais forte que tudo isso.

Ele ainda não entendia.

- Eu não perdi a esperança pelo que ele fez. E sim porque não tenho para onde ir. Não tenho uma família procurando por mim, nem uma melhor amiga que esteja preocupada comigo. Jacob era o mais parecido a uma família que eu tinha. E ele não se importa se estou viva ou morta. Estar aqui ou na América não faz diferença. -

Engoli para desfazer o nó na garganta. - Eu não tenho mais uma casa.

LAVEI MEU ROSTO E ME PREPAREI PARA IR A CAMA. Meu quarto costumava ser um porto seguro, mas agora eu odiava estar lá, pelo menos para dormir. A

única vez que me senti em paz foi quando Crow me cercou com seus braços.

Ele era meu defensor, meu protetor... mesmo em sonhos. Mas não

podia pedir para dormir com ele todas as noites. Eu não tinha muitos botões e não queria usá-los todos numa semana.

Bateram levemente na minha porta.

- Entre. - Tinha acabado de escovar meu cabelo e estava vestindo uma camisa que Crow me deixou. Era enorme e chegava aos meus joelhos, mas era confortável.

De certa forma, isso me dava a sensação de que ele me abraçava a todo momento.

Ele entrou vestido com uma calça de moletom cinza e sem camisa. Seu corpo era sólido e definido, com os músculos salientes entre as linhas duras que mantinham seu corpo firmemente preso à sua estrutura óssea.

Observou o fogo queimando na lareira antes de se sentar ao meu lado na cama. Suas longas pernas se cruzaram quando se sentou. E descansou os braços nos joelhos.

- Você quer que eu durma com você?

Olhei para os botões no frasco. Havia seis, todos diferentes e únicos. Aos meus olhos, eles eram como uma conta poupança. E deveria gastá-los sabiamente.

- Não, está tudo bem.

Ele virou a cabeça ligeiramente para mim, estudando minha expressão.

- Eu gostaria que houvesse algo que pudesse fazer. -

Sua voz foi diminuindo, mostrando sua dor pela primeira vez. Nunca ficou claro se ele se importava ou não comigo. Às vezes, parecia que sim, quando ele me protegia. Mas então, no dia seguinte, perdia a paciência e me tratava como um cachorro. Era um enigma.

- Não há nada que você possa fazer, Crow.

- Eu só quero que você saiba que entendo esse tipo de traição, e esse tipo de dor. E também entendo o que é não ter uma casa. - Ele olhou para as mãos unidas. As mechas curtas de seu cabelo castanho estavam embaralhadas por passar os dedos pelas pontas ligeiramente encaracoladas. - Você não está sozinha.

Você nunca esteve.

Escutei tudo o que ele me dizia, me agarrando a cada palavra.

- O que aconteceu? - Ele nunca me disse nada pessoal até agora. Tudo que sabia era que ele tinha um irmão. E

que a relação entre eles estava bastante tensa.

- Meu pai faleceu há dez anos. Minha mãe foi embora há cinco anos. - Ele esfregou os dedos, tentando se concentrar na história. O que quer que fosse dizer em seguida, causava-lhe imensa dor. Seus ombros estavam rígidos e lutava para respirar superficialmente. Quando ficava vulnerável, era quando ele era menos emotivo. - E

minha irmã faleceu há alguns meses. - Sua voz permaneceu firme, mas apertou a mandíbula como se fosse a única coisa que ele poderia fazer para manter o controle de seus sentimentos. - Tem sido difícil para mim.

Meu coração se partiu em mil pedaços quando o ouvi falar. Quando Jacob me traiu, não consegui pensar com clareza. A agonia foi demais para mim. Mas ouvir Crow confessar sua dor me machucou mais do que esperava. Eu queria consertar tudo. Queria apagar seu sofrimento.

- Sinto muitíssimo.

Ele inclinou a cabeça.

- Eu sei o que é não ter uma casa. Eu tenho Cane, mas... não é o mesmo.

Incapaz de suportar a distância entre nós por mais tempo, eu rastejei para o seu colo e passei as pernas ao redor de sua cintura. Ele se inclinou para se adaptar ao meu movimento antes de encostar seu rosto na minha nuca. Seus longos braços me cercaram, me segurando.

Sua respiração não mudou, e ele parecia tão desprovido de emoções como sempre. Mas me segurou como se minha presença significasse alguma coisa.

Eu o beijei na testa e passei meus dedos pelos cabelos dele. Meu coração pulsou contra seu queixo, sentindo exatamente a mesma dor que ele sentia. Aquele homem tinha me capturado e me mantido contra a minha vontade, mas meu coração se quebrou ao saber da sua história. Eu me importava mais do que queria admitir.

Estava solidária ao seu sofrimento. Foi por essa a razão que ele ficou irritado comigo ao colapsar sob a minha dor? Por que ele deveria sentir isso também?

Ele tirou o rosto do meu pescoço e levantou o olhar para mim, a dor ainda queimando em seus olhos. Não havia lágrimas, mas seu olhar me transmitia toda a

agonia do seu interior. Seus olhos eram janelas para sua alma, que estava quebrada, irreparavelmente.

Peguei seu rosto entre as mãos e beijei-o nos lábios.

O mais suavemente possível. Minha boca se moveu lentamente sobre a dele e senti meus olhos se encherem de lágrimas, que deslizaram pelo meu rosto até pousaram em sua pele.

Ele me abraçou com mais força e o beijo continuou.

Estávamos conectados de maneira mais profunda do que durante qualquer outro contato que compartilhamos. O

momento era diferente de todo o resto. Ele me tocou como uma delicada pétala de rosa e dei a ele meu coração naquele beijo. Senti-me honesta e disse-lhe a verdade: que meus sentimentos por ele eram profundos.

Mas algo aconteceu, seus lábios se afastaram, e ele me empurrou para longe do seu colo e me colocou na cama. Então se levantou, como se nada tivesse acontecido.

- Crow? - Limpei minhas lágrimas com as costas do antebraço, com vergonha por ter chorado na frente dele.

Ele olhou para o chão porque não conseguia me olhar nos olhos. Suas mãos estavam nos bolsos e seus ombros haviam recuperado sua obstinada teimosia.

- Boa noite. - Então virou as costas para mim e partiu.

Eu não sabia o que tinha acontecido. Por um momento, nos fundimos, compartilhando um momento tenro e vulnerável. E no momento seguinte, ele se foi.

Desconectou seu coração e me expulsou de sua mente.

Se afastou, desenhando uma linha que não queria que eu atravessasse.

Uma linha que ele não iria cruzar novamente.

2

CROW

Eu fiquei longe dela por dois dias. Ela também não se aproximou de mim, então nosso desconforto foi mútuo. Ela tinha conseguido derrubar algumas das minhas barreiras, então levantei algumas novas, duas vezes mais altas e três vezes mais grossas.

Eu não gosto de falar sobre meus sentimentos. E

principalmente de discutir merdas que não podiam ser mudadas, nem perder meu tempo com coisas que não importavam mais. Mas eu estava determinado a quebrar seu feitiço. Eu tinha baixado minha guarda, me exposto, para ensiná-la que algumas cicatrizes não curam. Você só tem de aprender a viver com elas.

Mas me tornei muito vulnerável no processo.

Precisava restabelecer nosso relacionamento. Eu era o mestre e ela era minha escrava. Ela estava pagando sua dívida para poder sair. Isso era tudo e nada mais.

No terceiro dia, visitei seu quarto e a encontrei lendo junto ao fogo. Ela usava um vestido branco que deixava seus pequenos ombros desnudos. A cor clara era perfeita contra sua pele levemente azeitonada. Viver em minha fazenda ensolarada lhe deu uma pele brilhante e bonita.

Eu queria transar com ela novamente.

Meus impulsos sexuais retornaram fortemente. Eu a queria desesperadamente. Queria me perder neste momento com ela. Quando estávamos juntos, não pensava em outra coisa senão em seu sexo escorregadio, na expressão de seu rosto quando gozava, a maneira de dizer meu nome enquanto gritava.

Quando ela olhou para mim, soube exatamente o que eu queria com a minha aparição. Assim ela fechou o livro e me olhou nos olhos, parecendo tão feroz quanto costumava ser. Talvez nossa última conversa tenha lhe devolvido a coragem.

Me ajoelhei na frente dela e agarrei seus quadris, arrastando-a para frente até seu peito pressionar o meu.

Eu queria fazer isso duro e áspero, queria fazê-la gritar de dor e prazer.

Enterrei minha mão no bolso e tirei cinco botões.

Deixei-os na almofada ao meu lado, dizendo-lhe exatamente o que queria fazer. Eu queria comer seu pequeno rabo e fazê-la gritar de novo.

Ela olhou para os botões, sentindo-os com as pontas dos dedos.

- Quero mais.

- Mais? - Ela não ia conseguir mais botões para um ato que já tinha feito por um preço menor. - Você vai aceitar o que eu quero te dar. - E puxei a frente do seu vestido,

revelando

seus

peitos

arredondados.

Imediatamente pressionei meu rosto contra o vale entre eles e lambi sua pele.

Ela agarrou meu ombro e me empurrou para longe.

- Não. Eu quero fazer algo que valha mais botões.

Levei um momento para entender o que ela queria dizer. Minha mente só pensava em uma coisa e estava entre as pernas dela.

- Como que?

- Algo caro. - Seu desejo de liberdade estava de volta, e isso me fez gostar ainda mais dela. Seu fogo retornou,

rugindo com labaredas quentes. Ela estava hostil e combativa, com uma força que combinava com a minha.

- Tenho algo em mente que merece vinte botões. Mas não sei se você aguenta.

- Eu posso. - Não havia nenhum traço de dúvida em seus olhos. Ela manteve sua determinação, sem ceder ao medo. Estava determinada a fazer isso, a sair daqui o mais rápido possível.

- Então deixe-me mostrar-lhe.

ENTRAMOS NA SALA DE JOGOS DO ANDAR

SUPERIOR. Ficava na ala esquerda da mansão. As paredes à prova de som mantinham os gritos lá dentro.

Lars sabia que eu tinha fetiches estranhos, mas não sabia a extensão da minha obsessão sombria.

Eu peguei as tiras de couro penduradas no teto e me virei para ela. Assistindo sua expressão, precisava saber sua reação.

Ela olhou para o aparelho sem expressão.

- Eu vou pendurar você no teto. E então vou te chicotear. - Eu queria ouvi-la gritar, ver sua pele avermelhada e rasgada. E então transar com ela.

Ela se aproximou das correias de couro e as olhou.

- Certo. - Não havia sinal de medo nela. Talvez ela tenha feito isso antes com Bones. Talvez se sentisse segura comigo.

- Tem certeza?

Ela assentiu.

Fiquei muito excitado com a sua concordância. Vinte botões era um preço alto, mas o ato valia a pena. Eu tirei o vestido dela e o joguei no chão. Ela não usava nada por baixo além de calcinha, então tirei-a e beijei sua pele por toda parte. Minha boca estava desesperada por seu corpo. Aquela pele pálida logo seria marcada pelos meus golpes.

Meus lábios cobriram seus ombros com beijos e então me ajoelhei diante dela, movendo minha boca para a área entre suas pernas. Eu adorava seu corpo inteiro, ajoelhando-me a seus pés.

Ela respirou ofegante quando sentiu minha boca contra sua entrada. Enterrou as unhas nos meus ombros

gemendo baixinho, amando a sensação da minha língua contra o seu clitóris sensível.

Eu não poderia continuar com isso por um longo tempo. Queria machucá-la com todas as minhas forças.

Empurrar aquela mulher inabalável ao limite.

Levantei seus braços acima da cabeça e imobilizei-os com o couro. Meu peito estava pressionado contra suas costas e eu estava amando esse ponto de vista. Seus pés ainda estavam no chão e observei as curvas de seu corpo.

Verifiquei o arco de suas costas, a bunda deliciosa e a cintura fina. As cicatrizes fracas de sua surra anterior ainda marcavam sua pele, mas eu pretendia cobri-las com as minhas.

- A palavra de segurança é "renda". Se precisar usá-la. - Esperava que ela não o usasse. - Repita.

- Renda.

Virei seu rosto para o meu e a beijei. Foi um beijo agressivo, do tipo que incluía língua e dentes. Bati na sua bunda antes de me afastar. Minhas mãos encontraram a corda e a puxei alguns centímetros do chão, a altura perfeita para transar com ela mais tarde. Soltei a corda e agarrei meu flagelo.

Olhei para sua bunda e senti minha excitação crescer.

- Você está pronta, Button? - O apelido combinava com ela. Desde a

primeira vez que o usei, parecia certo.

Até na sala de jogos era apropriado.

- Sim.

- Sim quê? - Pressionei.

Ela não respondeu desafiadora.

- Sim, amo. - Eu ainda não consegui que ela dissesse essas palavras, que admitisse que era minha antes. Ela me deu seu corpo, mas sua mente lhe pertenceria.

- Você nunca será meu mestre.

Eu a chicoteei com força, marcando suas costas, alcançando do ombro até o quadril oposto.

Ela se encolheu com a mordida de couro. Seu corpo se moveu, balançando levemente.

- O que você disse?

Não havia lágrimas em seus olhos, ainda não.

- Você não é meu mestre.

Eu bati de novo.

Desta vez, ela não se encolheu, não reagiu a dor.

Meu respeito por ela aumentou. Minha obsessão se multiplicou por dez. Nenhuma mulher havia estado

nesta sala e permanecido em silêncio. Nenhuma mulher havia sido capaz de suportar esse tipo de dor com tanto orgulho. Todas elas quebravam: todas e cada uma delas.

Eu bati de novo.

- Você vai se submeter a mim.

Sua única resposta foi o silêncio.

Eu a chicoteei três vezes seguidas, cruzando sua bunda e a parte de trás de suas pernas. A pele avermelhou em resposta, inchando.

Não fui capaz de manter minha excitação sob controle. Eu me tornara uma fera selvagem, carnal e psicótica por desespero. Meu gozo escorria da ponta do meu pênis e queria estar dentro dela. Nem queria terminar de chicoteá-la. Tudo o que queria era ela.

Joguei o chicote no chão e tirei meu agasalho e os boxers. Se não a penetrasse naquele momento, iria explodir. Meu sexo estava com fome dela. Se eu tivesse voz, teria gritado.

Eu a virei para mim e então envolvi suas pernas ao redor da sua cintura. Quando meus dedos se moveram para sua boceta, encontrei a umidade que estava esperando. Ela estava molhada para mim, encharcada de

fato. Parecia amar receber a dor tanto quanto eu adorava dar.

Me coloquei em posição de penetrá-la, com meu rosto pressionado contra o dela. Com os braços esticados sobre a cabeça, eu era incapaz de fazer qualquer outra coisa que não fosse penetrá-la ... e fiz isso.

Pressionei meus lábios contra os dela em um beijo duro antes de entrar nela com um movimento rápido.

Ela gemeu dentro da minha boca ao sentir como a estiquei. Mantive meus lábios colados aos dela, mas não consegui beijá-la com o prazer que ela me deu. Eu afundei em sua umidade, aproveitando cada empurrão e cada grito que lhe arranquei.

- Porra, que boceta gostosa. - Estava obcecado além de qualquer raciocínio. Na minha sala de jogos cedi à luxúria obsessiva que invadiu meu corpo. Me agarrei nela com toda a dureza que eu podia, esquecendo todos os pensamentos e toda a razão.

- Crow... - Meu nome escapou de seus lábios, como costumava acontecer. Ela sempre o pronunciava com um gemido sensual, cheio de êxtase e paixão desencadeada.

- Torça meus mamilos. Foi a primeira vez que ela me deu uma ordem.

Continuei segurando sua bunda com uma mão e com a outra forneci o que ela queria. Eu dei um último empurrão até ela gozar. Torci seu mamilo com mais força do que normalmente usava, e ela explodiu em torno do meu pau.

Seus quadris imediatamente se dobraram contra mim, querendo mais do meu membro. Ela queria estar cheia de mim, esticada além da

conta.

- Deus, sim. - Ela estava respirando contra a minha boca, e seus gritos abafados se tornaram palavras incoerentes.

Minha ereção se inundou na umidade que escorria entre suas pernas. Ela estava encharcada por mim, antes e durante o ato sexual. Uma onda de calor percorria meu corpo enquanto entrava e saía dela. Seu corpo indefeso pendia do teto, seu mamilo esquerdo estava vermelho e inchado e seu corpo coberto de marcas.

A imagem me empurrou para além da borda.

E gozei, gemendo mais alto do que pretendia. Eu estava com a cabeça nas nuvens e meu pau expelia todo o sêmen que eu tinha. Queria enchê-la de gozo, depositar tanto da minha porra que ela se derramaria da sua boceta. Nunca me permiti sentir esse tipo de satisfação

com uma mulher, ser tão sombrio quanto gostaria sem julgamentos ou rejeições. Ela sabia exatamente o que eu era e usava isso para sua vantagem. Agora ela estava mais perto de ganhar sua liberdade.

Meu lábio superior estava coberto de suor pelo esforço e, quando a beijei, provei seu próprio sal na minha língua. Eu sempre a beijava quando terminava, dizendo silenciosamente o quanto gostava de estar dentro dela.

Deixei devagar, com o meu pau ficando macio agora que eu estava satisfeito, fazendo com que meu sêmen gotejasse e caísse no chão, assim como fantasiei.

- Porra! - Mantive suas pernas ao redor da minha cintura e senti que estava ficando duro de novo. Eu queria lhe dar mais, mais do que ela seria capaz de lidar.

Ela viu meus olhos escurecerem novamente. Ela podia ler meus pensamentos melhor do que ninguém.

- Deixe-me montar você.

Meu pau levantou-se, completamente atento.

- Dois botões.

Naquele momento eu teria aceitado qualquer quantia. Desamarrei seus

pulsos e a movi para a cama no

canto. Me inclinando contra a cabeceira da cama a coloquei no meu colo.

- Foda-me com força, Button.

Ela se posicionou em seus calcanhares e agarrou meus ombros para manter o equilíbrio. Então saltou para cima e para baixo em mim como uma profissional, engolindo cada centímetro da minha gigantesca ereção.

Seus seios balançaram no meu rosto, e seus movimentos ficavam mais sensuais enquanto mais ela se movia.

Foi incrível. Ela pegou uma das mãos e colocou atrás das costas. Seus dedos se esticaram para tocar meus testículos, gentilmente acariciando-os enquanto me cavalgava. Ela os massageou, tocando o tecido sensível com precisão.

- Porra! - Cerrei meu queixo com a sensação. Ela tinha as habilidades de uma prostituta. Meu membro não pôde suportar essa abundância luxuriosa. Aquela boceta era a melhor que ele já teve, sem dúvida. Meu pau estava no paraíso e eu não queria sair de lá. Essa era a boceta que queria penetrar por toda a eternidade. Então, eu poderia realmente deixá-la ir? Prometi que sim, mas tudo havia mudado. Ela me deu o tipo de satisfação que ninguém mais poderia me dar. O que eu faria sem ela?

Esses pensamentos me dominaram. Eles me mergulharam na escuridão... e não num lugar bom.

Olhei para seus peitos, observando-os saltar. Depois de alguns momentos, voltei novamente ao jogo. Meu pau estava se contorcendo por dentro, preparando-se para liberar a próxima carga de sêmen.

- Eu amo essa boceta. - Minha intenção de não fazer elogios. Tinha simplesmente escapado porque estava pensando com o meu pênis. Isso me fez dizer coisas que normalmente evitaria.

- Minha boceta ama seu pau.

E então, gozei.

TUDO VOLTOU À NORMALIDADE.

Aquela noite terrível não era mais do que uma lembrança distante. Ela nunca me perguntou sobre minha irmã, nem sobre a razão pela qual eu a afastara tão agressivamente. Esse assunto ficou no passado, onde deveria estar.

Ela trabalhou duro para ganhar seus botões. Nós poderíamos estar sentados jantando e de repente

rastejava debaixo da mesa e me chupava. Quando eu estava no meu escritório, entrava sem aviso e montava em cima de mim. Queria foder em todos os momentos, acumulando botões como se eles caíssem do céu.

Quando tinha setenta dentro do frasco, comecei a ficar nervoso.

Em poucas semanas, ela acumulara quase um terço do pagamento da dívida. Se continuasse nesse ritmo, me pagaria em alguns meses. Embora eu estivesse gostando imensamente desses momentos, não queria que tudo acabasse tão cedo.

Eu não queria que ela fosse embora.

Mas como era um homem de palavra, tinha que cumprir minha promessa. Quando chegasse a trezentos e sessenta e cinco botões, eu teria que remover o dispositivo de rastreamento e deixá-la ir embora.

Não havia outra opção.

Mas minhas mãos estavam tremendo com o pensamento. Meu cérebro entrava em pânico. Meu peito estava tendo palpitações. Minha fazenda nunca seria a mesma sem Button. Meu quarto de jogo nunca pareceria tão acolhedor novamente. Jantar sozinho me traria mais uma vez a sensação de solidão. Antes dela entrar na

minha vida, adorava ficar sozinho, mas agora isso me assustava.

Eu nunca mais encontraria uma mulher como ela.

Tão ousada e forte. Suportando toda a dor pela qual teve que passar. Sua história sombria a preparara para esse momento, assim como a minha me preparara para o mesmo.

Quando chegasse a hora, eu realmente a deixaria ir?

ELA ESTAVA SENTADA À MINHA FRENTE NA

MESA DA SALA DE JANTAR, COM O CABELO

ARRUMADO EM CACHOS SOLTOS, PERFEITO PARA SEREM PEGOS COM OS PUNHOS. Ela usava um vestido roxo escuro, sem mangas. Ou tudo combinava com ela, ou Lars tinha uma compreensão inata de seu corpo.

O pensamento me deixou um pouco ciumento.

Esta noite era diferente. Ela estava mais quieta do que o habitual e evitava contato visual. Bebeu seu copo de vinho e comeu em silêncio. As perguntas que costumava me fazer sobre o meu dia não aconteceram. O

silêncio era desconfortável.

Então fui o primeiro a falar.

- Como foi o seu dia?

Ela terminou de comer um pedaço de pão francês.

Sua boca se movendo levemente ao mastigar. Ela tinha maneiras impecáveis à mesa, algo que eu apreciava. E

enquanto mastigava, não emitia nenhum som.

- Há algo que eu quero falar com você.

Minha espinha ficou tensa quando ela conduziu a conversa, era uma adversária que me surpreendia a cada dia.

- Estou ouvindo.

- Eu tenho setenta botões no jarro.

Essa era uma informação que eu já conhecia. Estava levando a contagem de cabeça. Cada botão que lhe dava estava carregado de aflição. Havia momentos em que não queria lhe dar nenhum. Queria mentir e afirmar que ela não os merecia, pois não tinha me feito gozar. Mas ela não acreditaria nisso nem por um segundo pois, podia sentir a quantidade de esperma que a inundava todas as noites sem falhar, por várias vezes.

- Eu sei.

- Quando você quer algo de mim, me dá os botões. E

quando eu quero algo de você, eu te pago com botões.

Agora eu não tinha ideia de onde queria ir. Ela estava se repetindo.

- Você pode chegar ao ponto?

- Eu quero algo de você. Estou disposta a pagar por isso.

Meu corpo acordou com sua demanda. Às vezes ela pedia para dormir comigo, e isso sempre lhe custava um botão. Eu não queria compartilhar minha cama com ela, mas queria desesperadamente aquele botão. Era um preço baixo a pagar para transar com ela a noite toda. Ela queria algo diferente agora?

Meus pensamentos aceleraram, até chegar a uma conclusão. Isso me deixou muito quente. E se ela quisesse me machucar, assim como eu fiz com ela? Me amarrar e me chicotear até sangrar por todo o chão? Eu nunca permiti que uma mulher fizesse isso comigo antes.

Nunca passou pela minha cabeça. Mas a ideia dessa mulher fazer isso comigo... quase me fez perder a cabeça.

Ela era forte e implacável, me açoitaria com tanta brutalidade que eu não precisaria encorajá-la. Ela faria por conta própria.

- O que você quer, Button? - Mantive um tom neutro, escondendo a emoção na minha voz. Eu tinha uma

ereção de pedra na minha calça e resisti ao impulso de me ajustar.

- Quero mais.

Mais dor? Mais chicotadas?

- Mais o quê?

- Eu quero que você me leve para ver um show e jantar fora.

Minha mente ficou em branco assim que ouvi suas palavras. Eu não tinha certeza se as ouvia corretamente.

Era possível que minhas fantasias estivessem interferindo no que ela dizia. Fiquei quieto, esperando por uma explicação.

- Por dois botões.

Bem, ela dissera o que eu achava que havia dito.

- Isso é uma piada?

Ela cruzou os braços sobre o peito mantendo a confiança.

- Não.

Quando minha fantasia se fragmentou em mil pedaços, o que deixou para trás foi irritação.

- Eu não vou te levar em um encontro. Já te disse, não sou seu namorado.

- Eu nunca disse que você era.

- Então estamos entendidos.

Ela tamborilou com os dedos o braço.

- Cinco botões.

Cinco botões eram muitos. Era o preço habitual de uma noite com ela amarrada na cabeceira da cama.

- Você não precisa fazer nada que não queira fazer. -

Ela estava repetindo minhas próprias palavras. - Mas isso é o que quero. E quanto mais botões eu gasto, mais tempo terá comigo.

Essas últimas palavras me intrigaram. Se aceitasse seus botões, ela teria menos no pote. E seria forçada a ficar aqui mais tempo, possivelmente indefinidamente.

Talvez um encontro não fosse tão ruim assim.

- Dez. - Eu ia tirar o máximo de proveito disso.

- Cinco. O montante não é negociável.

Eu sabia que pedir dez era demais. Chicoteá-la custava vinte botões, e seria ridículo cobrar-lhe dez só para jantar fora com ela.

- Tenho algumas perguntas.

- Pergunte.

- O que você ganha com isso? – Ela já passava tempo de sobra comigo.

Na verdade, jantávamos juntos quase todas as noites. Transávamos todas as noites. Seus lábios

recebiam continuamente meus beijos. Por que gastar dinheiro com algo assim?

- Eu tenho muito a ganhar, na verdade.

Eu não via essas vantagens. Então pensei claramente.

- Você quer que eu te leve para cidade, então pode escapar. - Ele era um tolo por não ter chegado a essa conclusão desde o início. - Não vai acontecer.

- Eu não vou fugir.

- Sério? Pensei que não mentiríamos um para o outro.

Ela se inclinou sobre a mesa, dominando-me com os olhos.

- Não faz sentido tentar escapar. Não tenho dinheiro e nem documentação para fazer um voo internacional. A única maneira de ir para casa é se você me ajudar.

Eu não podia argumentar com esse raciocínio.

- Você poderia ir para a embaixada.

- Eu não tenho ideia de onde é. Não quero arriscar procurar por ela, quando Bones poderia me encontrar.

Eu prefiro ficar aqui com você mil vezes do que voltar com esse psicopata.

Minhas suspeitas se acabaram.

- Eu ainda não entendo.

- Você é meu único amigo, Crow. Eu gosto de estar com você, mesmo se não fodermos. Eu simplesmente quero mais de você. Preciso de carinho e atenção. Preciso de algo.

Tentei entender suas necessidades. Ela estava trancada naquela casa há meses. Nossas conversas eram mínimas. Nós passamos quase todo o nosso tempo juntos fodendo. Não havia muito mais que isso.

- A razão não importa. Eu ainda não entendo completamente porque

você gosta de me machucar tanto. Por que adoro seu pau enorme dentro de mim depois de me bater. Mas não fico me perguntando sobre isso, porque não faz diferença. Isso é o que eu quero.

Pegue meus botões e conceda minha vontade. Ou não faça nada.

Quando ela explicou dessa maneira, não pude procurar um “mas”. Ela estava certa. Quaisquer que fossem as razões, elas não importavam.

- Eu aceito seus termos.

- Obrigada.

Quanto mais botões ele recebesse, menos ela teria.

E assim seria minha para sempre.

LARS RECEBEU-ME NA ENTRADA.

- Você tem alguma preferência pelo jantar hoje à noite, senhor?

- Não. Eu vou sair.

- Sair? - Eu era conhecido por preferir a solidão.

Jantar fora era algo muito raro. E Lars não conseguiu esconder sua surpresa com a minha declaração.

- Sim. Button e eu vamos sair.

- Oh, isso parece bom. - Ele me deu um breve aceno de cabeça antes de voltar para a cozinha, provavelmente para dizer aos cozinheiros que tinham a noite de folga.

Fui ao seu quarto no segundo andar e bati na porta com os dedos.

- Entre.

Não importava quantas vezes eu batesse na porta, não conseguia me acostumar com isso. Queria invadir seu quarto porque ela pertencia a mim. Mas se eu fizesse isso, seria um escândalo. Entrei em seu quarto ainda vestindo o terno.

Ela estava de pé junto à janela, contemplando os campos.

Eu sabia que ela amava a vista, porque a janela estava sempre aberta. Quando acionei o alarme durante a noite, tive que excluir essa janela. Eu nunca poderia pedir para fechá-la. Ela me deixaria saber sua opinião sobre isso.

- Você gostaria de jantar comigo esta noite?

Finalmente ela olhou para mim, sem demonstrar interesse.

- Claro.

Eu deveria ter escolhido melhor as minhas palavras.

- Você gostaria de jantar comigo na Toscana? Achei que poderíamos ir a uma degustação de vinhos mais tarde.

Seus olhos se iluminaram imediatamente e sua emoção era evidente. Ela se afastou da janela e me deu toda a sua atenção. Eu nunca tinha visto essa alegria em seus olhos antes. Ela nunca olhou para mim assim. As únicas expressões que me dedicava eram desdém e luxúria... menos quando havia chorado ao testemunhar meu sofrimento.

Tentei bloquear essa lembrança.

- Eu adoraria. - Ela cerrou as mãos na frente do peito.

- Quando?

- Assim que você estiver pronta.

- Vou precisar de vinte minutos.

Estendi a palma da minha mão com os dedos esticados.

Ela olhou para minha mão, a alegria em seus olhos diminuindo. Pegando os cinco botões no pote os jogou na minha direção. Então cruzou os braços e esperou que eu saísse.

Coloquei-os no bolso e saí do quarto, sabendo que havia deixado o ambiente carregado.

Ela me encontrou no saguão meia hora depois.

Vestia um vestido preto apertado que marcava os quadris e a cintura, e expunha uma boa quantidade de decote, usava também um colar de ouro em volta do pescoço, algo que Lars havia escolhido para ela.

Notei seu cabelo arrumado por cima do ombro. Ela usava mais maquiagem do que o habitual. Parecia totalmente fodível.

Ela estudou minha reação quando se aproximou de mim. Tentando ler minha expressão, como sempre fazia.

Eu sabia que ela odiava o fato de que eu a entendia muito bem, mas ela não conseguia me ler.

Embora não precisasse se incomodar, pois lhe dei muitas respostas sem ela perguntar... de vez em quando.

- Button, você está perfeita. - Passei o braço pela cintura dela e a puxei para mim, amando sentir seus seios perfeitos contra o meu peito. Quando terminássemos a nossa noite, iria transar com ela e gozaria sobre esses peitos impressionantes.

- Obrigada. Você também está muito atraente. - Ela colocou a mão no meu peito. O botão de cima estava desabotoado e seus dedos tocaram minha pele nua.

Talvez eu a fodesse no carro.

- Vamos embora. - Quanto mais cedo acabássemos com isso, mais cedo voltaríamos para casa. E eu estaria entre as pernas dela, movendo-se através de sua umidade, bem onde eu deveria estar.

DIRIGI MEU AUDI DE UMA EDIÇÃO ESPECIAL

ENTRE AS COLINAS A CAMINHO DA CIDADE. Eu preferia as paisagens gloriosas de espaços abertos.

Amava o cheiro das oliveiras. Quer fosse verão ou inverno, a Toscana era linda. Eu tinha viajado para muitos lugares diferentes, mas nenhum era tão extraordinário como este país.

Ela olhou pela janela enquanto eu dirigia, valorizando a falsa sensação de liberdade. Esteve trancada em duas casas diferentes desde que foi sequestrada. Agora deveria se sentir mais viva do que há um bom tempo.

Eu sabia que ela não ia fugir. Depois da desconfiança inicial, o pensamento nem sequer me ocorreu novamente. E não me incomodei em pegar a arma porque não estava preocupado. Havia sempre uma arma no carro, mas não estava carregada.

- Acho que nunca vi um lugar mais bonito... - Seus olhos seguiram as colinas enquanto avançávamos.

- Por que não?

Ela se virou me olhando com seus lindos olhos sombreados pela maquiagem, além daquela boca esculpida por um batom vermelho rubi.

Eu imaginei aquela cor borrada ao redor da base do meu pau.

Ela moveu a mão para a minha apoiada na alavanca do câmbio, e eu imediatamente suspeitei de suas ações.

Estava tentando ganhar o controle do carro? Ela era uma lutadora, então não ficaria surpreso. Em vez disso, ela colocou a mão na minha.

Eu a olhei, sem saber o que ela estava fazendo.

Normalmente eu a teria removido. Não era um homem afetuoso. Se a coisa não terminasse em sexo, eu não estava interessado. Mas ela havia me dito o que queria e pagará por isso. Eu poderia lhe dar isso. Então virei minha mão e entrelacei meus dedos com os dela.

Ela olhou para nossas mãos unidas, mas não reagiu, voltando a olhar pela janela novamente, com a sua mão ainda dentro da minha. Depois de um tempo, passou o polegar pelos meus dedos, sentindo a pele endurecida e cheia de calos.

O contato me acalmou. Mas percebendo isso fez meu corpo ficar tenso de irritação. Afeto era difícil de dar e ainda mais difícil de receber. Queimava no meu sangue e me fazia alguém cheio de ódio.

Mas eu poderia fazer isso. Se isso era o que ela queria, se essa era sua fantasia, eu poderia fazer isso. Ela tinha que ser minha escrava pelo maior tempo possível.

E apertar suas mãos faria isso acontecer.

ELA ESTAVA SENTADA A MINHA FRENTE NA

MESA DO RESTAURANTE E OLHAVA PARA O

MENU. Seus olhos passeavam por cima, até que ela

puxou um pedaço de papel dobrado da bolsa, o conferiu e retornou ao

menu.

Olhei para ela com interesse.

- Button, o que você está fazendo?

- Decifrando o menu. Está tudo em italiano.

Fiz um gesto para que o deixasse na mesa.

- Eu vou traduzir para você.

- Não. - Ela disse rapidamente. - Eu quero descobrir sozinha. - E acenou com a mão para me afastar e continuou a usar suas anotações para decidir o que iria escolher. -Eu não gostaria de pedir caracóis.

O canto da minha boca se curvou em um sorriso.

- Isso é francês, não italiano.

- Oh.... Mesmo assim, não quero nada disso. - Ela passou os dedos pelos cabelos distraidamente, sem ter ideia de como era sexy ao fazê-lo. Diamantes brilhavam em suas orelhas, brilhando à luz das velas.

Ela era a mulher mais deslumbrante do salão, sem comparação. Na verdade, era a mulher mais linda em qualquer lugar em que ele entrasse. Quando a viu pela primeira vez, não ficou muito impressionado. Ela estava com uma longa série de mulheres exóticas e bonitas. Mas agora eu me sentia diferente. Notava as pequenas sardas

que salpicavam suas bochechas quando não estava usando maquiagem. A maneira como um canto de sua boca subia um pouco mais do que o outro quando ela sorria. E também o quanto esbelta e perfeitas suas pernas eram. Cada cicatriz testemunhava sua força, tornando-a invencível. E mesmo quando ela chorava, as bochechas manchadas e os olhos vermelhos... eram espetaculares.

Fui atraído por seu espírito como uma mariposa pela chama. Mesmo quando ela tinha caído em depressão, era ainda mais forte do que eu já tinha sido. Mesmo sentindo medo, ela se defendia porque entendia que ninguém mais faria isso por ela.

Ela merecia meu respeito. E o tinha.

- Ok, acho que sei o que quero. - Ela dobrou o papel e colocou de volta na bolsa.

Eu não tinha percebido o quanto estava distraído.

Tinha passado cinco minutos sentado lá listando as qualidades que ela possuía. Meus pensamentos internos eram como um redemoinho, quando eu normalmente não pensava em nada.

- E o que você decidiu?

- Eu quero a lasanha.

Uma risada suave borbulhou no meu peito.

- Não vai ter nada a ver com essa merda americana que você está acostumada.

- Melhor ainda, assim eu posso comparar.

- Que tal um pouco de vinho? - Lhe estendi a carta de vinhos por cima da mesa.

Ela rejeitou.

- Não tenho vergonha de reconhecer que não sei nada sobre vinhos. Você é o especialista.

- O que você gosta? Vermelho ou branco?

Ela levou os dedos em volta do cabelo, soltando uma mecha da orelha.

- Eu não tenho certeza. O que bebemos na fazenda era muito bom. Como eu disse, aqui você é o especialista.

- Então, deixe comigo.

A garçonete se aproximou da nossa mesa e seus olhos brilharam quando olhou para mim. Ela provavelmente me reconheceu dos vinhedos. Eu não era uma celebridade, longe disso, mas os toscanos conheciam bem seus vinhos ... e de onde vinham.

Ela trocou alguns elogios comigo em italiano, ignorando meu encontro. Rapidamente redirecionei a conversa para a comida. Em italiano, pedi para nós dois e entreguei-lhe os menus.

Ela esboçou um sorriso falso, escondendo a dor da minha rejeição.

Quando estávamos sozinhos novamente, observei Button acima da mesa. Havia uma sugestão de irritação em seus olhos, mas ela

escondeu a maior parte de seu desconforto.

- Eu estava apenas conversando sobre meus vinhedos.

- Eu pensei que não estávamos mentindo um para o outro. - Sua voz se transformou em gelo, me pegando em cheio.

Como ela sabia?

- Eu entendo um pouco de italiano. Ela estava dando em cima de você, assumindo que eu era uma americana estúpida que não conseguia imaginar o que estavam dizendo. Todos os italianos são tão desrespeitosos?

O fogo em sua voz acordou minha virilha por baixo da calça. Ouvir sua raiva e possessividade me animou ...

embora eu devesse estar irritado.

- Hoje à noite eu vou voltar para casa com você.

Então deixe estar.

- Continua sendo irritante ... - Ela pegou um pedaço de pão da cesta e quebrou alguns pedaços antes de colocá-los na boca.

Eu não saía para jantar com muita frequência. As únicas vezes em que fazia isso era quando estava saindo com alguém ou tinha uma reunião. Embora eu adorasse comida, preferia as refeições que o Lars preparava...

porque não era necessária interação social.

- Você sai com mulheres? - Ela olhou para as mãos e começou a partir o pão.

- Agora mesmo?

- Não. Antes de mim.

Não queria que me fizessem esse tipo de pergunta, mas assumi que fazia parte do acordo. Se ela não perguntasse nada, não haveria muito o que conversar.

Eu não me importava com o silêncio, mas ela sim.

- Eu tenho relacionamentos ... aqui e ali.

- Então você não lhes bate como faz comigo?

- Não, eu faço. - Essa era a melhor parte do relacionamento. Quando elas confiavam em mim, me permitiam fazer as coisas mais distorcidas, chegando a adorar e pedirem mais.

- Você já esteve com uma mulher sem recorrer a isso?

- Algumas. - Me enrolava algumas vezes, mas nunca ficava satisfeito. Eu precisava de violência para realmente me excitar e satisfazer o meu apetite. - Mas elas não duram muito tempo.

- Você quer se casar em algum momento? Ter filhos?

- Não! - A resposta soou dura, ofendida até. Na minha linha de trabalho, eu não podia me apaixonar por ninguém. Não poderia ter uma esposa e uma família. Eu sempre seria um alvo, até o final dos meus dias. Se alguém quisesse me machucar, tudo que teria que fazer era pegar alguém que amava.

E eu não poderia perder mais ninguém.

Button entendeu que havia cruzado um limite com sua pergunta e recuou.

- Desculpe se te ofendi.

- Então, não o faça.

- Eu estava apenas curiosa. Sem más intenções.

- Você quer se casar um dia?

- Não. - Ela disse tão rapidamente quanto eu.

Isso me surpreendeu. Desde que ela quis sair para um encontro, assumi que ainda acreditava em romance.

Eu estava errado de qualquer maneira.

- Posso perguntar por quê?

- Não confio em ninguém. E nunca mais farei isso. -

Terminou a fatia de pão e pegou outra.

Eu não toquei na cesta, não gostava muito de pão.

- Você não deveria deixá-lo arruinar o seu futuro. -

Nem todos os homens teriam feito algo tão sádico. Ele era um criminoso, um assassino e um ladrão. Nem mesmo eu teria feito algo assim. - Você encontrará alguém que realmente se importe de verdade.

- Mesmo assim, minha capacidade de confiar desapareceu. Nunca mais voltará.

- Tudo volta ... com o passar do tempo.

Ela balançou a cabeça.

- Quando você vê o que eu vi, isso não é possível. Eu vi como os homens são realmente horríveis. Como seus paus controlam até mesmo o menor de seus movimentos. Vi a verdadeira face das pessoas ... e os homens são todos iguais.

Eu queria refutar esse ponto, mas não consegui. Eu era um dos homens mais malvados que já conheci. Posso não tê-la estuprado, mas isso não me fez uma boa pessoa.

Ainda estava esperando por um suborno para fazê-la abrir as pernas. Então, eu não era melhor que eles.

- Eu sinto que essa experiência fez você perder a fé.

- Ela não fez isso. Só abriu meus olhos.

A garçonete voltou com os nossos pratos e os colocou na nossa frente. Ela só tinha olhos para mim e ignorou Button, provavelmente assumindo que ela era um colega ou uma cliente, não minha escrava sexual.

Button olhou para a mão dela, ameaçando-a silenciosamente.

Ela serviu o vinho e depois desapareceu ...

felizmente.

Quando se foi, o mau humor de Button se dissipou.

- Você é do tipo ciumenta?

- Não sou ciumenta. - Ela cortou sua lasanha. - Não gosto que as pessoas me ignorem como se fosse insignificante.

- Provavelmente acha que você é uma cliente.

- Bem, eu não sou. - Ela deu algumas mordidas, ainda tensa.

Eu nunca quis me casar e não confiava em ninguém, e mesmo assim estava com ciúmes. Isso não se somava.

Mas é claro que se eu visse um homem se aproximando a um metro dela, eu enfiaria uma faca no peito dele. Não tinha nada a ver com amor. Tudo girava em torno da possessão.

- Agora ela vai saber. - Enfie a mão sobre a mesa e peguei a dela. Entrelacei nossos dedos e continuei comendo.

Seus dedos responderam aos meus imediatamente.

Eles se moveram pela minha pele até que a agarrei com força. Ela olhou para nossas mãos unidas e sua raiva desapareceu instantaneamente, substituída pela afeição.

NÓS ESTÁVAMOS SENTADOS em uma mesa perto da janela e apreciando nossos aperitivos. Eu já tinha experimentado todos os tipos de vinhos das proximidades. Sabia o que produzia e entendia o que meus concorrentes estavam fazendo. A experiência era tudo, menos excitante.

Mas Button estava gostando disso.

Ela provou cada um dos vinhos.

- Gosto deste.

- Ele é um dos meus.

- Sério?

Eu balancei a cabeça.

- Quantos tipos de vinhos você produz?

Essa foi uma pergunta capciosa.

- Por alto... pelo menos uma centena.

- Uau. Você sempre se interessou por vinho?

- Suponho que sim. Mas também sempre me interessei por licores fortes.

- Você começou as vinícolas por conta própria?

Assenti.

Ela descansou os pulsos na beira da mesa, mostrando seus braços sensuais e tonificados. Seu cabelo caíra em ambos os ombros porque ela havia parado de tocá-lo e emoldurava o rosto como se estivesse prestes a entrar em uma sessão de fotos. O vestido cobria suas cicatrizes, mas eu sabia que elas estavam lá.

- Como você conseguiu?

Ele forçou sua mente a se afastar das pequenas cicatrizes que franziam sua bunda.

- Eu estava no ramo de armas há muito tempo. Tive uma discussão com meu pai e me propus a abrir minha própria empresa. Eu estava cansado de ser mandado, de viver em sua sombra. Então peguei minha parte e abri as vinícolas. Dentro de alguns anos, elas viraram um sucesso.

- Quando você voltou aos negócios?

- Quando meu pai morreu. - Eu nunca tinha realmente chorado por ele. A última vez que

conversamos, nós dois dissemos coisas dolorosas. Anos de silêncio se passaram até que mamãe me ligou para me contar as novidades. - Voltei aos negócios com Cane e nos tornamos parceiros. Então meu tempo foi dividido entre as duas coisas.

Embora ela estivesse em silêncio, vi o interesse em seus olhos. Cada uma das minhas palavras permanecia em sua mente. Sempre que estávamos juntos, me dedicava toda a sua atenção.

- Você gosta disso agora?

- Na verdade não. – Esses negócios não eram algo de que me orgulhasse. Causam mais problemas do que valem a pena. Criei muitos inimigos, do tipo que nunca dormiam. Bones era meu maior adversário, uma concorrência que havia nascido antes mesmo de nos conhecermos. - Mas Cane quer que eu seja parte disso.

Ele não quer fazê-lo sozinho.

- Quando você começou a dar-lhe ouvidos?

O canto da minha boca se levantou em um sorriso.

- Eu sei que ele não pode lidar com isso sozinho. É

impulsivo, enquanto eu sou metódico. Ele é impaciente, enquanto eu levo as coisas com calma. Pensa

avidamente, em vez de logicamente. Nós nos equilibramos.

- Você gosta das vinícolas?

- Sim. É uma maneira honesta de ganhar a vida e tenho orgulho do que consegui. Eu fundei as vinícolas com dezoito anos e, em poucos anos, elas se tornaram as maiores da Itália.

- Sua mãe deve ter se sentido orgulhosa.

- Sim. - Mas meu pai nunca. Ele me chamava de maricas de merda.

- Eu gostaria de vê-las em algum momento, se você estiver disposto a mostrá-las para mim.

- Claro. - Eu não me importaria de tomá-la na minha mesa do escritório depois de passar o dia nos campos.

Não me importaria de exibi-la na frente dos meus trabalhadores, permitindo-lhes ver a mulher que levava para a cama todas as noites. Ter ela pendurada no braço às vezes era um ato de poder.

Ela terminou seu vinho e passou para o seguinte.

- Obrigada por responder minhas perguntas.

Ela morava comigo há três meses e nunca tivemos uma conversa sobre algo real. Nós sempre fomos direto a ação, direto para os botões e os laços. Respondi suas

perguntas com facilidade, sem sequer notar. Ela sabia mais sobre mim do que qualquer um, exceto Lars.

- Não me importo de respondê-las quando não parecer um interrogatório.

- Eu nunca quis questioná-lo. Só queria te conhecer.

- Seus olhos baixaram para o copo e ela girou o vinho antes de tomar um gole.

Sempre que ela desviava o olhar, eu a observava.

Examinava a maneira como seus dedos agarraram a borda do copo com as unhas pintadas. Estavam pintados de vermelho rubi, combinando com a cor do batom. Ela tinha dedos longos e finos, perfeitos para envolver meu pau quando me fazia um boquete. Quando abaixava suas pálpebras, podia distinguir cada um de seus cílios estendendo-se e curvando-se sobre suas bochechas. Ela era bonita sem maquiagem, mas quando se produzia, parecia boa demais para ser real. Nunca na minha vida me sentei na frente de uma mulher mais espetacular que ela. E ela não fazia ideia disso. Como alguém com um passado tão abrupto poderia ser tão suave e bonita?

Como ela manteve sua elegância natural, seu orgulho?

- Você cresceu em Nova York?

Ela terminou o vinho antes de colocar a taça de volta na mesa.

- Nascida e Crescida. Não existe outra cidade no mundo que possa ser comparada a ela.

- Você sente falta dela?

Ela encolheu os ombros.

- Estar em um lugar como aquele, com todo o tráfego, as pessoas, o barulho e poluição me incomodava. Minha pele parece melhor do que nunca, e tenho a sensação de que meus pulmões podem respirar profundamente pela primeira vez. Então não, acho que não sinto falta dela. Eu costumava amar aquele lugar, mas agora que estou aqui... não amo mais.

Pelo menos ela estava curtindo na minha fazenda.

Vivia uma vida de luxo, tinha todos os seus desejos atendidos e vivia no vale mais bonito do mundo.

- Você falou com seus pais desde que eles se separaram? - Seu dossiê havia revelado muito sobre ela, mas não continha os detalhes que apenas uma conversa me daria.

- Não. - Não havia amargura em sua voz. - Eu duvido que eles se importem. Fui um acidente com o qual eles não sabiam o que fazer. Viver acolhida era difícil. Na rua

também. Mas eu preferiria passar por tudo de novo do que voltar a me aproximar deles.

Eu não hesitei com o ressentimento de sua voz. Meu pai e eu nos enfrentávamos ao longo dos anos, mas isso era porque ambos éramos muito controladores. Era espancado quando discordava dele, mas isso só me fez pressionar mais. No entanto, eu o respeitava. Eu tinha tido muito mais sorte do que ela.

- Te adotaram alguma vez?

- Uma vez. Uma família de Manhattan que era muito boa. Eu gostava deles. Mas então ela ficou grávida e eles perceberam que não podiam se dar ao luxo de ficar comigo. Então eles me devolveram.

Minha expressão não mudou, mas senti meu coração encolher. Ser acolhido em uma família e depois substituído quando o verdadeiro filho chegava devia ser um pouco traumático.

- Quantos anos você tinha?

- Treze.

Era pior.

- Sinto muito.

- As coisas são como são. Quando comecei a faculdade, tornei-me a pessoa que deveria ser. As

pessoas não sabiam nada sobre meu passado, então eu consegui fazer uma nova vida para mim, foi quando tudo mudou. As coisas melhoraram e eu estava feliz pela primeira vez na minha vida, empréstimos à parte. - Ela riu um pouco antes de se servir da próxima amostra de vinho.

Eu a admirava mais do que nunca. Ela viveu um inferno, mas saiu disso positivamente. Poderia ter afundado em autopiedade, mas nunca o fizera. Ela havia suportado e não desistido.

Então me lembrei.

- Você teve um namorado na faculdade? - A ideia me deixou doente.

Houve outros homens antes de mim.

Haveria outros homens depois de mim. A ideia não deveria me incomodar. Na verdade, eu nem deveria me estressar com o pensamento. Mas fazia. Eu fiz uma pergunta que não queria saber a resposta.

- Sim. - ela sorriu ao lembrar. – Jason. Ele era um cara legal.

Ela falou com carinho do seu ex. Essa era uma ocorrência rara.

- Por que vocês terminaram?

- Ele era dois anos mais velho que eu, então se formou no final do meu segundo ano. Conseguiu um emprego na Califórnia e o relacionamento de longa distância simplesmente não funcionou. Cada um foi para um lado, como amigos.

- Vocês ainda estão em contato?

- Nós enviávamos mensagens de texto de tempos em tempos. Mas nada muito íntimo. Eu nunca perguntei se ele estava vendo alguém, e vice-versa. Foi um acordo que chegamos sem falar.

Agora começava a soar como o homem que escapou.

Eu estava cada vez mais desconfortável, sentindo uma raiva inexplicável. O fato dela ter amado um homem e ainda o amar me queimava. Sua vida passada não deveria importar para mim. Também não devo me importar com seu futuro. Mas isso me perturbou profundamente.

- Você dormiu com ele?

Ela revirou os olhos, com um sorriso nos lábios.

- Eu estava na faculdade. Porra, claro que dormi com ele.

Essa resposta só me fez sentir mais tenso. Eu queria mudar de assunto porque me sentia mais desconfortável

a cada segundo que passava. Mantive meu rosto impassível, mas minha mão agarrou a taça com tanta força que estava prestes a explodir em pedaços.

- Qual é o seu vinho favorito?

Ela revisou as garrafas na mesa e mordeu o interior de seus lábios enquanto tentava chegar a uma conclusão.

- O segundo.

Um dos meus.

- Qual é o seu?

- Eu não posso responder a essa pergunta.

- Porque não?

- Conflito de interesses.

- Você não está em uma entrevista para o jornal. Está falando comigo.

Eu me inclinei para frente e examinei as garrafas.

- O segundo.

- Bom. Seria estranho se você preferisse o vinho de outra pessoa ao seu.

- Eu acho. - Coloquei meu copo vazio na mesa - Você está pronta para sair? – Havíamos jantado e bebido vinho. Cumpri minha parte do acordo. Eu a queria na cama, embaixo de mim. Queria apagar a memória daquele namorado patético dela. Como ele poderia tê-la deixado escapar? Soou como um maldito idiota para mim.

- Sim. Eu gosto de passear no seu carro. É agradável.

Se ela quisesse entrar na minha calça, só tinha que elogiar o meu carro.

- Obrigado. É muito mais agradável quando você está no banco do passageiro.

Ela me deu um sorriso sedutor.

- E o assento do banco traseiro?

ENTRAMOS

EM

SEU

QUARTO

E

IMEDIATAMENTE ME APROXIMEI DELA POR TRÁS

E ABAIXEI O ZÍPER DO VESTIDO APERTADO. O

abaixei completamente até expor o topo do seu fio dental preto e aquelas nádegas suculentas. Um grunhido baixo escapou da minha garganta ao vê-la. Meu pau já havia começado a escorrer meu gozo. Ele estava desesperado para entrar naquela fenda escorregadia.

Abaixei o tecido fino do seu vestido até os tornozelos e me ajoelhei. Empurrei seu tronco para baixo, fazendo-a se dobrar ao pé da cama. Eu agarrei o fio dental com meus dedos e o empurrei para o lado enquanto minha língua lambia sua pequena boceta. Estava molhada

como eu previra, e gostava de fazer com que ela ficasse ainda mais úmida.

Ela gemeu, puxando suas nádegas para se pressionar contra a minha boca. Ela queria que minha língua grossa esfregasse o clitóris sensível. Nós estávamos juntos o suficiente para entender exatamente o que o outro queria. Eu sabia do que ela gostava e do que não.

Levantei-me e tirei minhas calças e boxers. Eu queria penetrá-la violentamente por trás, ver como suas nádegas tremiam a cada empurrão que dava. Meus dedos rapidamente abriram minha camisa e eu estava totalmente nu atrás dela.

Ela se virou e avançou pela cama, encostando as costas na cabeceira da cama.

Eu não entendi seus movimentos, mas não os questionei. Rastejei em cima dela e beijei o vale entre seus seios. Eu amava seus peitos quase tanto quanto a bunda dela. Era perfeita.

Sua mão se moveu entre as coxas abertas e esfregou seu clitóris. Ela gemeu baixinho por mim, arqueando as costas para que pudesse colocar um dos seus mamilos na minha boca.

Porra, era sexy pra caralho.

Eu torci um mamilo e chupei o outro, ouvindo como ela gritava e

gemia ao mesmo tempo. Ela começou a esfregar seus dedos com mais força e soltou um gemido alto para mim, não se importando que alguém na mansão ouvisse os gritos de prazer que ela soltava apenas para mim.

Observá-la toda a noite fez que eu me desesperasse por ela. Amava a aparência escura e esfumada da maquiagem nos olhos. Amava a cor vermelha rubi de seus lábios. Estava linda à luz das velas. Meu pau queria se meter o mais profundamente que eu pudesse dentro dela.

Eu me pressionei contra seu estômago, espalhando meus fluidos por seu umbigo. Produzia lubrificação abundante, mas nunca precisei. Ela sempre estava encharcada por mim.

Me afastei e agarrei seus quadris. A virei de bruços.

La pregá-la naquele colchão e ouvir seus gritos afogados contra os travesseiros.

Ela se virou.

- O que você está fazendo?

Olhei para ela no escuro, sem saber se tinha perdido alguma coisa.

- Fodendo você.

- Eu quero fazer desse jeito. - Ela envolveu suas pernas em volta da minha cintura e me puxou para cima dela.

- Eu não me importo como você quer fazer isso. - Nós fazíamos as coisas do meu jeito, e ela teria que aceitar. Eu a faria gozar, não importando se estivesse pendurada no teto ou dobrada em uma cômoda. Eu não fazia a posição missionária porque era íntimo demais para o meu gosto.

Nós só fizemos isso uma vez porque estava tentando que se acostumasse com o nosso relacionamento. A última vez que ficamos cara a cara, ela chorou por causa do meu sofrimento. Eu não queria sentir essa proximidade, ou como nossos corações pulsavam em sincronia.

- É a minha noite. - Ela apertou minha cintura com as coxas. - Você fará o que eu disser. Agora obedeça.

Minha coluna ficou imediatamente tensa com a ordem. Nenhuma

mulher jamais ousou me dar instruções. Ela fez isso com tão pouco esforço e com tanta convicção que minha ereção aumentou. Eu era o dominante, o homem que precisava controlar. Mas

aquela mulher me excitou demais. Era meu par perfeito.

Eu estava prestes a fazer o que ela pediu.

- Você está muito confiante esta noite. Vire-se, vou te foder de cabeça para baixo.

- Não. Eu paguei pela noite. Você vai fazer o que eu quiser sem perguntar, assim como eu faço por você. - O

fogo ardia profundamente em seus olhos, prestes a me queimar com seu calor.

Meus olhos se estreitaram, confusos.

- Você pagou por um jantar. Sexo não estava incluído.

- Isso estava subentendido.

- Não.

- Sim. - Ela enfiou as unhas em meus braços, me dando um aviso silencioso. - Eu quero fazer assim.

Devagar. Quero que você me beije como se eu fosse a única mulher no mundo que é importante para você.

Agora faça isso.

Ela queria sexo baunilha. Uma merda, eu não daria isso a ela.

- Eu não vou fazer amor com você.

- Você pode apostar sua bunda que sim.

Sua resposta me colocou a mil. Eu queria esmagar minha boca contra aquela linda boca pequena dela. Ele queria forçá-la a se submeter, mas também queria que ela se defendesse.

- Isso não fazia parte do acordo. Agora cale a boca para que possamos transar. – Meu pau latejou dolorosamente querendo um alívio.

- Perfeito. Dois botões.

- Não. - Não importava quantos botões ela pudesse me pagar. Eu não fazia baunilha. Nunca tinha feito isso e nunca faria.

- Cinco.

- Você não tem botões suficientes para me obrigar a fazer isso.

Ela arrastou as unhas pelo meu peito e as enterrou na minha pele até quase sangrar. Sua voz caiu em tom sensual e poderoso. Seus olhos não se afastaram dos meus.

- Eu fiz coisas com você que nunca pensei que faria.

Gostei de coisas que nunca pensei que iria gostar. Eu te dou o que você precisa. Agora me dê o que eu preciso.

Segurei seu olhar e senti minha determinação vacilar.

Ela colocou um beijo suave em meus lábios, me convencendo a cooperar.

- Agora.

Ela respirou fundo, enquanto sua confiança me fez hesitar. Suas palavras me fizeram pensar em tudo de novo. Eu tinha pendurando-a no teto presa com tiras de couro e a chicoteado até sangrar. Ela fez tudo o que pedi porque sabia que eu precisava daquilo. Assumira um risco e manteve a mente aberta. Isso era mais do que a maioria das mulheres faria.

- Três.

Suas mãos se moveram para os meus ombros e se arrastaram lentamente pelas minhas costas. Ela beijou o canto da minha boca e apertou suas pernas em volta da minha cintura.

- Três.

O acordo foi selado e mantive minha parte do acordo. Pressionei minha boca contra a dela e a beijei lentamente, concentrando-me no que estava fazendo, e nada mais. Bloqueei meus sentimentos e mantive meu pulso constante. Apreciei cada beijo e carícia fisicamente, nunca emocionalmente.

Ela respondeu imediatamente ao meu carinho.

Baixou as unhas pelas minhas costas, mas sem cortar a pele. Suas

carícias se tornaram suaves e convidativas. Eu respirava controladamente toda vez que a beijava, concentrando-me no ato.

Me coloquei em cima dela e meu pau encontrou sua abertura como se ele tivesse autoconsciência. Com suas pernas ao redor da minha cintura, pressionei a glândula contra o buraco encharcado dela.

Minhas costas se arquearam quando senti sua umidade. Isso produzia uma sensação maravilhosa contra o meu pau. Ela estava quente e escorregadia, ajudando meu membro grosso a deslizar para dentro sem problemas. Ela estava mais molhada do que nunca.

E isso era algo que eu não achava que fosse possível.

Lentamente me afundei nela, esticando-a em cada centímetro. Sua boceta era o paraíso e poderia ficar dentro dela para sempre. Meu pau queria fazer uma casa lá e nunca mais sair.

Ela entrelaçou seus tornozelos e os colocou no centro das minhas costas, contra a minha espinha. Ficou dobrada debaixo de mim, o peito apertado contra o meu.

Suas mãos procuraram meus quadris e os agarraram possessivamente.

- Crow... - Ela tinha os lábios entreabertos e o rosto vermelho. Estava gostando como uma louca e nós nem sequer tínhamos começado. - Oh Deus, Crow... - Ela agarrou minhas nádegas e me puxou completamente para dentro. - Que pau gostoso.

Eu parei antes de empurrar mais fundo. Suas palavras se arrastaram através da minha pele e me fizeram sangrar por toda parte. Elas me animaram ainda mais do que eu já estava. Eu praticamente não tinha feito nada e ela já estava tremendo debaixo de mim. Minha respiração ficou mais intensa e meu pau ainda mais sensível. Podia sentir o menor movimento dentro de seu corpo.

Eu me puxei lentamente antes de reentrar com um empurrão, esticando-a enquanto me introduzia em seu canal estreito. Meus quadris queriam endurecer meu ritmo imediatamente, fodê-la mais rápido, mas mantive meu corpo sob controle. Penetrando-a devagar e gentilmente.

Estava louco para gozar. Achei mais difícil do que o normal me controlar. Tudo o que eu tinha que fazer era

dar uma ordem ao meu corpo e ele obedecer. Mas naquele momento,

a normalidade havia saído pela janela. Eu não conseguia pensar com clareza quando aquela linda mulher gostava de ficar daquele jeito comigo. Era eu quem a fazia gemer e implorar por mais.

Eu era o rei que conquistara aquela rainha. Aquele por quem ela trocava pedaços de liberdade.

- Crow... - era a terceira vez que ela dizia meu nome, e isso quebrou seu recorde anterior.

Meus quadris empurraram devagar e minhas nádegas se contraíram a cada movimento. Eu a penetrei lentamente, mal movendo a cama. Meus lábios cobriram os dela e provei o vinho em sua língua.

- Você é linda. - As palavras saíram dos meus lábios por conta própria. Eu não tive que forçá-las. Quando me concentrei na conexão de nossos corpos, todo o resto se encaixou.

Ela derreteu embaixo de mim, seus lábios tremendo.

E disse meu nome novamente, desta vez com mais paixão do que nunca.

- Crow... - E enterrou suas unhas na minha bunda antes de passar seus braços em volta do meu pescoço.

Seus dedos enterrados no meu cabelo, acariciando os fios macios.

Nossos corpos estavam encharcados de suor e gememos juntos. Eu a beijei de novo, o prazer era intenso demais. Não conseguia me concentrar no que estava fazendo e beijá-la ao mesmo tempo. Pressionei minha testa contra a dela e olhei em seus olhos enquanto me movia. Assisti o fogo dançar em sua íris. Ainda eram azuis, mas estavam incandescentes.

Ela segurou meus bíceps, algo que ela normalmente fazia pouco antes de explodir.

- Eu vou gozar para você... - podia sentir a umidade aumentar entre suas pernas. Ela estava totalmente encharcada. Pingando pelos testículos e se espalhando pelos lençóis, molhando-os. Uma dor inesperada perfurou meu coração e senti que o ar deixava meus pulmões.

- Diga-me que você é minha. - Ela recusou inúmeras vezes, mas eu sabia que agora sua resposta seria diferente. Eu podia sentir nos meus

ossos, além da alma.

Ela ficou tensa ao meu redor quando o prazer lhe atingiu. Ela convulsionou e me apertou, seu sexo pressionado contra o meu tanto que me machucava.

- Crow... - Suas unhas afiadas se cravaram na minha pele. - Eu sou sua ... só sua.

Essas foram as palavras que eu estava querendo ouvir a meses. Agora que meu cérebro as registrou, meu corpo enfraqueceu e me entreguei ao prazer que consumia tudo. Meu pênis queimava enquanto meu sêmen viajava dos meus testículos para fora, derramando-me numa explosão poderosa, tirando tudo de mim.

- Button. - Coloquei um braço em volta de sua cintura e segurei-a com força contra mim, satisfeito mais do que tudo. Senti como se tivesse participado de uma maratona. Meus músculos se contraíram em dor, como se eu tivesse fodido com toda a violência possível. Tudo dóia, mas ao mesmo tempo senti um prazer indescritível.

Eu me afastei dela e deitei de costas. Minha respiração lentamente voltou ao normal e a temperatura do meu corpo diminuiu.

Minhas pálpebras estavam pesadas e eu estava pronto para dormir. Antes de me sentir muito cansado, sentei e me aproximei da beira da cama.

Ela pegou meu braço e me parou. Com um olhar simples, me disse exatamente o que queria.

Sem hesitação, aceitei. Deitei na cama ao lado dela e apertei-a firmemente contra o meu corpo. Corri uma perna em volta da sua cintura e meu pênis meio ereto se pressionou contra ela. Cara a cara, olhei para seus lábios macios. Eles estavam relaxados pelo sono. O batom vermelho se foi provavelmente espalhado pelo meu rosto e boca. Peguei seu rosto com uma mão e depois desci até o pescoço dela, onde pude sentir seu pulso suave.

Ela abriu os olhos e me olhou, exaustão se refletindo no fundo da íris. Seu fogo havia sido saciado e agora ela estava em paz. Sua mão se moveu para o meu peito, descansando seus os dedos lá.

Meu corpo assumiu o controle e eu pressionei seus lábios nos meus, dando-lhe um beijo que era diferente de todos os outros. Era suave, mas ao mesmo tempo agressivo. Doce, mas controlado. Me afastei e

senti frio quando não a tive contra mim.

- Minha.

Ela esfregou a mão contra o meu peito.

- Sua.

3

PERL

Eu amava a dor. Adorava a mordida do couro, o clique do chicote e a aspereza com que me penetrava.

Seus olhos escureciam até parecerem brasas o homem terno que eu conhecia desaparecia e era substituído por uma versão muito mais sádica de si mesmo.

Eu também gostava disso.

Mas eu amava baunilha.

Amava o jeito que ele me beijava suavemente, como seus lábios tomavam seu tempo e davam a cada carícia um propósito. Ele acariciava meus lábios como se estivesse tentando memorizá-los, para poder lembrar-se da sensação quando eu estivesse ido embora.

Suas coxas poderosas lentamente se aproximaram de mim, e cada centímetro de seu sexo parecia mais e mais espesso quando ele diminuía a velocidade. Eu

nunca estive tão úmida, e me sentia em outro mundo enquanto nos movíamos juntos.

Isso merecia cada um dos meus botões.

Não me sentia culpada por pedir que ele fizesse algo com o qual não se sentia à vontade. Ele tinha feito algumas coisas incríveis para mim... e eu tinha as cicatrizes que provavam isso. Mas assim que ele deu uma chance, tinha gostado. Eu sabia disso pela quantidade de sêmen que ele depositava dentro de mim e não fui capaz de conter tudo dentro de mim.

Foi a primeira vez que o deixei me possuir: toda, inteira. Ele ganhou isso fazendo algo por mim. Havia me dado o controle da situação, renunciando ao poder apenas aquela noite. Era difícil não estar no controle em todos os momentos. Mas de alguma forma, ele havia entornado isso: para mim.

Eu queria fazer isso com mais frequência. Mas já havia gastado nove botões para ter aquela noite e meu total diminuiu consideravelmente. Eu só poderia fazer isso mais seis vezes antes de ficar sem nenhum botão.

Perder minha liberdade não era o que me incomodava.

Estava perdendo minha capacidade de pagar pelas coisas que eu queria.

Eu precisava de mais botões.

DESCI PARA O CAFÉ DA MANHÃ ENQUANTO

ELE LIA O JORNAL DA MANHÃ. Estava vestido com um dos seus magníficos ternos e usava uma gravata com um tom vívido. Ele tinha penteado o cabelo para trás, mas ainda se enrolavam um pouco nas pontas. Era uma bela visão.

Empurrei o jornal e sentei no colo dele.

Em vez de ficar irritado ao ver seu ritual matinal interrompido, senti-o endurecer embaixo de mim. Ele olhou para mim com olhos frios, com seu exterior escuro e expressão plácida de volta ao normal. Ele raramente me deixava me aproximar tanto dele e quando fazia, sempre se fechava ainda mais depois.

- Você quer meu pau antes de eu sair? - Ele retornou à sua atitude habitual.

Montei seus quadris e esfreguei levemente contra sua ereção.

- Eu sempre quero seu pau.

Suas mãos pousaram nas minhas coxas e deram-lhes um forte aperto. Eu puxei o vestido até a cintura para expor minha bunda. Seus dedos se esfregaram pelas

minhas nádegas, separando-as e puxando para o lado a minha calcinha.

- Que coincidência. Meu pau quer comer a sua bunda. - Ele circulou a minha entrada posterior e o introduziu nela.

Eu costumava tencionar meu corpo, rejeitando seus dedos, mas agora me acostumei. Permaneci relaxada, permitindo-me dilatar em resposta à sua incursão.

- Então por que você não faz isso? - Desfiz o cinto dele e abri o zíper, liberando seu pênis grosso e longo, que brilhava com seu pré-sêmen.

Ele enterrou outro dedo e meu rosto ficou vermelho de desejo.

- Eu acho que vou. - Ele me puxou para mais perto de seu peito e empurrou a calcinha para o lado. Pegou uma mão e colocou-a contra o meu rosto, dando-me uma ordem silenciosa.

Cuspi nele e minha saliva escorreu por seu membro da glândula até os testículos. Depois escorreguei minha mão para cima e para baixo, lubrificando-o com a minha saliva.

Seus olhos escureceram, seus dedos penetraram meu ânus, movendo-os com mais e mais força.

- Eu gosto da sua bunda tanto quanto da sua boceta.

Não achei que isso fosse possível. - Ele lentamente retirou os dedos e, em seguida, agarrou a base do pênis.

Ele dirigiu-o para a minha entrada, esticando-me consideravelmente apenas com a ponta, soltando um suspiro irregular, antecipando a sensação de estar completamente dentro de mim.

Agarrei-o pela base e o impedi de continuar a entrar.

Seus olhos encontraram os meus, queimando de impaciência.

- Dez botões.

- Cinco.

- Dez - Eu não ia desistir porque sabia que ia ganhar.

Ele estava duro e pulsando, ansioso para me penetrar o mais rápido possível. Todos os seus pensamentos estavam centrados no sexo. Estava desesperado o suficiente para aceitar qualquer coisa.

Ele levantou o canto da boca e rosnou.

- Eu vou te foder tanto que não vai poder sentar o resto do dia.

Ele enterrou os dedos entre as minhas coxas e seu sexo pulou na minha mão.

- De acordo. É melhor você fazer valer a pena.

Sorri vitoriosamente e direcionei o membro para a minha abertura. Apesar da dor, adorava quando ele comia a minha bunda. Mas eu realmente queria esses botões por outro motivo. Dar algo que ele não podia resistir era a melhor maneira de obtê-lo.

Deslizei pela base do seu membro e fiz uma careta quando o senti me esticar ao máximo. Não importa quantas vezes nós fizéssemos isso, minha bunda nunca se acostumou com o quão espesso seu pau era. Isso me causava dor, o tipo que enchia meus olhos de lágrimas.

Seus olhos não se afastaram dos meus, memorizando todas as expressões do meu rosto. Ele colocou suas mãos debaixo do meu traseiro, puxando minhas nádegas ligeiramente para abrir espaço para seu sexo.

- Foda-me.

Eu agarrei seus ombros e quiquei em sua ereção, sentindo-o me penetrar várias vezes. Apesar de tê-lo molhado com minha saliva, ela não me fazia escorregar tão bem quanto o lubrificante. A fricção me queimava quando o forçava a me penetrar, mas continuei a fazê-lo.

Crow me segurou e aumentou seu ritmo. Ele precisava da minha dor para ter um orgasmo explosivo.

Então, me empalou com mais violência.

- Deus... - Ele entrou com todo o seu pau, fazendo meus olhos lagrimejarem.

- Mais forte.

Eu fiz o que ele pediu, desejando aqueles botões dentro do meu pote. Meu ânus se dilatou ao máximo para acomodá-lo, e a dor tornou-se implacável. Seu pau era enorme e meu esfíncter era muito estreito. Meus olhos se encheram de lágrimas e algumas escorreram pelo meu rosto.

Ele viu minhas lágrimas caírem e sua respiração acelerou cada vez

mais excitado.

- Eu adoro quando você chora por mim...

Enterrei minhas unhas no seu terno e caí de novo em sua ereção. Estava ofegante de dor toda vez que o enterrava dentro de mim. Senti que ele ia me dividir ao meio.

Ele enfiou seus dedos entre as minhas pernas e começou a esfregar meu clitóris abruptamente.

Movendo-os circularmente contra essa zona sensível, incendiando-me. Dois dedos deslizaram dentro da

minha vagina enquanto continuava a esfregar a área com o polegar.

- Estou ansioso para gozar dentro dessa bunda.

Meu corpo escorregadio de suor estava desejoso para gozar. A dor ainda era insuportável, mas ao mesmo tempo me excitava. Saber o tamanho do seu pênis e o quanto era capaz de suportar, tornava meu interior tenso de desejo.

- Você está molhada. - Ele enfiou seus dedos entre minhas dobras e aplicou a umidade dali no meu clitóris.

- Você ama ter o meu pau na sua bunda, certo?

- Sim... - Meu cabelo se sacudia com os meus movimentos. Meus seios balançavam dentro do meu vestido. Minha bunda relaxou enquanto eu ficava cada vez mais excitada. Seu pau entrou mais facilmente, mas ainda

me

esticava

dolorosamente.

Lágrimas

continuavam a escorrer pelo meu queixo, antes de pingar em seu terno.

- Sua bunda é gostosa demais.

Fechi meus olhos quando a sensação me invadiu como uma onda.

Minha mente entrou em pane enquanto meu corpo explodia em chamadas. Gritei mais alto do que pretendia, anunciando nossa atividade para todos os

outros ocupantes da casa. Ele esfregou meu clitóris com mais força e me parti em mil pedaços. Ter seus dedos presos na minha vagina e seu pênis na minha bunda exerceu a pressão perfeita no momento certo.

- Foda! - Ele agarrou minhas coxas, me guiando para cima e para baixo, me penetrando mais e mais rápido.

Seus dentes mordiscando minha clavícula antes de morder meu ombro.

A mordida fez meu orgasmo durar um pouco mais.

Ele enterrou tudo o que podia em mim e ejaculou dentro de mim, enchendo-me com todo o gozo possível.

Ele recostou-se na cadeira e gemeu baixinho, tentando reprimir o prazer que sentia. Seus olhos se fecharam de satisfação quando ele terminou.

- Button.

Eu me inclinei e descansei meu rosto contra seu peito. Seu pênis lentamente saiu de dentro de mim e minha bunda estava dolorida pela invasão agressiva. Eu precisava de um banho depois da brutalidade com a qual tínhamos transado. Eu tinha gostado, apesar da dor.

Embora gostasse ainda mais dos meus botões.

Ele enxugou minhas lágrimas com seus polegares.

- Pensarei em você o dia todo no trabalho.

- Talvez você possa fazer isso de novo quando chegar em casa.

Apesar de sua satisfação, seus olhos escureceram.

- Se você está disposta a fazer isso, eu não acho que te fodi o suficiente.

- Sim, você fez, mas estou disposta a suportar mais dor se você vai me pagar mais.

Ele colocou as mãos nas minhas bochechas.

- Você está me matando, Button.

- Você também.

4

CROW

Eu não queria estar lá.

Eu não conseguia pensar em nada além da mulher que estava esperando por mim. Queria que ela me desse a sua bunda novamente, para machucá-la mais do que já tinha feito. Ela tinha chorado por minha causa, com meu pênis gigantesco estraçalhando-a toda vez que a penetrava. A visão de suas lágrimas despertou o diabo dentro de mim: a besta.

E ela ainda queria mais.

Ela desfrutava daquilo, mas tinha suas próprias intenções. Estava tentando colecionar a quantidade máxima de botões que conseguisse reunir. Isso intencionalmente me deixava louco com desejo sexual, para aceitar seus termos ridículos. Lhe dei dez botões, quando normalmente daria cinco.

E eu a respeitava por isso.

Agora estava sentado no meu escritório com a mente no esgoto. Não tinha certeza do motivo pelo qual me preocupei em aparecer para trabalhar. Era difícil fazer qualquer coisa quando minha escrava esperava meu retorno.

Porra, me excitei só de pensar nisso.

Alguém bateu na minha porta.

- Adivinha quem é! - A porta se abriu uma fresta e a pessoa inseriu a cabeça através dela. – Que cara fechada é essa?

Afastei meus pensamentos e retornei à realidade.

- Jasmine, o que você está fazendo aqui? - Me levantei da cadeira e dei a volta na mesa, abotoando meu terno enquanto avançava.

- Acabei de voltar de Napa. Quis passar por aqui. -

Ela se inclinou para mim e beijou minhas bochechas.

Eu fiz o mesmo.

- E que tal? - Me inclinei contra a mesa e cruzei os braços sobre o peito.

- Adorável. Sem comparação com a Toscana, mas ainda é algo que vale a pena contemplar. - Jasmine era uma pesquisadora que trabalhava para minha empresa.

Demorou muito tempo para reunir informações em todo o mundo. O vinho era o produto mais importante da Califórnia, e terminou passando muito tempo lá.

- O que você aprendeu?

- Muitas coisas, na verdade. - Ela pegou uma pasta da bolsa e colocou-a na minha mesa. - Há muito o que ler, então, se você quiser, posso lhe contar tudo, enquanto jantamos e tomamos um pouco de vinho. - Ela se aproximou de mim e me abraçou.

Jasmine e eu fomos para a cama antes dela viajar. Ela gostava da minha sala de jogos e do jeito que eu a chicoteava. Ela fez o que pedi sem hesitar, de modo que nosso rolo durou alguns meses. Quando ela viajou, terminei o acordo e continuei com a minha vida. Só porque ela estava aqui não significava que eu queria continuar o assunto do ponto em que havíamos deixado.

Quando deixava alguém, nunca mais olhava para trás.

Simplesmente assim.

- Estou muito ocupado agora, vou dar uma olhada nisso quando tiver uma chance. - Evitei a proximidade e voltei ao meu posto atrás da mesa, mantendo a volumosa massa de madeira entre nós. - Obrigado pela sua viagem.

Espero que você tenha se divertido muito.

- Sim, eu tenho, mas senti falta de casa. - Ela foi até a beirada da mesa e se inclinou um pouco para a frente, deixando seu decote exposto.

- Obrigado por passar por aqui. Eu deveria voltar ao trabalho. -
Gentilmente a dispensei, desejando sair daquela situação embaraçosa.

- Um homem ocupado. Eu já conheço a história... -

ela recuou até a porta e me deu uma saudação amigável com a mão antes de sair.

Eu apenas assenti.

BUTTON se colocou debaixo da minha pele.

Isso me satisfazia sexualmente e apagava meu apetite insaciável. Ela fez de tudo, me implorava para castigar suas nádegas quando a fodia por trás. Nos pegamos em todos os lugares: na cama, no chuveiro e até na piscina.

Sua jarra se encheu rapidamente. Sem perceber quanto sexo estávamos tendo, ela adicionou sessenta botões ao frasco.

Eram muitos para me fazer sentir confortável. Ela tinha quase completado metade de sua sentença. Se

continuasse avançando nesse ritmo, iria embora daqui em pouco tempo.

E isso era uma má notícia para mim.

Tinha que espaçar o sexo incrível que estava lhe dando, ou então ela tinha que trabalhar duro para conseguir botões. Como a primeira opção simplesmente não era possível, tive que ir pela segunda. Eu tinha que esvaziar o frasco antes que o enchesse mais. Isso exigiria atos pouco ortodoxos da minha parte, mas eu estava disposto a comprometer-me a continuar do seu lado.

Certa noite, entrei no quarto dela e a vi lendo junto ao fogo. Havia um dicionário italiano no chão e estava tomando notas.

Ela olhou para cima quando percebeu que não estava sozinha.

- Ei.

Meus olhos voaram imediatamente para sua bunda, que se destacava ligeiramente. Engoli o nó na garganta antes de me aproximar. Ajoelhei-me ao seu lado no carpete, com as chamas a pouco mais de um metro de distância.

Ela se sentou e fechou o livro, não usava maquiagem porque estava pronta para ir dormir, mas ainda parecia incrível, seus cabelos caíam em ondas soltos.

Ela olhou para mim com uma expressão inescrutável, tentando determinar o que exatamente eu queria, sem ter que me perguntar. Não era impulsiva, como a maioria das pessoas que eu conhecia.

Considerava cuidadosamente suas opções antes de agir.

Era manipuladora e observadora.

Olhei de relance para o jarro na mesa e tirei dez botões dele. Segurei-os na palma da mão aberta para poder ver a quantidade antes de colocá-los no bolso.

- Estou à sua disposição.

Seus olhos escureceram com as minhas palavras, e um fogo foi aceso dentro dela, como sempre, quando lhe dava o controle, mesmo que apenas momentaneamente.

Ela considerou suas opções antes de encontrar uma resposta.

- Estamos perto da praia?

A pergunta me pegou de surpresa. Era a última coisa que eu esperava que ela dissesse.

- Trinta minutos. Por quê?

- Eu quero passar o dia. Quero almoçar e jantar lá, e então voltar aqui e fazer um sexo realmente maravilhoso. – Ela me disse exatamente o que queria sem fazer rodeios. Ela queria a minha presença por um dia inteiro para uma escapada romântica.

- Se é isso que você quer.

- Eu quero que você seja doce e romântico.

Eu não sabia como fazer isso.

- Eu posso tentar.

- Não. Você vai conseguir.

Quando me dava ordens com tanta convicção, eu queria que ela

ordenasse que eu fizesse algo mais sinistro, como deixar-me dar vinte chicotadas nas suas costas. Queria que me deixasse machucá-la mais do que já havia feito. A ideia era suficiente para excitar.

- Eu tenho uma casa na costa. Você gostaria que fôssemos lá?

- Sério? - Ela perguntou surpresa.

- Sim. Bem ao lado do Mediterrâneo.

- Isso me encantaria.

- Quando você quer que a gente vá?

- Amanhã.

- Tenho que trabalhar.

- Não. - Seus olhos se escureceram, assim como os meus quando eu estava totalmente no controle. Ela tinha a mesma possessividade. A mesma brutalidade, apenas de uma maneira diferente. Podia ser pequena, mas era dura. Dura como aço e com pontas afiadas.

- Então nós partimos de manhã.

LARS COLOCOU NOSSAS COISAS NO PORTA-MALAS ANTES DE ENTRARMOS NO CARRO. Eu usava jeans e uma camiseta, algo que quase nunca uso de fora de casa. Era bom usar algo que não fosse um terno rígido.

Button estava usando um vestido branco e parecia a mais maravilhosa das minhas fantasias. Era amarrado ao redor do pescoço com uma alça e se encaixava perfeitamente na cintura, suas longas pernas estavam ressaltadas pelos sapatos de salto alto. Lars escolheu a roupa perfeita para ela.

Nós dirigimos através da encosta e fomos para oeste.

Vi que tinha uma mão sobre o colo e fiz o que ela tinha me pedido. Eu a peguei e a segurei contra a minha coxa, sendo romântico, como ela queria.

Ela gentilmente apertou minha mão e os cantos de seus lábios se ergueram em um sorriso.

Nós não falamos durante a viagem porque não havia muito a dizer. Da

última vez, nós fizemos mais perguntas do que devíamos. Descobri que ela amou outro homem muito antes de me conhecer e que tinham se separado em bons termos. Ela aprendeu muito sobre mim, o tipo de coisa que queria manter em sigilo.

Chegamos à casa em menos de trinta minutos.

Estava longe de ser tão grande quanto a minha fazenda no vale, mas era o suficiente para acomodar dez pessoas ou menos. Eu não a visitava com muita frequência porque estava sempre ocupado com o trabalho e com a minha vida. As vezes esse lugar era quando queria ficar sozinho, longe de Lars.

Atravessamos o portão e estacionamos o carro na rotatória da entrada. Havia uma fonte no centro, que pulverizava a água como gotas de chuva.

Button assistiu a cena, com as pontas dos dedos pressionadas contra a janela.

- Este lugar é incrível.
- Estou feliz que você tenha gostado.
- Eu não posso acreditar que você não mencionou este lugar antes.

Havia muitas coisas que não mencionei. Saí do carro e peguei as malas do porta-malas.

Ela me encontrou, pegou suas próprias coisas e as pendurou no ombro, preparando-se para entrar na casa.

Eu olhei para ela, surpreso.

- Deixe isso comigo. - Peguei as malas e as pendurei no meu ombro. Como seria doce e romântico se começasse a fazer coisas que não deveria fazer?

Ela recuou e não discutiu.

Cheguei à porta e teclei o código de segurança antes de entrarmos. O lugar estava imaculado porque as criadas continuavam limpando toda semana.

Ela entrou primeiro e olhou em volta, maravilhada.

Seus olhos deslizaram sobre a mobília de um branco imaculado e a

sutil decoração de praia, que contrastava com a minha outra propriedade. Não parecia em nada com o lugar que estava acostumada, mas ainda tinha um ar de simetria.

- É lindo.

Parecia irônico que ela usasse aquele vestido branco tão apertado. Combinava perfeitamente com a casa,

parecendo ter sido incluída na compra. Ela poderia facilmente viver ali, complementando a casa e dando a ela exatamente o que lhe faltava.

Levei as malas para o quarto principal e depois voltei para a sala de estar onde ficava a entrada da varanda.

Girei todas as travas e abri as portas. Na beira da areia estava o mar azul-turquesa. As ondas alcançaram a costa, carregando os sons melódicos da água batendo na praia. Sobre nossas cabeças ressoavam os sons distantes das gaivotas. No mar, à distância, majestosos iates e barcos de pesca eram visíveis.

Button deixou seu olhar se perder na água enquanto a brisa agitava seu cabelo. Ele flutuou atrás de suas costas, e um fio voou em seu rosto, grudando na pele sobre o lábio. Ela o puxou sem prestar atenção, seus olhos ainda colados ao horizonte.

Eu levava um longo tempo sem apreciar aquelas vistas, mas preferia olhar para ela. Estava revivendo meu primeiro momento através de seus olhos. Experimentei um milhão de coisas novas, observando sua reação a tudo. Isso me fez apreciar o que eu tinha, apesar de tudo que havia perdido.

E isso me fez apreciá-la.

Havia algo na alegria do seu rosto que atingiu meu coração. Eu adorava machucá-la, mas também gostava de fazê-la feliz, lhe dar roupas e joias caras. Adorava levá-la a lugares que ela nunca teria acesso sozinha.

Quando ela me dava algo, queria devolver algo em troca.

Normalmente, eu apenas recebia até não sobrar nada.

Quando se cansou da vista, ela se virou para mim.

- Vamos nadar.

Eu estava completamente sob suas ordens pelas próximas vinte e quatro horas.

- Tudo o que você quiser.

ELA NADOU ATRAVÉS DA ÁGUA E OLHOU

PARA O PEIXE QUE GIRAVA EM TORNO DE NOSSOS

PÉS. Concentrada na beleza desse mundo, ela examinou tudo como se fosse uma pedra preciosa. Quando terminou, se aproximou de mim nadando e envolveu suas pernas em volta da minha cintura.

- A água está muito boa. – Seu cabelo molhado estava preso à sua pele e seus olhos manchados de maquiagem, mas isso a tornou ainda mais atraente.

- Está. - Nada poderia ser comparado às águas quentes do Mediterrâneo. As pessoas viajavam de todo o mundo apenas para vê-lo.

Ela apertou o rosto contra o meu e me beijou, com nossos corpos fluando nas ondas. Sua boca tinha gosto de sal, mas me deliciava com o sabor forte. Ela estendeu a mão debaixo da água e puxou minha sunga para libertar meu pênis.

- Faça amor comigo.

Essas palavras me incomodaram. Eu já tinha feito isso uma vez e gostado, mas ainda era um obstáculo que eu tinha dificuldade em transpor. Como água gelada, eu tinha que entrar devagar. Se não fosse necessário mantê-la ao meu lado, eu não faria isso de forma alguma. Eu não faria isso por ninguém.

- Aqui não.

Ela mordeu agressivamente meu lábio inferior, recusando-se a aceitar um "não" como resposta.

- Eu não quero que ninguém te veja. - Não me importava se alguém me visse. Mas não queria olhassem como transávamos na água. Ela era para o meu prazer, não para compartilhar.

Ela levantou minha sunga e me deu um beijo suave nos lábios.

- Então vamos para o chuveiro.

ELA ERA FLEXÍVEL E LEVE COMO UMA PLUMA.

Minhas mãos agarraram suas nádegas, fazendo-a descer lentamente na minha ereção. O chuveiro pendurado no teto cobria-nos com água quente. Eu podia sentir sua umidade escorregadia em meu pau com cada penetração abrindo seus lábios para abrir espaço para o meu tamanho e espessura.

Ela passou os braços em volta do meu pescoço, gemendo toda vez que descia em mim. Usou seus braços para se mover comigo, a excitação escapando de seus lábios na forma de gemidos altos que reverberaram no banheiro, amplificando cada grito que ela dava.

Eu gostava de ouvi-la, saber o quanto ela estava gostando me incentivou a continuar. Eu tinha prazer em machucá-la, mas era uma honra para mim fazê-la delirar.

- Eu vou gozar... - ela enterrou as unhas na minha nuca e sua respiração ficou mais trabalhosa devido ao prazer.

Seu sexo era como um paraíso líquido.

Ela choramingou contra a minha boca, adorando a sensação de sua vagina se contraindo com euforia. Eu a ouvi gemer e de repente, ficar tensa ao meu redor, soltando um grito alto que percorreu toda a casa.

- Oh!

Eu continuei entrando e saindo da sua boceta enquanto contemplava aqueles cílios grossos que tinha me deixado obcecado recentemente. Ela tinha os lábios mais completos que já vira. Adorava mordê-los e colocá-los na minha boca para sentir sua suavidade.

Em vez de me apressar para terminar, continuei entrando e saindo. Sua boceta produzia um sentimento indescritível ao meu redor. Meu peito ficou tenso de excitação. Eu queria gozar, mas também prolongar aquela sensação.

- Eu vou fazer você gozar de novo.

Ela ainda não tinha voltado a si de seu clímax. Seus olhos estavam semiserrados e sua boceta escorregadia.

- Duas vezes?

Eu assenti enquanto continuava empurrando.

- Uau. Eu não achei que isso fosse possível.

- Comigo tudo é possível.

LARS NOS DEIXOU O JANTAR E DEPOIS

PASSAMOS A NOITE NA REDE DA VARANDA. O céu ficou progressivamente mais escuro e a areia da praia não era mais visível. Mas continuamos ouvindo o som alto do mar. Ele batia contra a costa, em sintonia com o aparecimento da lua.

Ela descansou contra o meu peito, com a perna dobrada entre as minhas. Seu cabelo estava espalhado em seus ombros e seus olhos azuis estavam pesados de sono. Passamos quase uma hora no chuveiro.

- Obrigada por me trazer aqui.

Corri meus dedos pelo seu cabelo, sentindo os fios macios deslizarem entre as pontas dos meus dedos.

- Obrigado por ser uma mulher espetacular.

Ela levantou o rosto para olhar para mim, com um sorriso nos lábios.

- Você acha que eu sou espetacular?

Aquilo era um eufemismo.

- Você é a mulher mais linda que eu já vi. - Posso não ter pensado assim desde o início, mas era definitivamente o que eu acreditava agora. Estava obcecado com todas as suas feições, até mesmo as pequenas sardas no nariz.

- Verdade? - Seu sorriso se apagou e uma ponta de dúvida a preencheu. Ela queria acreditar em mim, mas não sabia se poderia fazê-lo. Poderia ser uma piada cruel da minha parte. Ou talvez eu só estivesse dizendo isso porque tinha sido pago por isso.

- Nós não mentimos um para o outro, lembra? -

Coloquei uma mão no rosto dela e escovei seus lábios com os meus.

Ela derreteu apreciavelmente sob o meu toque, assim como sempre

fazia quando punha a mão sobre ela.

Sua mão envolveu meu pulso.

- Você diz isso porque está tentando ser romântico?
- Sou romântico - sussurrei - E não, eu quis dizer realmente isso.

Seus olhos suavizaram quando ela finalmente aceitou o elogio, não se sentindo mais desconfiada de minha sinceridade.

- Você é o homem mais bonito que eu já vi.
- Cara, claro. - Sorri abertamente, sabia que estava brincando.

Ela me deu um tapa de brincadeira.

- Acaba de fazer uma brincadeira, sombrio e perturbador Crow?
- Sim. Não se acostume com isso.
- Bem, eu realmente acho que você é o homem mais atraente do mundo. - Sua mão subiu pelo meu peito nu.
- E não estou dizendo isso só porque você me fez gozar três vezes hoje.

Quando lisonjeia meu ego dessa maneira, minha obsessão se intensifica. Eu adorava fazer elogios tanto quanto recebê-los dela.

- Quando te vi naquele bar, você me deu esperança.

Te imaginei com alguma mulher bonita. Era o tipo homem com quem eu gostaria de estar em vez daquele homem cruel, Bones. Até pensei que se tivesse te visto no metrô a caminho do trabalho, eu teria pedido para sair contigo lá mesmo.

Isso me intrigou completamente.

- Sim?

Ela assentiu.

- Sem mentiras, lembra-se.
- Quando nos conhecemos, parecia que você me odiava.
- Bem, você estava sendo um idiota.

- Não é verdade - disse risonho. - Eu estava tentando te salvar.

- Para me sequestrar depois.

- Estava te salvando. Vamos, você tem que admitir que ser minha escrava é muito melhor do que ser dele.

Seus olhos se estreitaram.

- Eu não sou sua escrava.

- Na outra noite você disse que era minha.

- Eu sou sua. - Repetiu. - Mas de uma maneira totalmente diferente. Sou sua porque me entreguei a você. Porque te quero. Se algo acontecesse com você, me sentiria arrasada. Não confunda isso com ser sua escrava. Elas são coisas muito diferentes. E se você me perguntar, lhe direi que o que lhe dei tem muito mais valor.

Meus dedos pararam de se mexer entre seus cabelos.

Ela acabou de confessar algo vital. Que eu significava algo para ela. Não estava me desprezando nem estava tentando me foder. Era outra coisa. Ela chorou naquela noite porque realmente se importava.

Mas isso não era bom.

- Você não deveria me amar. Eu não sou um bom homem, nem jamais serei.

- Você está errado sobre isso.

Eu tirei minha mão de seu cabelo.

- Você não me conhece bem o suficiente. Não sabe do que sou capaz.

- Você é capaz de muitas coisas... com as pessoas que merecem isso. Comigo você foi bondoso.

- Então por que eu não deixei você ir? - Minha pergunta foi um desafio, porque eu sabia que não tinha como justificar isso. - Eu a mantive contra sua vontade, em servidão. Estou te forçando a me foder até você pagar sua dívida.

- Você não está me forçando a fazer nada. Eu tomo minhas próprias decisões.

- Porque permito que você decida. Não vamos fingir que sou alguém que não sou. Não desenvolva sentimentos por mim. Eu não sou digno do seu coração.

- Você é meu amigo. - Sua emoção brilhou em sua voz. - Não somos amigos?

- Eu não tenho amigos.

- Você me tem. - passou a mão através do meu peito.

- E eu tenho você. Sim, eu me preocupo com você. E sei que você se importa comigo.

- Eu não poderia me importar menos com o que aconteceu com você.

Ela agarrou meu queixo e dirigiu meu olhar para o seu.

-

Repita

isso.

-

A

ameaça

brilhou

inconfundivelmente em seus olhos. Apesar de ser pequena, ela era uma adversária formidável. Era esperta demais para seu próprio bem e muito imprudente. - Sem mentiras. - Seus dedos agressivamente agarraram meu queixo e me sujeitou com o olhar.

Apertei os dentes enquanto me preparava para falar, querendo dizer como queria sentir-me... e não como eu realmente me sentia. Mas quando ela olhou para mim com essa brutalidade, não pude desafiá-la. Eu não podia quebrar uma promessa: que não mentiria.

Pearl pressionou o rosto contra o meu e me deu um beijo mais suave do que uma pétala de rosa.

- Você morreria antes de permitir que algo acontecesse comigo. - Em sua voz, a convicção soou mais clara do que tudo. Sua crença

inabalável era tanto pungente quanto dolorosa. - E eu morreria antes de permitir que algo acontecesse com você.

BUTTON SUBIU EM CIMA DE MIM NA CAMA, COM OS PEITOS NO MEU ROSTO E A BUNDA ARREBITADA.

- Eu quero fazer algo para você.

Minhas mãos deslizaram por seus quadris, tocando sua pele macia.

- Esclareça-me.

- Eu quero amarrar você na cama. - Ela me olhou nos olhos e esperou minha permissão sem ter que me pedir.

Meu pênis pulou com pensamento. Uma das minhas fantasias ia se tornar realidade. E a ideia havia saído exclusivamente dela.

- Não se prenda por mim, Button.

Ela abriu a gaveta da minha mesa de cabeceira e procurou pelo seu conteúdo. Empurrou preservativos e livros de lado, até encontrar um par de algemas de metal.

- Eu sabia que você teria um par aqui... - colocou minhas mãos contra a cabeceira da cama e me prendeu entre as barras. Em seus olhos não brilhava o ciúme, como deveriam.

Eu teria criado uma cena.

- Nunca tive nenhuma mulher aqui antes.

- Não é da minha conta. - Ela fechou as algemas bem antes de arrastar suas unhas no meu peito.

A única razão pela qual essas coisas estavam na minha gaveta era se eu trouxesse alguém para cá. Mas até aquele momento, não tinha usado com mais ninguém.

Ela viu a verdade em meus olhos e sorriu.

- Você os usa com si mesmo?

- Você gostaria disso, certo?

- Sim. - Me cobriu com beijos suaves até chegar a minha ereção pressionada contra o meu estômago.

Imaginei todas as coisas dolorosas que ela faria comigo. Talvez derramar cera quente no meu peito, e queimar minha pele. Ou pegar o meu cinto e me surrar.

Ela beijou meu pau, da ponta aos testículos.

Arrastando a língua pela enorme veia que latejante.

Então chupou meus testículos, colocando-os na boca e passando a língua em torno daquela área sensível.

Me sugou e lambeu gulosamente por cinco minutos, fazendo meu corpo tencionar de desejo. Eu adorava me sentir no fundo de sua garganta, as leves arcadas quando minha espessura era demais para ela. Cobria-me de

saliva de cima a baixo, preparando-me para entrar em sua estreita abertura.

Ela rastejou de volta para o meu peito e beijou várias vezes, sentindo os músculos sob as pontas dos dedos.

Eu nunca pensei que gostaria de dar o controle para alguém.

- O que você vai fazer comigo?

Ela se sentou e colocou seu corpo flexível no meu colo. Meu pênis se esticou debaixo dela, duro e latejante.

Sua boceta molhada se esfregando contra mim.

- Tudo o que você quiser.

- Você vai me machucar? - Mantive minha voz firme, embora estivesse desesperado para sentir alguma dor.

Havia um cinto pendurado no meu armário. Tudo o que ela tinha que fazer era pegar e me chicotear até eu perder a consciência.

Ela inclinou a cabeça para o lado, claramente não entendendo o que eu queria dizer.

- Você quer que eu te machuque? - E arrastou as unhas pelo meu peito, até o meu estômago. Foi uma provocação ... muito excitante.

- Sim. - Eu queria que ela batesse no meu rosto com tanta força que me fizesse ver as estrelas. Eu nunca quis

que uma mulher me dominasse, me controlasse, mas queria que ela fosse a primeira. Controle e dominação eram coisas que eu precisava para sobreviver. Mas com essa mulher, eles não pareciam tão importantes.

Ela balançou os quadris ligeiramente, arrastando seu calor para cima e para baixo do meu pênis.

- Pegue meu cinto e me chicoteie até que eu sangre. -

Puxei as algemas porque estava desesperado para tocá-la. Queria pegá-la pelos quadris e me socar dentro dela com um único movimento.

Ela parou de se mexer, olhando para mim com os olhos semicerrados.

- Você nunca fez isso. Vai se sentir diferente se der uma chance.

Ela segurou meu olhar com uma expressão séria.

Quando apertou os lábios com força e os olhos se estreitaram, parecia uma disciplinadora aterrorizante.

Mas isso me deixou mais atraído.

- Nunca farei. - E me beijou, seu cabelo caindo sobre o ombro, cobrindo meu peito com uma suavidade que cheirava a baunilha.

Meu coração doía pela confissão, mas isso não mudou meu desejo. Eu ainda queria que ela me

machucasse brutalmente, muito pior do que eu a machucara. Ela era a única mulher com coragem para fazer isso. Mas eu deixei o assunto de lado, porque ela não cooperaria.

- Você já me provocou o suficiente. - Empurrei meus quadris para cima, meu pênis querendo deslizar em seu interior.

Ela me envolveu com meus dedos e lentamente me masturbou.

- Eu apenas comecei.

FICAMOS EM SILÊNCIO DURANTE A VIAGEM

DE VOLTA. Seus olhos estavam colados na janela e nas colinas que estávamos deixando para trás. Casas mais antigas do que a maioria dos museus espalhavam-se pelos campos à nossa volta. Suas paredes de pedra e janelas ornamentadas sugeriam sua história antiga.

Numa parte mais alta da colina, podia ver castelos abandonados, fechados ao público um lembrete de quantos anos aquelas terras realmente tinham.

- Eu não quero voltar.

Olhei para ela da minha posição atrás do volante.

- Você prefere a praia à minha fazenda? - Ambos eram lugares bonitos, mas preferia a terra no meio dos vinhedos. Me sentia mais isolado.

- Não. Eu simplesmente prefiro o outro você.

O outro eu?

Ela respondeu minha pergunta não feita.

- Eu gosto quando você se permite diminuir suas defesas. Quando revela quem você realmente é. Quando estamos na fazenda, volta a ser um homem de negócios, taciturno e silencioso. Volta a fechar-se para mim, como sempre. E leva uma eternidade para te fazer se descontraírem de novo.

Ela me observava com mais detalhes do que eu jamais imaginara.

- Você também é fechada perto de mim.

- Faço isso como retaliação.

Minha mão se estendeu para a dela, em seu colo.

- Sou quem sou. Ninguém vai mudar isso. Eu te dou o que você quer quando posso. Mas você não pode esperar que eu te dê tudo, o tempo todo.

- Só quando tenho botões ...

Olhei de volta para a estrada e o silêncio encheu o espaço que se tornou hostil.

- Posso te perguntar uma coisa?

Continuei olhando para frente, mas observando seus movimentos com minha visão periférica.

Quando não respondi, ela fez a pergunta.

- Você faz as coisas que eu gosto apenas pelos botões?

Que outro motivo eu poderia ter?

- Sim.

- Então sem eles você não seria tão doce comigo?

- Não. - Eu não me importei de explodir seus sonhos.

Desde o começo, deixei claro que ela era apenas minha escrava. Eu fazia coisas terríveis porque isso me empolgava. Nada mais.

- Porque eu gosto das coisas que você faz comigo...

mesmo sem os botões.- Ela virou-se lentamente para mim com uma expressão dura e indecifrável.

Minha mão permaneceu na dela.

- O que você quer dizer com isso? - Eu não sabia o sentido dessa conversa. Qual conclusão ela estava tentando alcançar.

- Só acho que você gosta das coisas que eu peço para você fazer ... mesmo que você não admita isso.

Soltei a mão dela imediatamente e dirigi-a para a direção. Não importava se ela analisasse cada um dos meus movimentos e cada uma das minhas palavras, ela não encontraria a resposta que estava procurando.

- Eu não sou do tipo romântico. Não faço amor. Só faço essas coisas pelos botões. Eu os faço para que você continue em minha posse pelo maior tempo possível.

Porque gosto de te machucar, gosto muito.

Como não era a resposta que queria ouvir, ela olhou pela janela novamente.

- Acho que você está se enganando.

- Não é assim.

- Bem, essa é a minha opinião. Sinto muito que você não concorde com ela.

- E eu sinto que você prefira acreditar em contos de fadas ao invés de aceitar a realidade. Pensei que você fosse mais esperta do que isso. Que você fosse mais forte que isso. - Na minha voz, a decepção que sentia era evidente. O que me atraiu inicialmente nela foi sua visão simples do mundo. Ela não estava convencido de que as coisas fossem melhores do que realmente eram, apenas para fazê-la se sentir melhor, aceitava o mundo como era: frio e cruel.

- Você me disse que todos os homens eram iguais.

Que nunca mais confiaria em um homem e que nunca gostaria de ter marido e filhos.

- Eu ainda penso o mesmo. Nunca disse que confio em você ou que gostaria de casar com você e ter filhos. -

Sua voz manteve a firmeza, como se estivesse dizendo a verdade. - Mas você ainda é importante para mim. Me importo com você. É isso que estou tentando dizer.

Descansei meu braço na janela e desejei que o tempo passasse. Queria chegar em casa para poder me afastar dela e aproveitar minha solidão. Aquela mulher me tocou de maneiras que não gostei. Me observava quando eu não estava prestando atenção, e me fez pensar em coisas que nunca teriam passado pela minha cabeça. Não gostei nada disso.

- Sobre o que é essa conversa? - Ontem estávamos perfeitamente bem, antes de tudo mudar.

- Você quer que eu te machuque.

- E?

- Durante todo o dia você foi o homem pelo qual havia pago. E então, ao colocar as algemas, aquele homem desapareceu. E... - Ela balançou a cabeça. - Tanto faz.

- Diga-me. - Não levantei o meu tom, mas minha autoridade ecoou dentro do carro.

- Há uma parte de mim que quer te machucar.

Agarrei o volante com mais força, fazendo minhas juntas ficarem pálidas.

- Não porque queira isso. Mas porque quero dar o que você deseja. Como eu poderia racionalizar tal ação?

Nunca senti desejo de machucar ninguém. Mas com você

... considero fazer coisas que eu normalmente nunca consideraria.

Um arrepio percorreu minha espinha com o pensamento.

- Isso não faz de você uma pessoa má.

- Mas isso me faz uma pessoa que não está bem da cabeça.

- E o quê? Somos todos um pouco malucos.

Ela olhou pela janela, encerrando a conversa.

- Button.

Ela se recusou a olhar para mim.

- Nada aconteceu...

- Eu não vou te machucar, e você não vai mudar minha opinião. - Ela lutou contra si mesma porque achava que estava fazendo a coisa certa. Apesar do que

ela havia sofrido, ainda estava lutando por uma existência respeitável e honesta. Ela foi capaz de descer ao abismo, mas apenas como uma visitante. Uma vez que se tornasse parte dele, uma moradora, seus sentimentos mudariam.

E eu estaria preparado quando essa hora chegasse.

BUTTON E EU NÃO NOS DIRIGIMOS A

PALAVRA NOS DOIS DIAS SEGUINTE. Ela fazia as refeições em seu quarto e raramente se aventurava fora dele. Não usou a piscina, nem andou pelos vinhedos como costumava fazer. Sua presença estava confinada a um canto da casa, com a fumaça de sua chaminé como única indicação de vida.

Eu não a pressionei. Porque eu precisava do meu próprio espaço. Suas

palavras anteriores me fizeram afundar, como areia movediça. Ela cuidou de mim, e quanto mais dava a ela, mais percebi que não podia lhe negar nada. Eu tinha feito coisas com ela que nunca faria com mais ninguém. Se eu estivesse nas mesmas circunstâncias com outra mulher, não desistiria. Eu iria deixá-la manter seus botões e sair quando ela pagasse sua dívida.

Mas eu estava tão desesperado para Button continuar ao meu lado, que faria o que fosse necessário para mantê-la.

Realmente tinha gostado das coisas que ela me pediu para fazer. Não pretendia admitir isso para ela, porque complicaria tudo. Quando estávamos deitados juntos na rede, me sentia em paz. Quando a amava lentamente na cama, não tinha que fingir que ela estava acorrentada e gritando de dor.

Mas isso não significava nada.

Apenas me senti confortável com ela.

Nada mais que isso.

Como fiz com todo o resto, tirei esses pensamentos da minha mente e continuei com a minha vida. Eu tinha coisas mais importantes para me preocupar do que com minha preciosa escrava.

Quando cheguei em casa do trabalho no terceiro dia, fui recebido por uma visita. Jasmine estava na entrada, usando um vestido cinza e sapato alto.

O que ela queria?

Estacionei e aproximei-me dela. Olhei-a friamente, sem cumprimentá-la. Ela era minha funcionária, e qualquer assunto de trabalho deveria ser tratado no

escritório, e não em minha casa. Nosso relacionamento sexual acabou, então ela não tinha nada para fazer lá.

- Olá para você também. - Ela riu da minha frieza.

- Posso te ajudar em algo?

- Como? - Disse com uma risadinha falsa. - Você não vai me convidar para entrar?

Minhas maneiras emergiram, mas desapareceram novamente no

momento seguinte. Button estava trancada em seu quarto, mas eu não queria que ela visse Jasmine. Teve um ataque quando a garçonete me paquerou, imagina o que pensaria se visse uma mulher bonita dentro de casa?

- Vamos dar um passeio.

- Um passeio pelas vinhas seria bom. Passei o outro dia, mas Lars me disse que você estava fora.

Provavelmente foi quando eu estava na costa.

- Eu tirei umas férias curtas. - Era estranho que Lars não tivesse mencionado isso para mim. Mas eu provavelmente não queria adicionar combustível ao fogo, vendo que estava com raiva.

- Espero que tenha se divertido

Coloquei minhas mãos nos bolsos das calças.

Atravessamos o pátio arborizado e nos aventuramos por

uma das fileiras onde cresciam algumas das melhores uvas da Itália.

- Bem, o que te traz aqui?

- Acabei de voltar para a Itália e me sinto um pouco perdida. Estar fora de casa por muito me faz se sentir assim.

Eu não era seu psicólogo, então não entendia por que ela estava me dizendo isso.

- Você logo voltará a sua vida normal. – A Itália tinha um ritmo de vida muito mais lento do que a América. As pessoas demoravam para fazer as coisas. Da minha estadia limitada nos Estados Unidos, eu sabia que tudo era feito rapidamente e com prazo.

- Eu senti sua falta enquanto estive longe. - Sua voz tremeu, autoconsciente com o que havia dito antes de terminar de falar.

Eu parei de pensar nela assim que ela partiu. Na verdade, não havia pensado nela nenhuma vez sequer.

Nosso relacionamento era estritamente físico. Ela veio para a minha sala de jogos e eu a chicoteei até fazê-la chorar. Depois a fodi como um louco. Ela era como todas as outras. Ficou em minha companhia por mais tempo que a maioria das mulheres, pelo menos três meses.

Mas

quando decidiu partir, não a impedi. Nosso tempo juntos tinha terminado. Deixei-a ir sem protestar, entendendo que todos os relacionamentos terminavam de um jeito ou de outro.

Ela cruzou os braços sobre o peito com o meu silêncio.

Recusei-me a responder sua declaração, mesmo que isso a fizesse se sentir melhor. Eu não era um mentiroso.

Se tivesse sentido falta dela, teria falado assim que ela entrou no meu escritório. Mas meu corpo permaneceu adormecido, porque eu já estava satisfeito graças àquela outra mulher que ocupava minha cama quase todas as noites.

Ela parou de andar, olhando para a mim.

- Tem mais alguém?

Nunca houve mais ninguém. Sempre foi só eu. Eu estava sozinho no mundo, total e completamente.

- Sim. - Monogamia não era minha especialidade. Às vezes eu tinha relações exclusivas com mulheres que faziam minhas fantasias se tornarem realidade, mas na maior parte do tempo simplesmente estava só. De tempos em tempos, eu pagava prostitutas para passar pelo tratamento mais desumano antes de foder com elas.

Nunca coloquei meu coração nisso, e tudo tinha uma data de validade.

Decepção inundou seus olhos.

- É sério?

- Não. - Ela era apenas uma escrava. Eu a liberaria quando conseguisse acumular o último do botão. Eu não lhe devia nada, poderia ficar com quem quisesse.

Jasmine se aproximou de mim, colocando a mão no meu ombro.

Permiti que o contato continuasse porque eu não queria me comportar como um monstro. Não queria rejeitá-la duas vezes, friamente.

- Eu sinto sua falta, amo. Quero ser castigada.

Eu amava essa palavra. Mas ao ouvi-la, só pensava em Button. Ela

nunca me falou isso, e tinha a sensação de que nunca iria. Mas só de pensar nisso, ficava excitado como uma pedra. Eu queria conquistá-la completamente, a oponente mais poderosa que já encontrei. Meus pensamentos continuaram a girar como um redemoinho, e o rosto de Jasmine desapareceu.

Foi quando seus lábios encostaram nos meus.

Delicado como uma flor, mas cheia de um desejo

inegável. Ela colocou o braço em volta do meu pescoço e me beijou mais intensamente.

Era difícil acreditar que já tivesse beijado aquela mulher antes. Meu corpo não se acendeu como pólvora, nem meu batimento cardíaco se alterou. Nenhum pensamento obsceno veio à minha mente com a minha sala de jogos como palco. Nada absolutamente aconteceu, eu não sentia nada.

Ela não se parecia com Button, absolutamente em nada.

Virei minha boca, claramente a renegando.

- Jasmine, o nosso relacionamento acabou. - Eu não a rejeitei suavemente porque precisava que entendesse que ela nunca mais iria voltar para a minha sala de jogos.

- Mas... ninguém me faz sentir como você. Ninguém sabe como me machucar como você faz. - Ela cedeu às suas verdadeiras emoções e colocou as cartas na mesa. O

desespero encheu seu rosto.

- Sinto muito. - Não havia mais nada que eu pudesse dizer.

- Se você não está sério com essa mulher, por que não podemos ficar juntos?

Seu desespero era muito pouco atraente. Button era orgulhosa demais para admitir sua fraqueza. Era algo que eu amava nela.

- Porque eu não quero você. - Eu era um homem cruel, e não me senti mal lembrando-a daquilo. Não sentia lealdade por Button, mas não podia negar meus desejos. Meu pênis estava desesperado pela escrava que morava na minha fazenda... e só por ela.

PEARL

EU OS ASSISTIA DA MINHA JANELA ABERTA.

Os dias tinham passado e eu o evitei com o maior cuidado. Nossa última conversa no carro não acabou bem. Eu não gostara das respostas dele e nem das palavras que saíram da minha boca também.

Mas sentia sua falta.

Agora, eu o observava cuidadosamente da janela do meu quarto, observando seus ombros poderosos encherem seu terno com masculinidade. Ele andava com as mãos nos bolsos, tornando-se dono das vinhas e tudo mais.

Uma mulher caminhava ao lado dele. Ela estava usando um lindo vestido e um chapéu. Não foi fácil distinguir o rosto dela, mas sabia que era linda. Talvez trabalhasse com ele. Ou talvez tenha sido alguém que cuidou de seus campos durante a colheita. Eu não tinha certeza.

Ela parou e colocou a mão no braço dele.

Uma tempestade de ciúmes me invadiu, mas eu a deixei morrer rapidamente. Era estúpido sentir qualquer apego por ele, especialmente em face de tal contato inocente. Eu tinha abraçado o Lars, teria sido absurdo se Crow tivesse ciúmes disso.

E o ciúme não se encaixava no meu vocabulário. Eu estava transando com um homem tão frio que não era capaz de sentir calor nem se estivesse ao lado dele. No instante em que seu gelo começou a derreter, se fechou para mim. Ele havia se convencido de que essa sensação nem havia ocorrido.

Ele pode não ser o melhor homem do mundo, mas também não era o pior. Havia tentado me convencer que era mau, mas ainda não o vira cometer um ato verdadeiramente assustador. Ele me chicoteava e esbofeteava, mas isso era consensual. Ele nunca fez nada contra a minha vontade.

Então de onde veio esse ódio por si mesmo?

Continuei a observá-lo, dominando aquela mulher com sua altura, com cabelos escuros perfeitamente penteados e apenas uma sombra de barba em sua mandíbula. Eu sentia falta dos lábios dele por todo o

meu corpo. Estava insatisfeita há dias e me incomodava que ele não viesse me procurar. Era possível que minha mente não se sentisse ligada a ele, mas meu corpo certamente se sentia.

Eu o queria entre as minhas pernas.

Queria que seu chicote marcasse minha pele, que sua palma batesse em mim quando me fodesse por trás.

Queria que seus dedos torcessem meus mamilos com tanta força que me fizessem gritar.

Sentia falta dele mais do que queria admitir. Mas era orgulhosa demais para dar o primeiro passo. Tudo o que eu tinha que fazer era usar meus dedos para me dar prazer até que ele cedesse. Conhecendo seu apetite sexual, ele desistiria muito em breve.

Meus olhos a viram se mover e beijá-lo na boca. Foi um beijo doce e cheio de desespero. Ela colocou a mão em seu braço, tocando-o como se não fosse a primeira vez que fez isso.

Uma onda de raiva me invadiu. Uma raiva como nunca senti explodiu dentro de mim.

E vi tudo vermelho. Meu sangue estava fervendo e eu só pensava em matá-la.

O ciúme rodou dentro de mim e queimou todos os meus nervos. Eu tinha acabado de me convencer de que não sentia nada por aquele homem. Que ele era apenas meu captor, alguém de que eu gostava. Mas do nada, meu corpo se acendeu. Eu estava com ciúmes: mais ciúmes do que senti em toda a minha vida.

Lhe confessei que era sua. Ele fizera amor comigo na minha cama e eu lhe dera o que ele queria. A conexão entre nós estava me queimando viva e me fazendo sentir que realmente havia um lugar para mim, com ele. Eu sentia esse lugar como minha casa. Isso me fez me sentir vulnerável e aterrorizada. Mas eu tinha ido aonde ele me levara e permitira que isso acontecesse. Permiti que ele me conquistasse.

E ele estava vendo outras mulheres.

Eu estava furiosa... para dizer o mínimo.

HORAS DEPOIS, MINHA RAIVA CONTINUAVA.

O passar do tempo não entorpeceu o ódio que sentia. Eu queria esbofeteá-lo até deixá-lo com a pele vermelha.

Queria chutar seu saco e vê-lo se encolher na minha frente.

Minha raiva até me assustou.

Algumas horas depois do jantar, bateram na minha porta.

Olhei para a maçaneta, sentindo a intensidade da minha raiva aumentar como o calor em uma sala fria. Se fosse ele, eu não seria capaz de morder minha língua.

Insultos voariam da minha boca mais rápida que flechas.

Ele bateu de novo quando não respondi.

Se ele fosse esperto, iria embora rapidamente.

Ele abriu a porta e me viu sentada no sofá. Usava calças de moletom e uma camiseta, as roupas que ele sempre usava antes de ir dormir. A julgar pela escuridão de seus olhos, ele me queria. Ele cedeu ao seu desejo e finalmente deu o primeiro passo. Seu hálito cheirava a uísque. Ele precisava beber para reunir coragem para me encarar.

Covarde.

Ele se aproximou do sofá lentamente e se ajoelhou aos meus pés. Separou meus joelhos e introduziu seu torso entre eles. Suas mãos deslizaram para as minhas coxas, apertando-as suavemente antes de me olhar nos olhos.

- Tenho saudades de você. - Ele pressionou sua testa contra a minha e olhou para os meus lábios.

- Sério? - Não fui capaz de manter a zombaria longe da minha voz.

Ele olhou para mim quando percebeu minha ferocidade.

- Você trepa com uma puta qualquer e depois sente a minha falta? -

Perguntei em descrença. - Você é um idiota. - Dei-lhe um forte impulso no peito, derrubando-o no carpete.

Ele caiu porque não estava esperando pelo meu ataque. Depois sentou-se rapidamente, sem reagir, ou mesmo dando a impressão de ter se machucado.

- Saia do meu quarto. - Eu me aproximei como um furacão da porta e a abri. - A menos que você queira um belo chute nas bolas. E eu sei o quanto você gosta delas.

- Não senti uma pitada de medo em enfrentar esse homem.

Por fim, ele se levantou, com os braços esticados ao lado do corpo.

- Eu não fodi nenhuma vadia.

- Não minta para mim. - Era ainda mais insultuoso do que o que ele fez com aquela puta. - Faça o que quiser, mas não me venha com essa merda.

- Mas o que diabos há de errado com você? - Ele fechou a porta para que nossas vozes não alcançasse o resto da casa. Ele me agarrou pelo pescoço e me jogou contra a parede, segurando-me de uma maneira que eu não podia me mover.

- Por que você não me conta? - Tentei acertá-lo com o joelho, mas ele bloqueou o golpe.

Ele me deu um tapa na cara, me pegando de surpresa.

- Fale!

Eu me recuperei do golpe, me odiando por estar excitada.

- Eu vi você do lado de fora com sua namorada.

Seus olhos se deslocaram até a janela antes de voltar para mim. Seu olhar inexpressivo animou-se um momento depois com a compressão.

- Sim. Você foi pego. Talvez da próxima vez você deveria usar um hotel.

- Cale a boca. - Ele me bateu de volta contra a parede.

- Não. - Eu o chutei na canela.

Ele jogou todo o seu corpo contra mim, para que eu não pudesse me mexer.

- Eu te disse que era sua. - O ódio abandonou minha voz por um instante, substituído pela pena. Senti-me estúpida por ter pensado em algum momento que eu era a única mulher que havia em sua vida. Senti-me estúpida porque me importava.

Seus olhos se estreitaram.

- Você é minha. Mas eu nunca disse que era seu. - Ele apertou minha garganta, quase me impedindo de respirar. - Vamos deixar isso claro agora mesmo. Eu faço o que quero, quando quero. Não te devo nada. Minha escrava. Escrava.

O meu coração partiu-se em mil pedaços ao ouvir essa palavra. O meu cativeiro tinha começado na forma de escravidão, mas lentamente tinha mudado, até se tornar algo completamente diferente. Eu poderia ter acumulado todos os botões que precisava e ter trabalhado para alcançar a liberdade com toda a rapidez possível. Mas eu tinha sacrificado alguns deles para estar com ele de uma maneira diferente. Durante todo este tempo, pensei que ele não significava nada para mim, mas agora tinha a verdade diante dos olhos.

Ele me deu um último aperto antes de me soltar, observando-me deslizar até o chão com o peito sacudido

por uma forte tosse. Seus olhos eram de gelo, congelando como o Círculo Ártico.

Fui a primeira a desviar o olhar, com a derrota apoderando-se de meu corpo. Não só ele tinha ganho a batalha, como venceu a guerra. Não me restavam vontades de lutar dentro. Minha mente poderia ter permanecido fixa no prêmio, mas meu coração tinha outros planos.

EU TINHA QUE SAIR DE LÁ O MAIS RÁPIDO

POSSÍVEL.

Não queria ficar naquela casa com ele.

Em casa não havia nada esperando por mim, mas ainda era melhor do que estar lá. Eu poderia recomeçar em um novo lugar. Talvez, com tempo suficiente, eu pudesse começar a acreditar na humanidade novamente.

Não havia nada lá para mim.

Meu único bilhete para a liberdade era o meu monte de botões. Eu tinha que obter até o último deles, até encher o frasco. Então ele me libertaria. Talvez sua promessa fosse falsa, mas eu tinha que continuar esperando que ele fosse realmente um homem de palavra.

Depois de três dias de silêncio entre nós, engoli o vômito que repousava no fundo da minha garganta e cedi. Desci ao andar inferior e me juntei a ele para jantar... mas sem intenção de provar a comida.

Ele levantou os olhos do telefone quando me ouviu entrar na sala de jantar. Seus olhos se encheram de surpresa pela minha presença, mas apenas por um nanosegundo. Ele rapidamente mudou sua expressão, parecendo tão indiferente quanto antes.

Ignorei minha cadeira e caí de joelhos diante dele.

Coloquei-me entre suas coxas musculosas e abri-lhe o botão e o zíper das calças. Sua ereção me deu as boas-vindas, endurecendo-se rapidamente ante minha chegada. Eu puxei o cabelo para o lado e enfiei-o garganta abaixo.

Ele deixou escapar um suspiro entre os dentes e enterrou os dedos no meu cabelo do jeito que eu gostava. Levantava

ligeiramente

meus

quadris,

introduzindo-o mais em minha boca. Ele me agarrou pela nuca para me controlar melhor, e me impôs o ritmo que desejava.

Odiei-me por me molhar. Por estar gostando.

Eu o odiava. Mas ainda assim o desejava.

Entrei na sua sala de jogos usando lingerie preta, um conjunto de meias pretas e uma camisola apertada. Não me incomodei em por calcinhas, porque sabia que as faria em farrapos de qualquer maneira. Apertei o botão do intercomunicador, que o conectava ao seu estúdio

- Encontre-me. - Soltei o botão e caminhei até o centro da sala. Eu só estive ali algumas vezes, mas sabia onde estavam os itens mais mórbidos.

Peguei a gargantilha de couro e preendi no meu pescoço, sabendo que estava prestes a fazer algo mais extremo do que qualquer coisa que eu havia tentado antes. Mas se com isso fizesse um pagamento alto, não me importava. Era mais um passo em direção à liberdade.

Ele entrou um momento depois, com os olhos ardendo de saudade. Viu o couro ao redor de minha garganta e não conseguiu esconder sua surpresa... nem seu desejo. Tirou a roupa imediatamente, sem tirar os olhos de mim em nenhum momento. Então agarrou a corda para me pendurar do teto.

- Cinquenta.

Ele ainda tinha a mão na corda, mas não a puxou.

- Cinquenta. É pegar ou largar. - Era o maior pagamento que eu receberia até hoje. Mas agora apostava alto, necessitando sair dali o mais rápido possível. A conexão entre nós nunca tinha sido real. Cada vez que ele dizia algo frio, eu supunha que estava enganando a si mesmo. Mas agora entendia que realmente era como um recipiente vazio. Eu não era mais que uma de muitas. Quando eu partisse, me esqueceria.

Avaliou a oferta antes de concordar.

- Cinquenta.

BLOQUEEI A MINHA MENTE COMO FAZIA

QUANDO ERA PRISIONEIRA DE BONES. Completei as tarefas sem parar para pensar nos detalhes. Eu o montei quando me pediu, suportei coisas mais dolorosas do que jamais poderia ter imaginado. Ele sempre me fazia chegar ao orgasmo, mas aquela foi a única sensação que me permiti sentir.

Ao longo das semanas, tinha acumulado uma quantidade impressionante de botões. Tirava-os da mão e deixava-os cair dentro do frasco, vendo como a pilha subia mais e mais. Quando era assaltada pela depressão, derrubava-os numa mesa e contava-os um a um.

275. Tinha 275 botões. Aquilo significava que só precisava de mais noventa. Ele já tinha me asfxiado enquanto me comia, chicoteado até que eu tinha estalado em soluços e dado a minha bunda tantas vezes que tinha perdido a conta. Não havia nada de novo a tentar. Se eu

permitisse que ele me sufocasse mais duas vezes, eu estaria livre.

Estava perto demais disso.

6

CROW

EU ME RECUSAVA A ADMITIR.

Eu não era dela. Isso nunca aconteceria.

Ela teria que se conformar e aceitar de uma vez.

Mas eu sabia que isso não era verdade a partir do momento em que rejeitei Jasmine. Eu tinha todo o direito no mundo para fazer o que quisesse, mas simplesmente não queria fazer isso. Minha mente e meu corpo pertenciam exclusivamente a uma mulher.

Ela deveria continuar pensando que eu havia fodido outra mulher. Isso colocou espaço entre nós. Nós retornamos a ser mestre e escrava novamente, assim como eu queria. Nossas conversas se limitaram ao mínimo essencial, e nos concentramos apenas na sensação de nossos corpos se movendo juntos.

Mas eu estava começando a me sentir vazio.

Ela não me acompanhava para jantar ou tomar café da manhã. Quando ia ao seu quarto, mal olhava para mim. Nem uma vez me pediu para fazer algo por ela.

Esperava que ela me pedisse para sair para jantar ou fazer outra viagem a praia, mas isso nunca aconteceu.

Mesmo depois de ter passado semanas, ela manteve suas defesas altas.

E nem me deixava passar.

Eu sabia que a quantidade de botões dela estava aumentando, mas eu não tinha mantido o controle. Nós nos agarrávamos o tempo todo como animais, e fazíamos coisas inimagináveis. Ela se juntava a mim na escuridão e se tornava uma fera. Era tão primitiva, carnal e

descontrolada quanto eu. E eu estava muito ocupado aproveitando para me preocupar com o quanto isso me custava.

Abri a gaveta e contei os botões restantes. Restavam apenas noventa. Noventa.

Meu coração caiu aos meus pés com um estrondo alto, me deixando doente. Uma dor distante percorreu meu centro do peito. Eu estava cheio de ansiedade, incapaz de ficar parado por mais de um segundo.

Ela havia realizado atos sexuais intensos que me custaram uma fortuna. Nesse ritmo, não restaria mais de uma semana antes de ser forçado a libertá-la. Não seria difícil para mim esquecer minha promessa e forçá-la a ficar pelo resto de sua vida.

Mas eu não podia quebrar uma promessa feita.

Eu tinha que pegar esses botões de volta... a todo custo.

QUANDO CHEGUEI AO ESCRITÓRIO CENTRAL,

RECEBI UM OLHAR FRIO DE CANE. Nós não nos falamos desde que tivemos aquela discussão tensa. Ele queria trocar Button por vinte milhões de dólares, mas eu havia recusado.

Ele ainda estava chateado com isso.

- Olha quem chegou. - Ele carregou sua arma e empurrou-a agressivamente no coldre, como se fosse precisar dela.

Ignorei sua hostilidade e fui diretamente para os negócios.

- Miguel trouxe o novo protótipo. Eu fiquei impressionado.

Ele sentou na cadeira com um copo de uísque na mão.

- Fico feliz por você.

Sentei ao lado dele e continuei.

- A entrega ocorrerá amanhã. Parece que a Grã-Bretanha ganhou o leilão. Não me surpreende, já que Bones vendeu sua nova arma para o Oriente Médio.

Cane tomou um gole de sua bebida sem olhar para mim.

- Bones dobrou a oferta.

- Que oferta? - Eu suspeitava do que ele estava falando, mas decidi não acreditar. - Button não está à venda, e não existe dinheiro suficiente que se compare ao valor.

- Não se faça de idiota. Ele está disposto a pagar quarenta milhões de dólares. - Meu irmão finalmente se virou para mim, a ameaça inconfundivelmente refletida em seu olhar. - Nós seríamos idiotas se não aceitássemos.

- Ele agarrou o copo com força suficiente para quebrá-lo.

- ELA NÃO ESTÁ A VENDA. - Eu não a daria a ninguém. Ela pertencia a mim e a mais ninguém. Se alguém me oferecesse um país inteiro como pagamento, eu ainda não aceitaria.

Ele pousou o copo com tanta força que este explodiu na mesa.

Eu não recuei.

- Isso é uma merda. Eu arrisquei minha bunda para capturar essa vagabunda e agora não vou ganhar nada por isso. Eu não me vingo, e não vou cobrar nada. Se você acha que pode se safar disso, está muito errado.

Talvez meu irmão fosse maior que eu, mas não me intimidava.

- Eu vou te dar quarenta milhões.

- Como? - Sua mão estava sangrando, mas ele não se incomodou com isso.

- Eu vou te dar o dinheiro. E nós nunca vamos falar sobre esse assunto novamente. - O único jeito de Cane esquecer era receber algo em troca. Ele era teimoso e rancoroso, poderia guardar rancor até o fim dos tempos.

- Você ficou louco? - Ele me deu um olhar que eu nunca tinha visto antes. Como se não me conhecesse, e tivéssemos sido irmãos por toda a vida. - Você se apaixonou por ela ou algo assim?

Eu mantive minha voz firme.

- Não.

- Então, o que diabos está acontecendo? Você está se ouvindo falar?

- Eu não vou dá-la a ninguém, e acabou. Temos um acordo ou não?

Ele balançou a cabeça e desviou o olhar, pingando sangue na mesa.

- Você está batendo nela?

Eu queria mentir e afirmar que ela estava pendurada no teto naquele momento.

- Eu não tenho que lhe dar explicações. Vou te compensar pelo seu tempo. Aceite o dinheiro e feche a porra da boca.

- E quanto a Vanessa?

- Matar essa mulher não vai devolvê-la a nós. Vamos deixar isso no passado.

- É fácil para você dizer. - Ele pulou. - Você nem foi ao funeral.

Minhas mãos se fecharam em punhos.

- Cane, nem pense em tocar nesse assunto.

- Não, eu vou fazer isso. - Se pôs de pé - Talvez você não tenha dado a mínima para Vanessa, mas eu fiz. Eu não vou permitir que Bones se dê bem com isso. Você é uma merda por se preocupar mais com o seu pau do que

com a vingança pela nossa irmã. Eu amava muito Vanessa, e obviamente você não.

Em um instante eu me levantei.

- Não me diga como me sinto.

- Eu não preciso fazer isso. Está bem claro.

Eu sacudi a mesa, canalizando minha raiva da única maneira que podia.

- Eu não consigo dormir, porque o rosto dela preenche meus pesadelos. Não posso respirar, porque a culpa me sufoca. Eu não posso sentir nada além de agonia pelo que aconteceu com ela. Então não me diga que não dou a mínima. Se formos ver, me importo mais do que você. Eu não posso trabalhar, porque ainda tenho a sensação de que ela acabou de morrer. Você não sente lá e age como se a quisesse mais do que eu. Nós dois sabemos que eu estava mais perto dela do que

você já esteve.

- Eu pensava o mesmo. - Ele não se importava com nada do que eu tivesse dito. Ele havia tomado uma decisão, e se afastou, a repulsa ainda estava marcada em seu rosto. - Papai ficaria muito desapontado com você.

Isso me bateu exatamente onde mais doía.

- Ele estava sempre desapontado comigo.

Cane pegou a garrafa de uísque e seu sangue começou a escorrer pelo vidro. Pingava no chão, formando uma poça. Sem olhar para mim, ele foi para a porta.

- Bem, então somos dois.

NAQUELA NOITE, EU JANTEI EM MEU

ESCRITÓRIO.

Meus pensamentos não paravam de girar com o meu dilema. Meu irmão, a única família que me restava no mundo, me desprezava. E a única mulher sem a qual não podia viver odiava-me ainda mais.

Estava oficialmente no fundo do poço.

A solução mais fácil para o meu problema com o Cane era entregar Button, o que seria como matá-la.

Cane me perdoaria e isso se tornaria uma lembrança distante. Voltaríamos a nos aproximar, e à normalidade.

Mas não conseguiria desistir dela.

Não só não podia permitir que aquele homem voltasse a magoá-la, como não seria capaz de compartilhá-la com ninguém. Nem tinha certeza de como poderia deixá-la ir quando chegasse a hora. Não havia uma resposta correta. Se pudesse voltar atrás no

tempo, não a teria salvo. Eu teria me afastado e deixado Cane fazer o que quisesse com ela. Minha vida seria exatamente como era antes.

Mas também sem sentido.

A porta se abriu, e Button entrou na sala. Estava coberta com um

grosso cobertor marrom, sem deixar nada à vista abaixo do pescoço. Aproximou-se da minha mesa com o fogo queimando em seus olhos. Tinha o rosto muito maquiado, com os olhos esfumados, exatamente como eu gostava. Tinha o cabelo preso no alto da cabeça, e parecia pronta para uma boa e dura foda.

Apesar da minha dor, fiquei excitado.

Ela me olhava com uma expressão que misturava fogo e gelo. Desejava-me, mas também me odiava.

O sentimento era mútuo.

Abriu o cobertor e o deixou cair a seus pés. Estava totalmente nua diante de mim, e a luz das chamas faziam sua pele brilhar. Sua minúscula cintura fina dava lugar a peitos voluptuosos. Não tinha nenhuma cicatriz na parte da frente. Cada centímetro dela era perfeito.

Eu a desejava, mas não podia tê-la.

Restava-me uma quantidade perigosamente reduzida de botões. Não podia me permitir renunciar a nenhum mais. O meu irmão tinha acabado de me virar as costas, e eu não estava preparado para perder a única pessoa que me dava satisfação.

Eu me levantei e rodeei a mesa. Minhas mãos voaram para seus peitos imediatamente, massageando-os ferozmente. Ela gemeu suavemente para mim, adorando meu contato, mas odiando-o ao mesmo tempo.

Minhas mãos agarraram sua cintura, e minha testa pousou na sua. Eu queria beijá-la, mas me contive. Assim que beijasse seus lábios, estaria perdido. Perderia o controle sobre mim e daria mais botões do que eu poderia me permitir.

- Eu vou fazer amor com você. - O fogo rugia na lareira, e o suave tapete que havia no chão amorteceria meus joelhos. Podia dar-lhe exatamente o que precisasse, durante toda a noite. Depois, amanhã, a levaria a algum lugar bonito. Nem sequer iria trabalhar, para poder passar todo o dia com ela. Tudo o que quisesse fazer, eu lhe daria. Estava perigosamente perto de escapar do meu alcance.

Seu rosto tinha a mesma expressão que tinha uns instantes atrás. Essas palavras não significavam nada para ela.

- Dobre-me sobre a sua mesa e me foda ... e não se esqueça de me

comer meu cu. - inclinou-se sobre a madeira e exibiu a bunda para mim. A curva pronunciada de suas costas estava tensa. Suas nádegas eram firmes e redondas, prontas para serem separadas pelo meu grosso membro.

Eu queria transar com ela ... com todas as minhas forças.

Mas não queria desistir dos meus botões. Eu me inclinei sobre ela, pressionando meu peito contra suas costas.

- Vamos viajar para Roma amanhã. - Quero te mostrar a cidade e te levar para jantar.

Ela esfregou sua bunda contra o meu pau, fazendo-me deslizar em sua abertura molhada.

- O que você acha de me amarrar e me amordaçar e depois me foder até eu desmaiar? - Agarrou a virilha da minha calça de moletom e abaixou-as para libertar minha ereção.

Minha boca se fechou sobre seu ombro e lhe dei uma mordida suave. Queria penetrá-la até fazê-la gritar.

Queria fazer isso rudemente, batendo-lhe nas nádegas até que ficassem.

Mas mantive minha concentração. Agarrei-a pelos quadris e virei-a de costas. Levantei as pernas nos meus ombros e esfreguei sua virilha com o meu sexo.

- Eu quero baunilha.

Ela empurrou minhas coxas com as mãos.

- Não. - Sua sensualidade desapareceu, sendo substituída por uma severa advertência. - Foda-me ou não faça. Nada mais.

Raiva correu-me pelas minhas veias, fazendo com que a apertasse com mais força do que pretendia.

- Eu estou te dando o que você quer. Agora cale a boca e me deixe fazer isso.

Ela colocou os pés no meu peito e me empurrou para longe.

- Eu não quero baunilha. Não quero ir a Roma. O que eu quero é que você me foda com força e depois me deixe em paz. - Levantou-se da

mesa de um salto e pegou o cobertor do chão. O ódio brilhava inegavelmente em seus olhos. Ela queria se afastar de mim o mais rápido

possível. A conexão que costumava sentir comigo desapareceu. Assim que pensou que eu tinha fodido com outra, sua afeição por mim morreu.

Cobriu seu corpo com o cobertor antes de sair do meu escritório.

- Eu quero sair daqui, merda. Quero ficar longe de você. Quero me afastar de tudo.

7

PEARL

CROW NÃO VOLTOU A ME DIRIGIR A

PALAVRA. Em nenhum momento veio em busca de sexo ou conversação. Depois da luta no estúdio, ele manteve-se afastado de mim.

Eu me negava a aceitar sua oferta. Só estava tentando recuperar os botões que me havia dado, mas eu não ia permitir que aquilo acontecesse. Não estava disposta a aceitar subornos. Mesmo se me oferecesse uma semana inteira de férias por um botão, eu não aceitaria.

Eu estava determinada a ir embora.

Crow tinha se infiltrado no meu coração sem o meu conhecimento. Uma pequena parte de mim tinha morrido no dia em que o vi junto a outra mulher. Fui uma estúpida por pensar que eu era a única mulher que

ele estava transando. Presumi que eu fosse o suficiente, mas claramente não estava satisfeito.

Isso doía.

Se eu pudesse sair dali, voltava para casa e começaria de novo. Eu poderia esquecer Crow e as coisas incríveis que ele fazia para o meu corpo. Eu poderia me estabelecer em uma cidade pequena na costa oeste e tentar esquecer tudo o que tinha acontecido.

Manteria os olhos no prêmio, e não ia vacilar, nem por um segundo.

Crow estava fora durante o dia, então esse era o momento que eu podia sair do quarto, se quisesse. Ele tinha uma bela piscina na propriedade e uma trilha ao redor das vinhas. Eu desfrutava das belas paisagens durante sua ausência. Precisava aproveitá-las enquanto tivesse a oportunidade. Eu logo iria embora.

Saí do meu quarto com um livro embaixo do braço. Estava usando meu biquíni e meu vestido de verão fluía ao redor do meu corpo. Já tinha aplicado um bronzeador e cheirava a creme e coco.

Eu estava prestes a chegar à escadaria imponente quando ouvi um estrondo.

- Sinto muito por isso, Lars. - Uma voz de homem chegou até meus ouvidos, familiar, mas estranha. Um forte golpe reverberou contra os azulejos e depois o som de pratos se quebrando. Patrícia gritou antes que alguém afogasse o som.

Eu fiquei de pé.

O pânico atingiu meu peito com força.

Havia um intruso dentro da casa, alguém violento e agressivo.

Eu queria descer as escadas e sair pelas portas da frente, mas o homem estava lá embaixo, provavelmente observando a saída.

Merda!

Ouvi pegadas fortes, até que um homem de cabelo castanho escuro apareceu. Ele tinha olhos verdes hipnóticos, idênticos aos do irmão. A ganância brilhou neles assim que me viu. Ele tinha violência escrita em todo o seu rosto. Sem precisar de uma explicação, sabia exatamente porque estava aqui.

Para me matar.

Ele parou ao pé das escadas, ficando tenso antes de dar o próximo passo.

Meu coração disparou no meu peito e eu entrei em modo de sobrevivência. Eu tinha que pensar, e fazer isso rápido. Crow não estaria em casa por horas, então não podia contar com sua proteção. A única pessoa com quem eu podia contar era eu mesma.

- Não corra. Ou será pior. - Ele subiu lentamente as escadas, sem tirar os olhos de mim.

- Chegue perto de mim e você verá o que acontece.

Ele riu.

- Eu tinha me esquecido de como você é agressiva.

Talvez seja por isso que ele não queira desistir de você. -

Ele continuou subindo os degraus, aproximando-se cada vez mais de mim.

Eu não tive escolha a não ser correr. Se fosse rápida, poderia encontrar uma arma. No terceiro andar estava o quarto de Crow, seu escritório e a sala de jogos.

Certamente encontraria algo que poderia usar.

Eu joguei o livro e corri.

- Traga essa bunda aqui.

Subi apressadamente as escadas, tão rapidamente quanto meu corpo foi capaz de se mover. Ao chegar ao patamar superior, havia apenas duas opções: esquerda ou direita. Rapidamente, tomei minha decisão e corri

pelo corredor direito, direto para a sala de jogos. Por sorte, não estava trancada.

Entreí e peguei a primeira arma que pude encontrar.

Havia um chicote no chão e eu o peguei com pressa. Eu poderia bater nele ou estrangulá-lo com ele. Já havia matado um homem antes ... e voltaria a fazê-lo.

Cane me alcançou e fechou a porta atrás dele, bloqueando a saída. Ele olhou para o chicote que tinha na mão com um sorriso perigoso nos lábios.

- O que você vai fazer com isso, querida?
- Crow vai matar você.
- Ele é muito covarde. Nem é capaz de desistir de você.
- Porque ele não é um monstro. - Segurei o chicote para o alto, pronto para chicoteá-lo quando chegasse perto o suficiente.
- Não. Ele não é nada além de um mentiroso idiota.

Ele se preocupa mais em te foder do que com a proteção da sua própria família. E como ele não é capaz de fazer o que precisa ser feito, eu o farei.

Suas palavras caíram em ouvidos surdos, porque eu não as entendi. Tudo o que importava para mim era sobreviver. Tinha que superar isso. Tinha que me

proteger até Crow chegar em casa. Sua equipe estava fora de combate e ele instantaneamente imaginaria exatamente o que havia acontecido.

- Se você se render, eu não vou te tocar.
- Se você me tocar, eu te mato.

Ele riu baixinho.

- Você está indo embora, querida. - Ele fingiu me atacar pela direita e depois mudou de direção no último minuto e se atirou contra mim pela esquerda.

Descarreguei o chicote, batendo-lhe no pulso, mas não consegui nada. Nem sequer reduziu sua velocidade.

Ele atingiu-me diretamente e me segurou no chão.

Eu ainda quis lutar e dei um soco no rosto, enfiando os dedos no nariz. O sangue saltou, deslizando pelo rosto. Eu dei-lhe outro soco, disposta a matá-lo.

- Puta maldita. - Ele imobilizou meus braços acima da minha cabeça e me socou com força total, diretamente no rosto.

Senti o meu maxilar quebrar-se.

- Uma boa surra. - Ele voltou a me bater. - Eu vou fazer Bones sofrer pelo que ele fez comigo. Quando eu terminar com você, ninguém reconhecerá seu rosto.

Bones não vai mais te querer. - Ele continuou a bater-me

com os punhos ainda mais forte, me atingindo até que o havia sangue por todo lugar.

Eu não gritei. Não roguei ou implorei.

Não ia dar a ele essa satisfação.

Ele agarrou meu pescoço e bateu minha cabeça contra o chão.

- Hoje é o último dia da sua vida.

CROW

ENTREI NA ENTRADA COM O CARRO A TAL

VELOCIDADE QUE ESCORREGUEI NA CALÇADA E

QUASE COLIDI COM UMA DAS COLUNAS DE

ENTRADA. Deixando o carro ligado, pulei para fora com a arma na mão.

Lars apertou o botão de pânico na cozinha e o alarme tocou no meu celular. Pulei no meu carro e dirigi o mais rápido que pude, quase tendo um acidente na estrada.

Sem saber os detalhes, sabia exatamente do que se tratava.

Cane.

Entreí em casa com pressa e vi Lars amarrado no chão de ladrilhos, bem na entrada da cozinha. Ele ainda estava respirando, mas seus olhos estavam fechados.

Cane!

Meu peito se encheu de ódio. A adrenalina corria pelas minhas veias enquanto me preparava para a luta da minha vida. Se tivesse que escolher entre Button e meu último parente, eu faria.

Porque ele saiu da linha.

Corri para o andar de cima e verifiquei os quartos, procurando por eles. Era possível que Cane a levasse ao escritório principal. Ou talvez ele já tivesse entregando-a a Bones.

Eu tinha que verificar, só por precaução.

Corri para o terceiro andar e entrei em todos os quartos. O único que restou foi a sala de jogos.

De alguma forma, eu sabia que estavam lá.

Corri em direção a porta e joguei-a no chão com o ombro. Meus músculos se contraíram, meu corpo estava se preparando para a batalha final, a luta que levaria a minha vida ou a dele.

O que eu vi me obrigou a parar.

Button estava deitada no chão, coberta com tanto sangue que eu não conseguia distinguir suas feições. Era um cadáver inerte, cheirando a morte. Não sabia dizer se continuava sangrando. Seu sangue reluzia sob a luz.

Cane estava lá, com a cabeça erguida. Estava coberto em seu sangue. Em seus olhos não havia arrependimento. O único sentimento que consegui abrigar foi a raiva.

- Uma boa surra, Crow. Você deveria ter feito isso há muito tempo.

Sem pensar duas vezes, apontei a arma para a cabeça dele.

- Como se você fosse atirar...

Puxei o gatilho e ele desmoronou no chão.

Meus olhos se voltaram para a massa informe no chão. Encontrei seu pescoço e procurei o pulso, precisava saber se ainda estava viva. Se ela morresse, eu nunca me perdoaria. Já havia quebrado a promessa que lhe fizera.

Agora eu nunca teria a oportunidade de me desculpar por isso.

Mas ela tinha um pulso fraco.

- Aguenta, Button. Estou aqui. - Eu a levantei do chão meus braços, deixando meu irmão para sangrar e

morrer. Minha raiva foi rapidamente substituída pelo terror. Se eu não pudesse levá-la rapidamente ao hospital, ela não sobreviveria. Tinha acabado de perder Vanessa, e agora ia perder outra pessoa sem a qual não podia viver.

- Button!

INGRESSAMOS NO HOSPITAL E A LEVARAM

PARA OPERÁ-LA COM URGÊNCIA. Se não o fizessem imediatamente, sua morte era garantida. Mas era provável que morresse de qualquer

maneira.

Subi e desci o corredor e observei o relógio, enquanto o tempo parava. Minhas pernas me levaram de um lado ao outro, e meu peito doía cada vez que eu respirava. Se ela não conseguisse, não sabia o que ia fazer da minha vida.

As horas se arrastaram indefinidamente. Eu fiquei exatamente no mesmo lugar da sala de espera, apenas no caso de alguém vir me procurar. Não bebi e nem comi.

Estava me expondo ante meus inimigos ficando lá sem meus guarda-costas, mas isso não importava.

Tudo o que importava era Button.

DEZ HORAS DEPOIS, ELA SAIU DA CIRURGIA.

- Como ela está?

- Em estado crítico - disse o médico.

Eu processei essas palavras sem reagir, sem sentir.

Era outra vez como com Vanessa. A dor era insuportável demais. Se eu permitisse que meu corpo sentisse isso, ficaria desligado para sempre.

- Ela vai ficar bem?

Ele olhou para o chão, evitando meus olhos.

- É muito cedo para dizer. Ela perdeu muito sangue.

Teve muitos ferimentos internos. Nós consertamos tudo, mas isso não significa que irá se recuperar. São muitos traumatismos para a resistência de uma pessoa. Agora tudo depende dela.

Ela era uma lutadora. Ela conseguiria.

- Leve-me até ela.

- Ela não pode receber visitas...

- Agora!

Ele não se atreveu a me desafiar depois de ver a expressão

aterrorizante que lhe dei. Se alguém se metesse comigo, era um idiota. Eu estava delirante de dor e poderia atacar a qualquer momento.

- Ela está aqui.

Ele me guiou ao seu quarto, um quarto privado num canto do hospital. Tinha uma grande cama, uma sala de estar privada e uma enorme janela com vista para a cidade. O médico assentiu antes de fechar a porta atrás de mim.

Eu me aproximei de sua cama e a contemplei de pé ao seu lado. Tinham limpado o sangue, mas ela parecia ter a metade de seu tamanho normal. Sua pele havia perdido seu aspecto suculento e estava anormalmente pálida. Seu rosto estava marcado por golpes e cortes, a ponto de eu não conseguir distinguir suas feições.

Sentei-me na cadeira ao lado da cama e senti a aflição subir pela minha garganta. Ela estava nesse estado por minha causa. Eu não deveria ter sido arrogante para supor que estava segura em minha casa. Ela já tinha passado por muito, e agora tinha que suportar algo pior.

Eu havia falhado com ela.

Minha mão encontrou a sua e entrelaçou nossos dedos. Isso me lembrou das vezes em que eu tinha segurado sua mão durante a viagem de carro. Agora suas unhas pareciam menores, sem vida. A sensação não era a mesma. Era como tocar um cadáver.

- Button, eu sei que pode me ouvir. Vai sair disso.

Você é forte. Já passou por coisas piores. Só tem que continuar lutando. - Apertei a mão dela gentilmente, esperando que ela soubesse que eu estava lá. - Não se renda.

DOIS DIAS SE PASSARAM E ELA AINDA NÃO

TINHA ACORDADO.

Tomei banho em seu quarto e comi o que a enfermeira me trouxe. Não saí do lado dela porque estava com muito medo. Se eu não estivesse lá para protegê-la, estaria sozinha e vulnerável. Mesmo que os homens de Bones armados com armas entrassem, eu não planejava me mover. Eu cobriria seu corpo com o meu até que eles me retalhassem com

balas.

Ele iria protegê-la a todo custo.

Não dormi, porque fechar os olhos era muito difícil para mim. Eu temia que ela precisasse de alguma coisa.

E se acordasse, e eu não estivesse acordado para consolá-la? Além disso, sabia que os pesadelos me atacariam quando fechasse os olhos.

- Button, continue lutando. - Estava segurando sua mão, como sempre, desejando que ela sentisse o calor da minha pele contra seus dedos gelados. - Você vai sair disso. Eu sei que vai conseguir.

Fazia quatro dias desde que ela foi internada no hospital, e ainda não tinha dado sinal de vida. Suas contusões não tinham desaparecido.

O que aconteceria se ela nunca acordasse?

Meu celular tocou no meu bolso.

Eu respondi sem olhar o nome.

- O que é?

- É Lars, senhor.

- O quê? - Repeti. Não fui capaz de ser gentil. Tudo tinha morrido dentro de mim.

- Eu só queria que você soubesse que Cane acabou de ser liberado do hospital.

Ele estava vivo?

- Oh!

- Eu pensei que você gostaria de saber.

Se ele se aproximasse daqui, atiraria nele de novo...

e desta vez não falharia.

- Obrigado, Lars. Como estão as coisas em casa?

- Bem. Todos estão bem. Só esperamos que a senhorita Pearl volte para casa em breve.

Pearl era um nome lindo, que eu nunca usei.

- Sim. Ela vai sair disso. - Meu polegar deslizou sobre os nós dos dedos.

- Posso te trazer algo, senhor?

- Não.

- Certo. Eu continuarei esperando, senhor.

Desliguei e devolvi o celular ao bolso.

Cane seria um idiota se ele mexesse comigo naquele momento. Eu tinha atirado em seu braço, então ele sabia que eu estava falando sério. Se me chateasse de novo, me certificaria de que a bala fosse direto para a cabeça dele.

Família ou não, ele não deveria ter mexido comigo.

De repente, Button respirou fundo e seus olhos se arregalaram. Ela fez uma careta para a claridade vinda da janela. Então respirou fundo novamente e seu pulso acelerou sob as pontas dos meus dedos.

Chocado porque ela tinha acordado, por um momento me esqueci de falar.

- Ele se foi. Você está segura.

Ela se virou para mim e estreitou os olhos para me encarar, processando suas memórias e a realidade ao

mesmo tempo. Sua mão foi até o peito e apalpou sua pele, como se precisasse se certificar de que não estava sonhando.

Ela tinha conseguido.

- Crow?

- Button, eu estou aqui. - Segurei sua mão entre as minhas, grato por ela continuar nesse mundo. Eles a haviam espancado até desfigurá-la, mas reconheci seus belos olhos azuis.

Meu corpo reagiu de uma maneira que eu não esperava. Lágrimas vieram aos meus olhos, uma umidade quente que veio do nada. Meus olhos se encheram quando a olhava. Minha irmã não teve sucesso, mas Button sim. Eu não era capaz de enfrentar outro cadáver em meus

braços. Não podia suportar enterrar outra mulher inocente. Não poderia perder outra pessoa.... Alguém que me importava tanto.

- Porra, eu sinto muito.

Ela não escondeu sua surpresa ao ver lágrimas nos meus olhos. Levantou sua mão e tocou minha bochecha.

Seu polegar deslizou lentamente pelo canto do olho, e uma lágrima não derramada ficou presa na ponta.

Eu não tinha vergonha da minha emoção. Era a primeira vez que a demonstrava. Me lembrou que era humano, que não era feito de pedra. Eu tinha um coração que ainda funcionava. Pensei que não tinha mais nada e ela me preencheu com algo novo: me encheu de esperança.

- Eu me odeio. - Beije a mão dela e a coloquei contra a minha bochecha. - Eu me odeio por permitir que isso acontecesse com você. - Eu a beijei novamente e fechei os olhos, fortalecendo minha determinação e tentando manter a compostura.

- Não foi sua culpa... - Sua voz estava rouca por ter passado dias sem falar.

- Sim é. Eu quebrei a promessa que fiz para você.

- Crow... - Ela estava fraca demais para falar.

Normalmente, as palavras saíam de sua boca a um milhão por minuto. Mas agora falava devagar e baixinho. Seus lábios estavam rachados porque esteve dormindo por tanto tempo. - Está tudo bem.

- Nunca vai ficar bem. - Eu nunca superaria isso ou me perdoaria por permitir que isso acontecesse. Eu nunca perdoaria meu irmão por fazer isso. Ele a atingiu com crueldade sem limites, pior do que Bones fez.

- Cane está morto?

- Não. - Eu estava com vergonha de negar isso. -

Atirei nele, mas ele acabou de sair do hospital.

- Oh! - Ela não conseguia esconder sua decepção.

- Ele não vai chegar perto de você novamente. Não se preocupe com

isso. - Era difícil olhá-la nos olhos quando seu rosto estava machucado. Ver isso me machucou fisicamente. Não porque ela parecesse diferente, mas porque ela ainda sentia uma dor imensa.

- Posso ir embora?

Eu não iria forçá-la a ficar comigo. Os botões não importavam mais. Ela tinha passado por coisas suficientes. Se ela quisesse ir embora, eu não a impediria.

- Você está livre para ir quando quiser. - Pensava que estaria segura comigo, mas logo descobri o quanto era incompetente.

- Então podemos ir para casa agora? - Ela sussurrou.

- Eu odeio hospitais...

- Você quer ir para a fazenda? - Mantive a esperança longe da minha voz. Se ela me pedisse para deixá-la no aeroporto naquele momento, eu o faria.

Ela assentiu.

- Eu quero estar na minha cama... com minha janela.

Se isso era o que ela queria, era o que teria.

- Eu tenho um quarto com varanda privada. Você gostaria de se mudar para lá? - Eu deveria ter oferecido isso há muito tempo.

- Uma varanda? - Ela sussurrou.

- Sim. Você pode deixar as portas abertas sempre que quiser.

Depois de pensar por um momento, ela assentiu.

- Eu gostaria disso.

- Eu vou falar com o médico e vamos embora. -

Mantive minha mão na dela porque era tão difícil para mim afastá-la. Não queria deixá-la ir, nem por um segundo. Eu quase a perdi e foi a sensação mais dolorosa do mundo.

Ela detectou minha indecisão.

- Ficarei bem.

Eu me levantei e me inclinei sobre ela. Minha boca se moveu imediatamente para sua testa e lhe dei um longo beijo. Estendi o contato por quase um minuto, com uma violenta dor no coração. Eu nunca tinha feito nada parecido, mas de alguma forma, parecia natural para ela.

Como se eu devesse ter feito desde o começo.

9

PEARL

MEU CORPO TODO DOÍA.

Apesar de ter passado dias desde que me submeti a cirurgia, senti-me fraca. Meu corpo não funcionou como costumava. A força que tinha desapareceu. Se eu tivesse que me defender, tinha vergonha de admitir que não teria chance de vencer.

Estava tão quebrada.

Cane tinha sido impiedoso. Quando começou, era impossível pará-lo. Ele assumiu que eu tinha feito algo pessoal. Assim me atingiu até quase me matar.

Quando eu não fiz nada para provocá-lo.

Que obsessão ele tinha comigo? Crow não ia me devolver para Bones, então por que seu irmão continuava insistindo nisso? O que ele tinha conseguido me espancando até me deixar inconsciente? Ele

pretendia me matar? Honestamente, eu pensei que estava morta. Quando abri os olhos no quarto do hospital, não pude acreditar onde estava.

Uma parte de mim queria estar morta.

Eu me apaixonei por um homem que gostava de me machucar, meu próprio namorado tinha me vendido para uma vida de escravidão para pagar suas dívidas, um psicopata havia me estuprado e ninguém estava esperando por mim em casa.

Qual era o ponto?

Crow me levou de volta para sua mansão e me instalou no quarto com a varanda. Ele me carregou em seus braços e me colocou no sofá, que ele havia deixado a sombra. Ao lado havia uma pequena mesa cheia de livros. Em vez de ordenar a uma de suas empregadas que me atendesse, ele ficou ao meu lado.

- Posso te trazer outra coisa? - Ele colocou a cadeira ao meu lado e sentou-se. Usava jeans e uma camiseta, mas se comportava com uma rigidez que dava a sensação de estar em uma reunião. Estava em brasas a cada segundo que passávamos juntos.

- Estou bem. - Peguei um livro e senti a tensão no meu braço tentando levantá-lo. Algo tão simples quanto

segurar um livro me custava muito esforço. Era patético.

Eu havia perdido toda a minha força na luta pela sobrevivência e agora tinha medo de nunca mais recuperá-la.

Crow me ajudou.

- Sua força voltará. - Ele entendeu melhor do que ninguém o quanto eu era orgulhosa da minha capacidade de cuidar de mim mesma. Agora, estava tão fraca que tinha que confiar em alguém para cuidar de mim... algo que eu odiava.

Abri o livro e procurei a página que tinha parado. Eu tinha lido um parágrafo quando senti seu olhar intenso em mim. Estava praticamente queimando um buraco no meu rosto.

- Eu estou perfeitamente bem. - Olhei de volta para ele, mostrando que minha resolução não tinha vacilado, mesmo que meu corpo tivesse quebrado. Essa força ainda estava dentro de mim.

Ele baixou os olhos, com vergonha e desespero escritos em seu rosto. Não usou uma expressão estoica para esconder seus pensamentos, como costumava fazer.

Isso permitiu que eles brotassem como uma inundação.

Eu ainda não tinha me olhado no espelho porque não queria ver o estrago que Cane havia feito. Mas a julgar pelo inchaço da minha bochecha e meus lábios, eu estava cheia de hematomas. Meus olhos latejavam e um deles estava parcialmente fechado pelos golpes. Eu podia ver meu corpo despedaçado e sabia que meu rosto combinaria com isso.

Crow olhou para a sacada e para as vinhas. Ele não estava mais me encarando, mas permaneci em sua visão periférica. Imóvel e silencioso como uma estátua, permaneceu ao meu lado.

- Você não tem que ficar sentado aqui por mim. Eu estou perfeitamente bem.

Ele não reagiu às minhas palavras.

Eu posso ser fraca, mas não preciso da sua compaixão.

- Crow, você pode sair.

- Talvez eu precise sentar aqui com você. - Ele falou baixinho, como se não quisesse que o ouvisse.

- Não, você não precisa.

- Você não entende. Você pode não precisar de mim, mas eu preciso de você. Então, por favor, deixe-me

sentar aqui. - Ele tinha uma mandíbula dura e agarrava seu braço como se este fosse cair a qualquer momento.

Eu respeitei seu pedido e voltei para o meu livro.

Não disse mais nenhuma palavra e ele também não disse nada. Nós apenas nos sentamos juntos em um pesado silêncio, ele fumegando e eu lendo. Lembrei-me de suas lágrimas por causa da minha dor. Eram idênticas as minha quando ele confessou sua desolação ao perder sua irmãzinha. Nós dois choramos um pelo outro. Nós estávamos mais conectados do que pensávamos. Mas isso não me assustava mais.

E nem ele.

EU ESTAVA MUITO FRACA PARA ANDAR.

Era embaraçoso.

Crow tinha que me levar ao banheiro toda vez que eu precisava ir, e eu não era capaz de pegar minhas coisas quando precisava porque meu corpo não cooperava. Era como um cadáver inútil, confiando em alguém para me fornecer o que eu precisava.

Era humilhante.

O sol desaparecera detrás do horizonte e o som dos grilos enchia o ar da noite. Os campos reviviam com a

melodia da brisa e os insetos zumbiam nas sombras. Eu queria ficar lá o dia todo e apreciar o momento, mas mal conseguia manter meus olhos abertos.

Crow sentou-se na beira do sofá e viu meu rosto.

- Pronta para ir dormir?

- Sim...

Ele me pegou e me levou de volta para o quarto. O

ambiente era parecido com a meu, mas tinha qualidades únicas. Era um pouco maior e tinha um chuveiro e uma banheira.

Em vez de me deixar na cama, ele me levou para o seu quarto e me deitou na cama.

- O que você está fazendo?

Ele me deitou de costas e depois levantou minhas pernas, tirando minha calça de moletom.

- Preparando-a para dormir.

- No seu quarto?

Ele nunca tinha sido tão gentil comigo, nem mesmo quando lhe pedi para fazer amor comigo. Ele tirou a roupa e foi para a cama ao meu lado.

- Sim. - Apagou a luz, mas não se aninhou junto a mim. Eu sabia que meu corpo sofria uma dor imensa,

mesmo cheia de analgésicos. Muita pressão nas minhas pernas ou braços seria extremamente irritante.

- Enquanto você estiver ao meu lado, estará segura.

Eu olhei para o perfil do seu rosto no escuro.

- Tenho certeza de que vou estar perfeitamente bem no final do corredor.

- Eu quero você aqui. A menos que não queira ficar.
- Agora, ele me dava uma escolha. Antes, era do seu jeito ou de qualquer maneira. Agora me sentia uma igual, não um bem que ele possuísse.
- Sim, eu quero. Mas não se isso fizer você se sentir desconfortável.
- Eu ficaria mais desconfortável com você no final do corredor. - Ele estendeu a mão e pegou a minha debaixo do lençol, gentilmente envolvendo seus dedos ao redor dos meus. - Eu não quero que você esteja em qualquer lugar, que não seja aqui.

CROW NÃO VOLTOU AO TRABALHO. Ele ficou

em casa e se fixou em mim como uma sanguessuga. Não queria que nenhum membro de sua equipe se aproximasse de mim. Era ele quem me trazia as refeições, me dava banho e me fazia companhia.

- Eu vou entender se você tiver que voltar ao trabalho. - Estava sentada à mesa da varanda, tentando comer tudo o que tinha no prato. A medicação que tomava tirou o meu apetite, não sentia vontade de comer nada. Se fosse por mim, eu não teria comido nada.

- Você não precisa ficar por mim.

Ele não reconheceu minha reivindicação. Continuou a comer sua salada e seu sanduíche em silêncio.

Como ele não respondeu, não insisti nisso. Por trás de sua fachada, estava se corroendo por dentro. Ele era gentil quando cuidava de mim, mas também parecia irritado ao mesmo tempo.

- Está um lindo dia.

- Suponho que sim. - Ele comeu metade de sua comida antes de afastar o prato. Seu apetite não era o mesmo. Parecia mais sério que o normal, fervendo com uma raiva silenciosa. Se ele não me dissesse que queria que eu estivesse lá, teria assumido que ele me odiava.

- Eu gostaria de poder dar um passeio pelas vinhas.

- Apreciava muito mais minha saúde quando não a tinha. Agora que não podia andar, queria correr. Um dia recuperaria minha força. Mas a recuperação seria um processo longo.

- Eu posso levar você.

- Não, estou bem. - Ri baixinho porque Crow vinha em meu socorro assim que eu precisava de algo.

- Qualquer coisa que você quiser, farei acontecer. -

Ele disse isso com tanta convicção, que acreditei nele.

- Eu não quero nada agora. - Estava curiosa para saber o que aconteceu com Cane. Ele havia deixado o hospital, mas quão sérios eram seus ferimentos? Eu poderia esperar que ele me atacasse novamente? Não perguntei, porque não queria alterar Crow.

- Você quer ir embora? - Ele não me olhou nos olhos quando fez a pergunta. - Porque você é livre para ir assim que desejar. Eu farei todos os preparativos para que possa voltar em segurança.

Liberdade.

Ele estava me oferecendo numa bandeja de prata.

Tudo o que tinha que fazer era dizer uma palavra, e isso me levaria para a América. Poderia ouvir o tráfego da cidade e ver os lunáticos se apressando pelas calçadas.

Inalar a contaminação e sentir o cheiro no nariz.

Observar os arranha-céus cobrindo o sol das cinco da tarde. Poderia ver minha casa novamente.

Mas como eu iria sobreviver no meu estado? Eu não conseguia nem andar. Não tinha uma casa para voltar, nem um centavo no meu nome, e estava desempregada.

Neste momento não poderia voltar. E, embora pudesse, não tinha certeza se queria.

Algo me segurava lá.

- Eu quero ficar.

Ele olhou de volta para mim, incapaz de esconder o alívio em seus olhos.

- Tem certeza?

Balancei a cabeça.

- A oferta não é temporária. Você sempre pode mudar de ideia.
- Eu sei... - Os botões pararam de importar. Eu não era mais sua propriedade. Estava livre para ir e vir como quisesse: como pessoa. Nosso relacionamento era diferente agora. Era a primeira vez que eu recebia um trato como convidada.
- Você tem uma consulta com o médico amanhã.

Verificação de rotina

- Bem. Eu preciso de todas as pílulas possíveis.

Um pequeno sorriso se desenhou em seus lábios, quase imperceptível.

- Eu vou te dar tudo o que você precisar.
- Obrigada. - Cortei minha salada, mas não dei uma mordida. Tudo o que Lars fazia era delicioso, mas meu estômago não conseguia manter a comida como antes.
- Continue comendo. - Sua voz tinha um toque de autoridade, mas não a exercitava como antes, me sufocando.
- Eu não estou com fome.
- Como você espera recuperar forças se não comer?

Era possível que nunca recuperasse sua força.... Eu tinha mais cicatrizes do que nunca. Tinha perdido quase a metade do meu sangue. Apesar de não ter olhado para o meu rosto, sabia que tinha sido quebrado. Talvez nem parecesse mais comigo.

- Button, claro que você vai. - O apelido veio de surpresa, mas ele não hesitou na palavra. Ele olhou para mim como costumava, cheio de respeito e admiração. -

Eu vou ajudar você a conseguir.

Embora sua convicção tenha aquecido meu coração, não era suficiente. O desespero me tomou. Depois de quase morrer eu nunca seria a mesma. Levaria meses para me recuperar. E mesmo assim, eu não seria capaz de correr tão rápido.

Ele detectou o desconforto no meu rosto, sabendo exatamente o que

eu estava pensando.

- Não faça isso.

- Fazer o que?

- Render-se a autopiedade. Eu não vou permitir isso.

Eu desviei o olhar.

- Eu não vou permitir isso.

O

FOGO

QUEIMAVA

NA

LAREIRA,

DIRETAMENTE EM FRENTE À GRANDE CAMA. Os pesadelos não apareceram porque a presença de Crow os afastou. Ele era o protetor dos meus sonhos e do meu corpo.

Gentilmente me colocou contra seu peito, tomando cuidado para não me machucar no processo. Entrelaçou nossas pernas e descansou a cabeça contra a minha. O

fogo era a única fonte de luz no quarto e lançava um brilho em seu peito nu.

Seu peito firme era o lugar mais confortável do mundo. Era quente e acolhedor. Tentei não pensar em todas as outras mulheres que teriam dormido em sua cama. A mulher que o beijara veio à mente. Eu nunca

fiquei tão brava com ele por isso. Ele tinha partido meu coração quando não pensei que poderia fazer isso.

Eu me esforcei a parar de pensar nisso antes que a dor me engolisse.

Crow observou cada um dos meus movimentos. Ele podia adivinhar meus pensamentos através dos meus olhos, sabendo que algo havia mudado na atmosfera.

Detectou a tensão em meus braços, pelo jeito que me afastei ligeiramente dele.

- Em que você está pensando?

- Em nada. - Limpei minha mente e parei de imaginá-lo com outras mulheres. Quando pensava nisso intensamente, sentia como se fosse me afogar em desespero. Ele não tinha significado nada para mim quando cheguei aqui, mas quando pensei que ele estava transando com outra, percebi que ele significava tudo para mim.

- Não minta para mim. - Ele se incorporou em cima de mim, apoiando seu peso nos braços e me imobilizou contra o colchão para que eu não escapasse.

O que foi inútil, porque eu não conseguia me mexer.

- Você me odeia por permitir que isso aconteça com você? - Ele sussurrou. - Porque deveria.

- Não era isso o que eu estava pensando.

- Então no quê?

Se havia algo que aprendi na vida, foi que você não poderia deixar que as pessoas soubessem o quanto eles causavam danos a você. Manter uma atitude forte era essencial para evitar que as pessoas o prejudiquem ainda mais.

- Aquela mulher com quem você estava. Você ainda está encontrando-a?

- Aquela mulher? - Uma expressão de perplexidade apareceu em seus olhos. Ele não tinha ideia de quem eu estava me referindo.

- A mulher com quem você dormiu. - A menos que houvessem mais. Isso só me faria sentir pior.

Seus olhos relaxaram lentamente e a chama hostil desapareceu.

- Ela nunca significou nada para mim, Button.

- Mas significou o suficiente para me machucar. -

Não me incomodei em continuar mentindo. Meus sentimentos eram tão óbvios quanto o céu azul que eu via todos os dias.

Ele baixou os olhos, o primeiro sinal de remorso que me mostrou até agora.

- Eu nunca dormi com ela.

Uma coisa era ser infiel a outra era mentir.

- Não volte atrás com sua palavra agora.

- Eu não estou fazendo isso - disse - Nós saíamos juntos antes de nos conhecermos. Mas tudo acabou quando ela saiu do país. Ela acabara de voltar e queria voltar comigo. Eu disse não.

- Isso não foi o que você me disse.

- Na verdade, tudo o que eu disse foi que não era da sua conta, e eu poderia fazer o que quisesse. - Ele manteve o corpo em cima do meu, não me tocando por medo de me machucar com seu peso. - Não queria que você soubesse que eu estava comprometido contigo. Ou que você soubesse que me controlava. Então te deixei pensar o que quisesse.

Crow não mentiria para mim, então acreditei em cada uma de suas palavras.

- Eu queria que você tivesse me dito a verdade...

- Eu também. Quase fiz isso antes... - não terminou a frase, porque doía muito. - Quando você se recusou a me dar algum dos seus botões, percebi o quanto havia estragado tudo. Eu tentei consertar, mas demorei muito.

- Então, você esteve com alguém depois de mim? -

Mantive a esperança longe da minha voz, mas essa tarefa exigiu toda a minha força.

- Nunca! - Ele colocou a mão no meu rosto, os dedos enterrados no meu cabelo. - E eu não quero estar com mais ninguém.

Sua frieza me rejeitara há muito tempo, mas agora eu entendia que o que tínhamos era algo verdadeiro. Eu não era mais uma escrava e ele deixara de ser meu mestre. O que havíamos significado para nós dois.

- Me desculpe se machuquei você.

Meus dedos envolveram o pulso dele.

- Não faça isso de novo.

Ele olhou para mim, nossos olhos fixos um no outro.

- Não o farei.

10

CROW

ENTREI PELA PORTA DOS FUNDOS, COM UMA

ARMA NO QUADRIL E UMA FACA NO BOLSO DE

TRÁS. Meus homens me flanqueavam, cobrindo-me de todos os ângulos quando entramos na cafeteria.

As luzes estavam apagadas, exceto por uma única lâmpada que brilhava na cozinha. As janelas na frente da loja eram completamente pretas para impedir que os olhos do inimigo testemunhassem essa reunião incomum.

Seus homens se espalharam pelo lado oposto do café, com rifles e armas nas mãos. Eles estavam vestidos inteiramente de preto e usavam coletes à prova de balas.

Nossas condições incluíam vir sozinhos, mas nenhuma delas se cumpriu.

Bones estava sentado em uma mesa no centro da sala, vestindo seu terno usual com uma gravata preta.

Seu cabelo loiro estava penteado para trás e seus lábios empunhavam seu costumeiro sorriso zombeteiro. A expressão em seus olhos era neutra e seu rosto inexpressivo.

- Crow. - Ele gesticulou para o assento a sua frente.

Quando olhei para aquele homem, o ódio explodiu no meu corpo. Ele fizera coisas terríveis com Button, infligira imensa dor, quando ela não merecia isso. Ele a tratou como um cachorro, em vez de um ser humano.

Isso abrigava a ideia errada de que uma mulher como ela poderia ser comprada.

Sentei-me na cadeira e mantive minhas mãos sobre a mesa. Estar tão perto dele revirava meu estômago.

Mesmo depois de todo esse tempo, ele ainda estava desesperado pela mulher que lhe havia tirado.

Agora ela era minha mulher.

- A que devo o prazer? - Ele juntou as mãos em uma tentativa de parecer refinado, mas só conseguiu parecer um homem cafona. Era como uma imitação barata de um designer.

A última vez que falamos, ele atirou em Vanessa na parte de trás da cabeça. Até o último músculo do meu corpo ficou tenso com a lembrança. Eu nunca esqueceria como o sangue dela espirrara no ar e se colara a minha pele. Nunca esqueceria o medo em seus olhos quando percebeu que ia morrer. Dormir era um luxo que eu não tinha mais.

- Você sabe exatamente porque estou aqui. - Quando lhe pedi a reunião, não expliquei meus motivos.

Porque nós dois sabíamos o que era.

- Espero que ela esteja na traseira de uma van, pronta para ser transferida.

Na verdade, dormia profundamente na minha cama, com o fogo ainda queimando na lareira, seu corpo coberto com uma das minhas camisas. Ela estava fortemente e totalmente protegida sob o meu olhar atento. Ela nem sabia que eu tinha saído. Olhei por cima do ombro e estalei meus dedos.

Um dos meus homens deixou uma mala de viagem preta no chão ao nosso lado. Ela aterrissou com um baque alto.

Bones olhou para ela de lado.

- Se ela estiver aí dentro, você estará morto antes de sair por aquela porta. - A ameaça se espalhou pelo ar.

Essa era a primeira vez que o vi expressar uma emoção real. Normalmente, apenas hostilidade e morte emanavam. Mas agora ele estava mostrando outra coisa.

- São quarenta milhões.

Seus olhos se moveram para a bolsa antes de me olhar de novo.

- Para quê são?

- Considere isso como uma compensação. - Ela era inestimável. Não pertencia a ninguém, nem a mim. -

Aceite o dinheiro e afaste-se de nós.

Seus olhos azuis se estreitaram, expressando irritação pela minha ousadia.

- Eu nunca vou me afastar.

- Pegue o dinheiro. Você terá recuperado suas perdas e obtido um ótimo retorno do seu investimento.

Pode comprar quantas prostitutas quiser, todas mais bonitas do que aquela que você perdeu.

Ele não moveu um músculo. Nem mesmo expandiu o peito com uma respiração profunda. Apesar de sua calma aparente, seu humor era assassino. Se ele pudesse, teria me atacado e estrangulado.

- Eu não aceito sua oferta.

Eu não podia sair daquele restaurante sem conseguir um acordo. Se ele não acabasse com sua obsessão por Button, continuaria procurando por ela. Cane poderia atacar novamente, e da próxima vez era possível que ela não sobrevivesse. Eu tinha que acabar com essa situação violenta de uma vez por todas.

- Eu vou te dar o dobro.

Seus olhos não se arregalaram, mas brilharam de surpresa.

- Quanto mais você elevar sua oferta, mais vou desejá-la.

- Mas você nunca vai tê-la. Eu trouxe essa compensação como oferta de paz. Se você não quiser, perfeito. Mas não vou entregá-la. Não agora, nem nunca.

Ele se inclinou lentamente sobre a mesa, apoiando os cotovelos na superfície.

- Você tem muita coragem, Crow. Mais do que pensei. Você roubou minha escrava e agora está usando-a como se fosse sua.

- Ela é minha.

- E esta é a sua vingança por causa da Vanessa. - Ele balançou a cabeça. - Não achei que você fosse capaz de algo assim.

- Eu sou capaz de muito mais. - Se pudesse colocaria uma bala no cérebro dele agora. Não hesitaria em matar o homem que machucou minha família.

- Mas você está começando uma guerra pior que a primeira. - Ele baixou o tom da voz, para que apenas nós dois pudéssemos ouvir. - Haverá mais mortes do que da última vez. Eu não vou parar até que eu tenha essa vagabunda na minha cama. Você está disposto a me desafiar apenas por uma boceta?

Meus músculos ficaram tensos com a escolha dos termos.

- Eu não preciso de mais nenhuma desculpa para te matar.

- Mantenha seu dinheiro. Da próxima vez que nos encontrarmos, vou tomar tudo o que você tem...

incluindo minha escrava. - Ele se levantou e abotoou a jaqueta enquanto se movia. Seu guarda-costas cobriu suas costas, apenas no caso de eu tentar atirar. Assisti sua partida, sabendo que a batalha acabara de se transformar em guerra.

VOLTEI PARA A CAMA SEM ELA PERCEBER. Ela nunca saberia que eu tinha saído no meio da noite e tentado garantir sua liberdade. A única maneira que poderíamos ficar livres era matar o Bones.

Era apenas mais um motivo para matá-lo.

Ele não era um adversário fácil de eliminar, mas era ela ou ele.

E isso significava que eu precisava de Cane. Odiava admitir a verdade depois do que ele fizera a Button. Mas não havia maneira de contornar isso. Eu precisava do que ele havia me proposto: Homens e armas.

Mas como eu olharia nos olhos de Cane sem puxar o gatilho? Como poderia me conter para não atirar nele?

Meus olhos não se afastaram do fogo na lareira, estava muito chateado para dormir. Em vez disso, observei o sol iluminar as cortinas enquanto amanhecia nas colinas. O quarto se encheu lentamente de luz antes da chegada do novo dia.

Button lentamente esticou seu corpo e despertou com um piscar de olhos. Olhou para mim e um pequeno sorriso surgiu nos seus lábios. Seu rosto não parecia mais o mesmo. Ela ainda tinha os olhos machucados e feridos.

Seus lábios estavam cobertos de cortes por causa dos socos de Cane. A descoloração escondia suas sardas e sua antiga pele preciosa. De alguma forma, sua beleza conseguia irradiar através das cicatrizes, iluminando tudo.

- Bom dia.

Eu a assisti extasiado.

- Bom dia.

Ela se aconchegou contra mim, envolvendo meu torso musculoso com o braço. Descansou sua bochecha contra meu peito e soltou um suspiro satisfeito. Seu cabelo estava espalhado na minha pele, acariciando-a suavemente.

- Você dormiu bem?

- Aham.

Contar a verdade sobre Jasmine, tirou um peso das minhas costas. Foi a minha teimosia que me colocou nessa confusão, para começar. Eu queria manter distância e esconder minha obsessão por ela, mas assim estive prestes a perdê-la, então, as regras do jogo haviam mudado. Eu não suportava sua frieza ou decepção.

Tinha que ser honesto e admitir que ela significava algo para mim.

- E você?

- Ótimo. – Percebi que seu afeto tinha aumentado desde a noite passada. Quando percebi que minha infidelidade havia magoado, a verdade é que eu tinha gostado. Gostava de saber que ela se tornara tão possessiva comigo quanto eu com ela. Mas não entendia nosso relacionamento, na verdade, nem sabia se era um relacionamento... mas havia algo lá. Era a primeira vez que uma mulher realmente se importava comigo. Elas costumavam ser nada mais que objetos sexuais, destinados a satisfazer minhas fantasias sexuais. Mas eu precisava de Button para realizar muito mais do que isso.

- Aqueles analgésicos são uma dádiva de Deus. Eu não seria capaz de pegar um olho sem eles.

- Posso imaginar. - Eu também tive que suportar minha boa porção de dor.

Ela sentou-se devagar e pude ver suas costas nuas.

Cicatrizes antigas marcavam sua pele nos lugares onde havia sido chicoteada. Agora, essas marcas não me excitaram. Na verdade, elas me fizeram me odiar ainda mais. Como eu era diferente de Cane? Nós dois lhe causamos dor intencionalmente. E mais, a minha atitude foi pior, porque fiquei animado com aquilo. Incapaz de

suportar a evidência do tratamento desumano a que lhe havia submetido, desviei o olhar para o fogo na lareira.

- Você vai trabalhar hoje?

- Não. - Sentei-me e pressionei meu peito contra suas costas. Cobrir as cicatrizes com meu próprio corpo, não me permitia mais vê-las. Pressionei meus lábios contra seu ombro e dei-lhe um beijo suave. - Eu vou ficar bem aqui.

- Espero que não seja por obrigação. Eu realmente estou bem.

- Definitivamente, não é por obrigação. - Se eu estivesse lá, ninguém mais poderia tocá-la. Ou se aproximar dela. Minha presença era a melhor proteção que ela poderia ter. Se alguém pretendesse prejudicá-la, teria que passar por mim.

Ou tentar, pelo menos.

- Você acha que o café da manhã está pronto?

Coloquei minha mão contra o pequeno estômago.

Acariciando-a levemente, dando-lhe carinho sem machucá-la.

- Você está finalmente com fome?

Ela assentiu.

- Estou faminta, na verdade.

- Eu vou ligar para o Lars.

- Vamos descer. Estou cansada de ficar trancada o tempo todo.

- Como você preferir. - Me vesti e a ajudei a vestir suas roupas. Ela ainda estava fraca, e não conseguia ficar em um pé para vestir as calças. Ela geralmente tinha que deitar na cama enquanto vestia as calças de moletom.

Sempre que a via nessa posição, meu pênis acordava.

Algo realmente sério estava acontecendo comigo.

Eu a levantei da cama, me preparando para levá-la em meus braços para o andar de baixo.

- Não. Me coloque no chão.

- Por quê?

- Eu posso caminhar sozinha.

Eu não queria desencorajá-la, mas realmente não achava que poderia fazê-lo.

- Você deveria descansar algumas semanas antes de tentar.

- Você não disse algo sobre não me regozijar com a autopiedade.

- E eu ainda mantenho isso. Mas você não precisa se esforçar para fazer algo que não pode fazer.

Aquela chama teimosa queimava em seus olhos, e ela se contorceu em meus braços.

- Me coloque no chão.

Eu não deveria ter dito isso com essas palavras.

Claro, elas só conseguiram persuadi-la a provar que eu estava errado.

Deixei-a lentamente no chão, segurando-a pelos braços, no caso de suas pernas não a sustentarem.

Ela colocou os dois pés no chão, mas não se mexeu.

Olhou para os pés e esticou os braços para manter o equilíbrio. Sua respiração acelerou imediatamente, lutando para suportar a dor.

- Deixe-me levá-la.

- Eu posso fazê-lo. - Ela falou com a mandíbula cerrada, ignorando a dor que descia por suas pernas.

Então eu fiquei com raiva.

- Isso é estupidez...

- Feche a boca e deixe-me tentar. - Button deu um passo trêmulo para a frente, os braços ainda esticados.

Seu pé vacilou quando tocou o chão de madeira. Ela deu outro passo e balançou para o lado como se estivesse se equilibrando em uma corda bamba.

Desse modo nós nunca iríamos tomar café da manhã.

Ela conseguiu atravessar a porta e chegar ao corredor antes que suas pernas comessem a tremer ainda mais. Seus músculos atrofiados não conseguiram suportar seu peso, e ela lentamente se curvou e começou a cair.

Eu a peguei e a levantei em meus braços.

- É um bom começo. Você vai melhorar.

- Eu consigo. Tenha um pouco de paciência.

- Se você cair a cada poucos metros, não conseguirá.

- Desci dois lances de escada com ela, convencido de que ela cairia pelas escadas se eu permitisse que ela andasse sozinha. - Mas dê um tempo. Você ainda está se curando.

- A levei para a sala de jantar e a coloquei na cadeira. - O

que você gostaria? - Sentei na frente dela e esperei que Lars entrasse. Ele sempre sabia em que sala estávamos, sem olhar. Tinha um sexto

sentido especial de mordomo.

- Você acha que Lars sabe como fazer torrada francesa?

Eu tentei não estragar seu ânimo.

- Ele sabe fazer tudo.

Só então Lars entrou.

- Senhorita Pearl, estou feliz que você esteja melhor.

- Obrigada, Lars. – Ela lhe deu um sorriso genuíno, do tipo que nunca havia dedicado a mim. - Estou feliz que você esteja bem também.

Ele assentiu.

- O que posso te oferecer esta manhã?

- Se não for muito inconveniente, você poderia fazer torrada francesa?

Lars sentiu fraqueza por ela desde o começo. Seu respeito óbvio pelo pessoal do serviço e educação para pedir fez dela a estrela da mansão.

- Claro. E você, senhor? - Ele se virou para mim com as mãos atrás das costas.

- Eu vou pegar o de sempre. Ovos e café.

- Muito bem senhor. – Assentiu.

Button se virou para mim, uma expressão de decepção no rosto.

- Você não se cansa de comer a mesma coisa todo sagrado dia?

- Você fica entediada em me comer todos os sagrados dias? - Olhei ferozmente para ela.

- Não é o mesmo.

- Eu acho que sim. - Descansei meus cotovelos na mesa e me inclinei para frente. - O que você quer fazer hoje?

- Eu não posso fazer muito. Estou incapacitada.

- Isso não é verdade. Nós podemos fazer o que quiser.

- Você não está cansado de passar esse tempo todo comigo? - Ela

perguntou surpresa. Normalmente você prefere ficar só noventa por cento do tempo.

Tudo isso mudou quando ela quase morreu.

- Agora eu prefiro estar com você noventa por cento do tempo.

EM VEZ DE CORRER COMO A MAIORIA FARIA,

CANE ABRIU A PORTA COMO UM HOMEM. Ele me encarou como um olhar duro e a mandíbula apertada, chateado por ter atirado nele e desesperado para fazer o mesmo comigo. Olhou para mim sem falar, com um aviso claro em seus olhos.

Olhá-lo assim de frente me dava vontade de colocar uma bala em cada um dos seus membros e vê-lo sangrar, assim como ele fez com Button. Cane merecia um destino pior do que ela teve que suportar.

Quando não falei uma palavra, ele perguntou:

- Você está aqui para me matar?

- Pode ser.

Ele encostou-se à porta, com um curativo no braço, onde ele recebera o tiro.

- Então faça de uma vez. - Se afastou da entrada, deixando a porta aberta para poder segui-lo para dentro.

Tinha uma casa perto da sede em Florença. Preferia a cidade grande, com pessoas e calçadas de paralelepípedos entre os prédios. A natureza e os grandes espaços abertos simplesmente não caíam bem para ele.

Eu o segui e entrei em sua sala diáfana. A parede dos fundos estava completamente ocupada por janelas que davam para o jardim dos fundos, com flores e grama. Era uma casa pequena, embora enorme por ser em Florença.

Cane pegou o copo de uísque do balcão e bebeu como se eu não estivesse lá.

Embora ele fosse meu irmão, eu ainda queria matá-lo. Ali mesmo. Button se tornou uma parte intrincada da minha vida. Quando ela sofria, eu sofria junto. Por termos vivido juntos por seis meses me fez

sentir estranhamente ligado a ela.

- Podemos acabar com essa merda?

Tirei minha jaqueta e a deixei cair nas costas de uma cadeira.

- Ela quase morreu.

- Bem. Era disso que se tratava.

As juntas dos meus dedos ficaram brancas de tanto apertar meus punhos.

- E o que é que você ganharia com isso?

- Irritar Bones. Enviei algumas fotos para ele.

Ele tirou fotos?

- Você é um bastardo muito doente.

- Não. Eu simplesmente queria vingança por Vanessa. Você se lembra dela, certo? Nossa irmã?

- Não vá por aí agora. - Tinha a arma na parte de trás do meu jeans e não tinha medo de usá-la.

- Você continua agindo como se eu fosse o cara mau no filme, mas foi você quem estragou tudo. Nós fizemos um plano e eu aderi a ele. Não é problema meu que você se apaixonou por essa puta estúpida.

- Eu não me apaixonei por ela.

- Bem, algo aconteceu. Você a escolheu em vez de mim. Eu não esqueço tão facilmente.

- Do que você está falando?

- Primeiro você me nega a minha vingança. Eu te disse várias vezes o quanto isso significava para mim. E

então você me dá uma porra de tiro. Mas que diabo, Crow?

- Você invadiu a porra da minha casa e a torturou. O

que você achou que eu ia fazer?

- Escolha seu irmão em vez de uma puta.

- Não a chame assim. - Ela era tudo menos uma puta, e era minha e só minha.

Ele revirou os olhos.

- Estamos lá novamente. O que essa mulher tem?

Bones se oferece para lhe pagar 40 milhões por ela, e você atira em seu próprio irmão para protegê-la? Sua vagina é o paraíso, ou algo assim?

- Não fale sobre sua boceta. - Meu pescoço ficou tenso pela ofensa e eu mal consegui me conter para não sacar a arma.

Ele me deu um olhar de descrença.

- Eu nem te conheço mais, cara.

- Ela é uma área proibida para todos. Não é de propriedade de Bones, e não será usada para se vingar de Vanessa. Podemos pensar em outra coisa. Então tire

isso da porra da sua cabeça. - Se ele insistisse nisso, eu o mataria.

Ele cruzou os braços sobre o peito e balançou a cabeça ligeiramente.

- Você se dá conta de que enlouqueceu?

- E você percebe que virou um imbecil?

- Arrisquei meu pescoço para tirar aquela cadela de lá, caso você tenha esquecido.

- E eu me ofereci para compensar você por isso, caso não se lembre.

- Mas eu não quero dinheiro. Tudo que quero é vingança. E eu obtive um pouco batendo nela até a morte. Se você quer que eu me desculpe, está perdendo seu tempo. Não me sinto arrependido. Se eu pudesse fazer tudo de novo, eu faria.

Agora ele saía da linha.

- Cane, vou te dar outro tiro, na porra da sua cabeça.

- E porque não. Eu não sou mais seu irmão, nem você é meu também. Então, o que mais importa?

No fundo, entendia o raciocínio de Cane. Nós tínhamos sequestrado Button por uma razão, mas tudo tinha

mudado

quando

descobri

essa

feroz

possessividade. Eu a tinha recebido sob minha proteção

com a intenção de usá-la para minha própria satisfação, mas ela tinha tomado a parte mais doce de mim, uma parte que eu não sabia que existia. Protegê-la tinha sido um ato de traição contra Cane. Entendi isso.

- Nós sempre seremos irmãos. Somos a única família que nos resta. Mas não me irrite novamente. Eu deveria te matar pelo que você fez com ela.

Ele olhou para mim com a mesma expressão fria que tinha me dedicado toda a vida.

- Eu não vou parar até vingar Vanessa. Matarei qualquer um que me atrapalhe, até mesmo o seu pequeno brinquedo.

- Você realmente acha que era isso que Vanessa iria querer? - Exigi saber. - Pearl nada mais é do que uma mulher inocente que foi sequestrada durante as férias.

Eles a venderam como se fosse lixo para aquele psicopata do Bones. Ela é tão inocente quanto Vanessa. Por que ela tem que pagar o preço das ações de outro homem?

- Eu não me importo se ela é inocente, ou se estava no lugar errado na hora errada. Foi assim que as coisas acabaram, e você terá que assumir isso. Alguém destruiu a minha família e tenho que reagir com tanta força quanto possível. E ela é fundamental para isso.

- Ela não faz mais parte deste jogo. Você e eu vamos nos vingar de alguma outra forma. Quando colocarmos nossas mentes para trabalhar juntos, vamos descobrir um modo de praticarmos essa vingança.

- Eu não quero me vingar de outra maneira.

- Você não gostaria de matá-lo? - Perguntei. - Com suas próprias mãos?

- Não. Quero que ele sofra como eu sofri. - Cane era teimoso e obcecado pelas coisas. Quando tomava uma decisão, se agarrava a ela de todas as maneiras. - Quero machucar alguém que ele queira, assim como ele machucou Vanessa.

- Bem, nós já conseguimos isso. Sua escrava é nossa prisioneira por seis meses.

- Sua prisioneira - ele contradisse. - E não conseguimos fodê-lo até que lhe mandasse aquelas fotos.

Isso deve ter atormentado seus sonhos, assim como ele atormentou os nossos.

- Ou apenas começamos a guerra do século. -

Quando me encontrei com Bones na noite passada, a intensidade de sua raiva reverberava na atmosfera.

Poucas palavras foram ditas, mas a hostilidade era evidente. - Encontrei-me com ele ontem à noite.

Cane deixou de lado sua raiva. Ele cruzou os braços sobre o peito e olhou para mim como se eu fosse um louco criminoso.

- Para quê?

- Eu tentei dar-lhe dinheiro.

- Você está brincando comigo, não é? Pagou para manter sua escrava?

- Agarrou a cabeça como se estivesse prestes a explodir. - Então, nós a sequestramos e depois você se oferece para pagar por ela? Você parece sua vagabunda.

- Eu só queria que ele fosse embora.

- Ele aceitou o dinheiro?

- Não. - Para nosso infortúnio. - A guerra continua.

- Então ela significa mais para ele do que pensamos.

- Um leve sorriso curvou seus lábios. - Foi bom dar-lhe uma surra. Ele provavelmente está louco agora.

Eu não seria capaz de continuar contendo minha raiva por muito mais tempo. Depois do que fez, não o via mais como meu irmão. Eu o vi como meu inimigo.

- Temos que trabalhar juntos para acabar com ele, Cane. De uma vez por todas.

- Acabar com um dos maiores gênios criminosos da Europa? - Ele perguntou incrédulo.

- Sim.

Ele se aproximou da mesa e se serviu de outro copo de uísque que bebeu de um gole antes de se virar para mim.

- Se isso fosse possível, teríamos feito há muito tempo.

- É possível.

- O plano original é melhor. Está funcionando. O

Bones está se irritando.

Button não sofreria novamente. Era proibido... para todos.

- Não.

Ele bateu o copo vazio, com força suficiente para quebrá-lo.

- Se você estivesse apaixonado por aquela mulher, seria mais compreensivo. É sobre isso?

O amor não entrava no meu vocabulário. Ele não havia dito essas palavras para ninguém em quinze anos.

Era um milagre que tivesse estabelecido qualquer tipo de ligação com Button. Mas o amor estava descartado.

- Não.

- Bem, então eu não entendo.

Eu também não entendia nada.

- Bones acha que estamos mutilando-a agora, graças às suas fotos. Portanto, não precisamos fazer muito mais, de qualquer maneira. Quando ele tentar recuperá-la, nós o pegaremos.

- Ou nós poderíamos entregá-la e ver como ela morre em seus braços.

Ela não ia morrer nos braços de ninguém.

- Cane, eu disse não.

- E eu digo sim.

Eu ia atirar nele entre os olhos.

- Concorde ou fique de fora.

- De onde?

- Fora da minha vida. - Eu poderia manter o negócio de armas. - Isso não significa muito para mim. Se ele ficasse contra mim, perderia minha confiança, se eu não pudesse confiar nele, não chegaríamos a lugar nenhum.

- Colabore comigo ou saia.

Ele se acomodou no sofá, braços ainda cruzados sobre o peito.

- Eu também amava Vanessa. Quero destruir Bones pelo que ele fez com a minha família. Minha dedicação continua a ser a mesma de sempre. Mas eu não quero

sacrificar Pearl por isso. É um compromisso que você deveria estar disposto a aceitar.

Seu olhar estava mais frio do que nunca.

- Cane.

Ele se recusou a olhar para mim, mantendo seus pensamentos escondidos.

- Nós temos um acordo ou não?

Seu ressentimento aumentou. Sua natureza fria enchia a sala, fazendo com que parecesse inverno em vez de verão. Ele era infantil por natureza e imaturo por princípio, e odiava o fato de que sempre viveu na minha sombra. Nosso pai mexeu comigo mais do que com Cane,

mas isso foi porque eu era o primogênito. Cane nunca gostou disso.

- Talvez.

- Essa resposta não é suficiente.

- O que diabos você quer que eu diga? Quer que eu me curve? Que fique de joelhos e beije seus pés?

- Eu só quero que você me apoie, assim como eu apoio você.

Ele me deu uma expressão de desprezo.

- Você parou de me apoiar assim que aquela mulher entrou em cena.

- Não, fui eu quem parou de ter seu apoio.

- Ok, se você quer acreditar nisso. - Ele descruzou os braços. - Mas eu quero Bones a dois metros de profundidade. Quero que ele tenha uma morte tão dolorosa, que continue sofrendo na próxima vida.

Estamos de acordo?

Isso foi algo que eu finalmente pude concordar.

- De acordo. Agora vamos pegá-lo.

Eu tirei minha arma do meu jeans e coloquei na mesa.

Cane observou meus movimentos.

- O que você está fazendo?

- Nosso acordo ainda está de pé. Mas preciso de compensação pelo que você fez comigo. Você invadiu minha casa e quase a matou de uma surra. Eu nunca vou te perdoar por tê-la machucado tanto.

A surpresa de Cane desapareceu. Parecia um pouco chateado.

- Eu suspeitava que algo assim ia acontecer...

- Olho por olho. - Isso não faria Button se sentir melhor, mas ela merecia justiça. Era apenas uma mulher inocente presa em um inferno de testosterona. Mas teria representação, como todo mundo. - Vou tirar fotos do

meu trabalho de punhos e mostrá-las a ela. Assim como você fez com

o Bones.

- Então ela pediu para você fazer isso? - Ele perguntou incrédulo.

- Não. - Joguei meu braço para trás e lhe dei um soco no rosto, fazendo o sangue fluir de seu nariz e boca. - Eu estou fazendo isso só por mim.

QUANDO ENTREI NO QUARTO, FIQUEI

DESAPONTADO AO VÊ-LA SENTADA NA CAMA COM OS JOELHOS ENCOSTADOS AO PEITO. O fogo havia sido reduzido a brasas que mal iluminavam a sala.

Mas havia luz suficiente para ver a expressão em seu rosto. Estava preocupada, não tendo ideia de onde me encontrava ou quando voltaria.

Ela virou os olhos para mim e alívio se espalhou pelo seu rosto.

- Você está de volta ... Graças a Deus.

- Eu nunca te deixaria desprotegida. Havia guardas do lado de fora.

- Isso não me importa. Eu estava preocupada com você.

Eu mantive minhas mãos fora de vista para que ela não pudesse ver o sangue seco preso à pele.

- Você nunca precisa se preocupar comigo.

Ela me pegou pelo braço e me puxou para a cama assim que eu estava perto o suficiente.

- Onde você estava?

Eu não gostava de ser interrogado. Era contra minha autoridade.

- Eu não fico animado com interrogatórios.

- Diga-me. Você se esgueirou no meio da noite por algum motivo.

- Não. Às vezes, os negócios devem ser feitos à noite.

- Ou você não quer que eu saiba o que você estava fazendo.

- É possível.

- Crow? - Ela me deu uma ordem apenas com sua voz frágil, mas, apesar disso, ainda mantinha em seu tom, a autoridade de um general.
- Diga-me.

- Fui ver Cane.

- Oh! - Ódio inundou seus olhos, mas ela não verbalizou. Era uma linha tênue que tinha o cuidado de não cruzar. Ela queria insultá-lo, mas mordeu a língua

só porque Cane era meu irmão. E ela me respeitava demais por isso.

E eu não merecia isso.

- Eu resolvi o assunto com ele. Não vai incomodá-la novamente. E então eu dei a ele o que era merecido. - Peguei meu celular do bolso e abri a galeria de fotos.

Ela não as olhou.

- O que aconteceu com suas mãos?

Entreguei o telefone para ela.

- Você vai ver.

Ela olhou para o telefone e passou pelas fotos, vendo Cane tão machucado quanto ela. Havia sangue por toda parte e ele fora espancado até desmaiar.

- Você não precisava fazer isso.

- Sim, foi necessário. Não me arrependo nem um pouco. Ele entrou na minha propriedade e agrediu minha convidada. Eu não me importo se ele é da família.

Não podia deixá-lo escapar com isso, e muito menos consentir em te machucar sem fazer nada sobre isso. Ele teve sorte por não a ter matado.

- Eu não queria que você o matasse.

Não pude conter minha surpresa. Me virei para ela, incapaz de acreditar no que acabara de ouvir.

- Você não deveria sentir pena dele.

- Ele é seu irmão. Eu não quero que você perca seu último parente.

Como ela poderia dizer isso depois dele tentar estuprá-la duas vezes e depois bater nela até perder a consciência?

- Ele não merece sua compaixão.

- Não. Mas você sim. - Me virei porque não consegui manter o olhar dela.

- Eu só queria entender o porquê. Por que ele está tão determinado a me machucar? Ele me explodiu como se eu tivesse feito algo errado. Esse tipo de brutalidade não vem do nada. Tem que haver um motivo.

Não queria contar a verdade sobre Vanessa. Não porque eu tivesse algo a esconder ou porque queria manter isso em segredo. Doía apenas falar sobre isso. Eu evitava minhas emoções desde a noite em que aconteceu.

Recusei-me a lamentar ou sequer pensar nisso porque era o suficiente para me matar.

- Crow... me diga.

Quando ela falou baixinho num lindo sussurro, não conseguiu lhe negar nada.

- Cane tem uma razão para querer te machucar. E se eu não me importasse, diria que é justificado. Meu irmão e eu não somos bons homens. Temos mentes muito fechadas e eliminamos qualquer um que entre no nosso caminho... mesmo que seja inocente. Infelizmente, neste caso, você era a inocente espectadora.

Ela ficou em silêncio e esperou que a história continuasse.

- Eu já falei da minha irmã... - não queria dizer o nome dela. Podia fazer isso com Cane, mas era difícil lhe contar.

- Que ela faleceu recentemente.

Ele assentiu.

- Claro, eu me lembro.

- Bones a sequestrou três meses antes de você sair do navio. Ele a manteve como sua escrava e a violou, mutilou e a destruiu. Sua intenção era que Cane e eu sofrêssemos. Nós fizemos tudo o que

podíamos para encontrá-la. Bones continuou se movendo, morando em diferentes casas seguras para que nunca pudéssemos rastreá-lo. Mas ele sempre nos envia fotos... coisas que fazia com ela. - Engoli em seco para desfazer o nó na garganta, porque a dor estava prestes a me deixar sem

voz. - Saber que ela estava sofrendo enquanto morávamos na minha mansão foi a pior sensação do mundo. Que eu dormia em um lugar seguro enquanto ela lutava para sobreviver outro dia. Finalmente, Cane e eu fizemos contato. Nós oferecemos uma quantia enorme de dinheiro em troca dela. Para nossa surpresa, ele aceitou.

Button bebeu cada uma das minhas palavras, sem sequer respirar.

- Nós fizemos a troca em um beco. Minha irmã saiu de seus braços e caminhou em minha direção e mal conseguia se mover. A última vez que a tinha visto ela era uma mulher forte e animada. Podia se defender em uma briga, e tinha o tipo de espírito que era impossível de quebrar. Mas quando a vi naquela noite, soube que ela estava morta por dentro. Era uma pessoa completamente diferente. Bones tinha conseguido quebrá-la... havia esmagado seu espírito.

Os olhos de Button se encheram de lágrimas, que caíam lentamente por suas bochechas.

- Quando eu estava prestes a alcançá-la, Bones atirou em sua cabeça. Seus olhos estavam fixos nos meus e me

disse adeus em silêncio. Estava morta antes de tocar o chão. E isso é tudo.

Button não conseguiu conter o soluço que escapara do fundo do peito. Tinha coberto a boca para silenciar o som, mas este escapou de qualquer maneira. As lágrimas corriam por suas bochechas como uma cachoeira.

- Cane e eu sempre estivemos em guerra com Bones.

Ele matou meu pai e minha mãe. E então ele levou Vanessa. Seu objetivo é nos erradicar. Não vai parar até os Barsetti deixarem de existir. E é por isso que Cane está obcecado por você. Você é a única maneira que ele tem para causar a Bones o mesmo tipo de dor que ele nos causou. Porque até agora, você é a única coisa que Bones se importou.

Ela continuou cobrindo a boca com a mão enquanto chorava

silenciosamente. O som era doloroso, uma tortura para os meus ouvidos. Chorava por alguém que nunca conheceu.

- Crow... - Ela grudou no meu peito e passou os braços em volta do meu pescoço. - Sinto muitíssimo. - E

enterrou o rosto no meu peito, encharcando minha camisa com suas lágrimas.

Eu a envolvi em meus braços.

- Eu sei.

- Ele é um monstro.

Ele também sabia disso.

- Você merece justiça pelo que ele fez. Ele merece morrer.

- Cane e eu vamos pegá-lo... mais cedo ou mais tarde.

- Se não o pegasse logo, ele encontraria o rastro de Button e tentaria resgatá-la. Eu não estava mais lutando apenas pela minha irmã, mas também por essa mulher que tinha entrado em meu coração. - Quando vi você lutar com meus homens e fazer o que fosse necessário para sobreviver... senti uma conexão. Você me lembrou da minha irmã. Mas também me resenti, porque desejava que ela tivesse sido tão forte quanto você. Vocês duas foram sequestradas durante o mesmo tempo, mas você não desistiu. Não se quebrou. E ela sim.

- Isso não significa que ela era fraca.

- Eu sei... mas, mesmo assim, não foi forte o suficiente.

Button pegou meu rosto entre as mãos e encostou a testa na minha. As lágrimas continuavam caindo, pingando de seu queixo.

Nós estávamos na mesma posição de antes, aquela que me fez ficar perto dela por semanas. Intimidade e vulnerabilidade eram muito difíceis para mim. Meu corpo era incapaz de tolerar esse buraco no meu peito.

Sentia tudo doer. E eu estava permitindo que ela se enredasse em mim, quando não deveria.

- Eu espero que você entenda agora.

Ela assentiu.

- Sim, entendo.

- Não justifica o que Cane fez. Mas espero que agora pelo menos isso faça sentido.

- Sim.

- Nós temos batido de frente desde a sua chegada.

Ele quer te devolver ao Bones com um transmissor que te mate assim que você estiver em sua posse. Mas eu me recuso a permitir que isso aconteça.

Ela respirou fundo, como se esse pensamento fosse demais para ela.

- Nós vamos matá-lo. Então você estará segura para sempre.

- Ele ainda quer me recuperar? Estive longe dele por seis meses.

Eu não queria assustá-la, mas queria que estivesse preparada.

- Sim, ele quer. Eu o encontrei há algumas noites e tentei pagar por você. Mas ele não quis aceitar o dinheiro.

- Como? - Ela se afastou e me olhou chocada.

- Você estava dormindo. - Respondi.

- Você ofereceu a ele dinheiro?

- Ele ofereceu a Cane e a mim quarenta milhões para que te devolvêssemos. Quando me recusei, Cane ficou com raiva. Então pensei que se eu oferecesse a mesma quantia, ele aceitaria e me deixaria ficar contigo. Mas isso não mudou nada.

- Quarenta milhões de dólares? - Perguntou boquiaberta.

Concordei com a cabeça.

- Você estava disposto a pagar tanto assim para me salvar?

Eu não tinha percebido o quão louco sou até que ela expressar em voz alta.

- Eu faria qualquer coisa para te proteger.

Seus olhos se suavizaram de uma maneira que eu nunca tinha visto. Ela pegou meu rosto entre as mãos e

pressionou a testa contra a minha. E chorou silenciosamente grudada em mim, forçando-me a sentir a profundidade daquele momento com ela. Nossos corações batiam em uníssono e nossas mentes trabalhavam como um só.

E isso me apavorou.

11

PEARL

ALGUÉM GENTILMENTE ME

ACORDOU

SACUDINDO LEVEMENTE MEU OMBRO E ME

AFASTANDO DA CAMA QUENTE E DOS LENÇÓIS

MACIOS. Uma voz masculina alcançou meu ouvido, me despertando.

- Button, acorde.

Abri os olhos e vi Crow com a barba por fazer. Seus olhos verdes pareciam divertidos com a minha sonolência, e o sorriso em seus lábios era irresistível, porque não o via frequentemente.

- Hmm?

- Eu tenho tentado te acordar por cinco minutos.

- Hmm!

Ele riu.

- Eu não entendi.

- Por que você está me acordando? - Se tivesse sido qualquer outra pessoa, eu faria uma birra.

- Tenho que trabalhar hoje. E você vem comigo.

- Por quê?

- Porque não quero que você se afaste de mim. - E

colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. -

Então se levante.

- Hmm!

Ele colocou seus lábios nos meus e me deu um beijo suave.

- Não me diga, “hmm”. Agora levante sua bunda daí.

Ele me levantou da cama e me embalou contra seu peito.

- Perfeito. Então você vai assim mesmo.

- Ei, espere um momento.

- Não dá. - E foi em direção à porta.

- Tudo bem. Deixe-me tomar um banho e tentar não parecer tão sinistra.

- Assim é melhor. - Me deixou na beira da cama.

Eu definitivamente precisava de um banho se quisesse ter alguma esperança de ficar limpa.

- PARE DE ME CARREGAR PARA TODOS OS

LUGARES. – Button se remexeu em meus braços, tentando colocar os pés no chão.

- Não me importa.

- Não, é humilhante.

- Quem se importa com o que eles pensam? Sou o chefe. Eles vão superar isso. - Crow me carregou por entre os belos vinhedos, onde uma sofisticada casa italiana se levantava perto de alguns edifícios

para os barris, equipamentos e caminhões de entrega. Era um pequeno complexo, mas as adegas em si eram enormes.

Entramos no prédio e atravessamos o corredor comigo em seus braços. As pessoas olhavam para nós quando passávamos, mas ninguém fez nenhum comentário.

- Todo mundo está olhando para mim.

- Porque você é uma mulher bonita.

Naquele momento, eu era tudo menos preciosa.

- Parece que eu pulei numa granada.

- Não é verdade.

Ele tinha visto meu rosto. Ainda estava cheio de hematomas descoloridos. Meus lábios estavam inchados e os olhos ainda roxos.

- O que você disse...

Ele me levou para um grande escritório. Havia uma janela com vista para as extensas vinhas, de onde se podia ver as colinas e os vales. Parecia a casa onde dormia todas as noites. A mobília era nova e imaculada, como se alguém viesse limpar todas as noites depois que ele saísse. As paredes estavam cobertas de prateleiras com romances encadernados.

- Uau. Que elegante é este lugar.

Ele me sentou no sofá no canto e pegou uma pilha de livros para mim.

- Obrigada.

- Não estava te elogiando. Só estava dizendo a verdade.

Aquele sorriso fantasmagórico retornou aos seus lábios.

- Parecia como se fosse.

- Mas não era.

Ele se ajoelhou na minha frente, com sua intensidade habitual em seus olhos.

- Você vai ficar bem aqui.

- Bem, eu queria estar no seu colo...

Seus olhos escureceram como costumavam fazer quando me tornei sua possessão. Em vez de agir como normalmente faria, ele manteve as mãos paradas, provavelmente por causa dos meus ferimentos.

- Posso te trazer algo?

- Estou bem.

- Não me distraia. - Ele me deu um beijo rápido nos lábios, apressado. Provavelmente não gostaria de ser absorvido em nossa química e permitir que as chamas se transformassem num incêndio florestal.

- Quando eu te distraio?

Ele colocou a testa contra a minha.

- Sempre. - Então se levantou e se sentou na cadeira atrás da escrivaninha, ereto como um monarca. Tudo lhe convinha, mas ele parecia particularmente divino ali.

Divino.

Quando senti meu olhar ardente, ele olhou para cima.

- O que eu acabei de dizer?

- Não estou fazendo nada.

- Distraíndo-me. - E fez um pequeno gesto em direção aos livros sobre a mesa. - Agora vá em frente.

Revirei os olhos e lhe estendi a língua.

Isso só fez me olhar ainda mais intensamente.

- Não me ponha à prova hoje.

Com um suspiro alto, peguei um livro e comecei a ler. Os minutos se passaram e senti que seu olhar estava fixo em mim. Era como um ferro em brasa pressionado contra a minha pele. Eu o olhei de volta.

- E agora o quê?

Finalmente desviei o olhar.

- Nada.

DEPOIS DO ALMOÇO, ALGUÉM BATEU NA

PORTA.

- Entre. - Ele erguia seus olhos do iPad, focados no que quer que ele estivesse lendo.

A porta se abriu e uma morena entrou. Ela não notou a minha presença porque o sofá estava encostado na parede, logo atrás da porta. Quando vi seus longos cabelos castanhos e pele pálida, eu a reconheci imediatamente.

Era a mulher das vinhas.

A que beijou Crow.

Crow olhou para ela, mas não reagiu. Parecia indiferente.

- Sim?

- Acabei de falar com o departamento da expedição.

Eles dizem que falta pessoal lá que têm que adiar a próxima entrega. - Ela colocou as mãos na borda da mesa, em um vestido apertado que mostrava cada uma de suas curvas.

Se eu pudesse andar, teria nocauteado aquela puta.

- Quantas pessoas precisamos? - Ele se voltou para o seu iPad.

- Três, pelo menos.

- Certo. Cuide disso.

Embora a conversa tivesse acabado, ela continuou por lá.

- Sim?

- Você já comeu?

De jeito nenhum, porra.

- Sim. - Ele respondeu. - Eu sugiro que você faça sua pausa para o almoço em breve.

- Bem, talvez você e eu pudéssemos jantar cedo hoje à noite. Não nos falamos há muito tempo.

Agora eu estava preocupada por ela.

- Ei garota.

Ela endureceu quando ouviu minha voz atrás dela.

O canto da boca de Crow levantou-se em um sorriso, divertido pela cena que se aproximava.

Ela olhou por cima do ombro e me viu sentada ali, notando imediatamente as cicatrizes e os hematomas.

- Desculpe. Eu não a tinha visto aí.

- Só porque você não pode me ver, não significa que eu não esteja aqui. - Crow contou a ela sobre minha existência. Deixou claro que estava vendo alguém. Mas ela tentava apanhá-lo de qualquer maneira. - Crow tem planos para jantar esta noite. E em todas as próximas noites no futuro. Então saia. - Estalei os dedos e aponte para a porta.

Chocada com minhas palavras, ela ficou ali nervosa.

Levou um momento para decidir o que fazer. Parecia envergonhada, mas também irritada.

- Eu deveria ir... - e saiu.

Crow tentou esconder um sorriso.

- Isso foi divertido.

- Essa puta estúpida sabe que você está com alguém.

Deveria se tocar.

- Eu acho que a partir de agora, ela vai.

- É o melhor para ela. Senão vou conseguir uma bengala e dar-lhe uma surra.

- Que assustador... - Sua voz destilava sarcasmo.

- Quando eu puder andar de novo, serei sem dúvida um inimigo formidável.

- Pelo menos terá uma boa vantagem.

Estreitei meus olhos até que eles se transformaram em fendas.

Ele me deu seu olhar intenso característico. Parecia divertido, mais do que qualquer outra coisa.

- Você é muito fofa, sabia?

- Fofa? - Perguntei espantada. - Essa palavra existe no seu vocabulário? - Aquele homem taciturno e misterioso com inimigos capazes de provocar pesadelos conhecia esse termo?

- Não. Mas você está no meu vocabulário. - Ele voltou ao seu iPad, terminando a conversa.

Tudo ficou diferente desde que ele me contou a verdade sobre aquela mulher. O fato de ser fiel, ter um relacionamento monogâmico comigo, me dizia que havia algo entre nós. Talvez em algum momento eu tenha sido sua prisioneira, mas desde então fui libertada.

Eu estava lá por escolha, não tendo outro lugar para ir.

Ele me contou seu maior segredo, seu maior arrependimento. Tudo estava diferente e nada era igual.

DEPOIS DE JANTAR, NOS RETIRAMOS PARA SEU QUARTO: NOSSO QUARTO. Todas as minhas coisas estavam lá. Minhas roupas penduradas do armário, as gavetas estavam cheias das minhas calcinhas, e parte da decoração masculina tinha sido substituída pelas coisas que estavam no meu antigo quarto.

Eu não precisava mais pagá-lo para dormir comigo.

Ele ficava ao meu lado a noite toda, e às vezes sentia-o apertar minha mão sob os lençóis às três da manhã.

- Por que você não tem uma TV aqui?

- Por quê? - Perguntou de volta. - Você quer uma? -

Ele se despiu, exceto pelas boxers, e deitou sob os lençóis ao meu lado.

- Todo mundo tem uma TV no quarto.

- Eu acho que prefiro a lareira. Mas posso resolver isso, se você quiser.

- Não. Eu estava apenas curiosa. - Me aconcheguei ao lado dele, me sentindo segura. Segurança era algo incomum de se experimentar. Eu passei os últimos nove meses da minha vida sendo o brinquedo de alguém. Eles me despojaram da minha liberdade e tive que obedecer

às ordens de outra pessoa. Mas agora eu recuperara meu poder. E quando dormia na cama ao lado de Crow, me sentia protegida de todas as coisas terríveis do mundo.

Enquanto ele estivesse lá, eu ficaria bem. Nunca precisei de alguém para cuidar de mim, mas agora estava me agarrando nele com gratidão.

Ele desligou a lâmpada de cabeceira e me abraçou por trás. Sua ereção pressionou a minha bunda, mas ele não fez nenhum movimento para me penetrar, ficou absolutamente imóvel, adormecendo lentamente.

Nós estávamos sem sexo há semanas. Eu não era viciada em sexo, mas essa abstinência me frustrava.

Costumávamos fazer isso todos os dias sem falhar e agora não havia ação.

Se ele não desse o primeiro passo, eu faria.

Levantei e me virei para ele. Seus olhos se arregalaram com o movimento, e olhou para mim com uma expressão estoica. Montei seus quadris, então me inclinei e beijei seus lábios. Meu corpo doía pelo esforço, mas minha necessidade me levou a continuar.

Ele me beijou de volta, mas se segurou para não me beijar com toda a grosseria que queria. Sem língua, apenas seus lábios nos meus.

Me esfreguei lentamente contra seu membro através da calcinha. Meu clítoris se acendeu assim que senti o atrito e fiquei úmida imediatamente, porque meu corpo estava animado por tê-lo.

Sua respiração acelerou dentro da minha boca enquanto me sentia deslizando contra ele. Seu peito trovejava e enterrou suas mãos em meus quadris. Mas em vez de tirar a cueca e me penetrar, ele me virou gentilmente e me deitou no colchão.

Abri minhas pernas para dar espaço para ele. Queria gritar de alegria porque precisava desesperadamente dele. Essa seria a primeira vez

que faríamos sexo sem trocar botões.

Ele beijou meu pescoço e depois voltou para a mesma posição que estava antes.

Olhei para o teto, sem saber muito bem o que tinha acabado de acontecer.

- Não podemos. - Ele passou os dedos pelos cabelos, com uma frustração idêntica em seus olhos.

- Porque não?

- Button, você tem muitos ferimentos.

- Eu serei perfeitamente.

- Não quero te machucar. Tenha um pouco de paciência.

- Já faz duas semanas. - Gemi de frustração. - Eu não posso mais ter paciência.

- Sinto muito. - Ele nos cobriu com os cobertores. -

Nem é fácil para mim.

- Suba em cima de mim e é isso.

- Não.

- É por causa de todas as contusões? - Isso tirava o seu desejo? Se fosse por isso, pensei que ele ficaria ainda mais animado.

- Não tem nada a ver com isso.

- Então...

- Não. - Ele suspirou na escuridão e sua raiva se espalhou pelo aposento. - Quando você se recuperar, vamos conversar.

Eu tentei ignorar a rejeição fria que senti. Estava magoada e autoconsciente, mas minha excitação não desapareceu. Eu ainda queria o homem ao meu lado.

Queria seu imenso pênis dentro de mim.

- Por favor. - Me sentei e me inclinei sobre ele, acariciando seu peito

com a mão. - Seja cuidadoso e nada vai acontecer.

- Não insista.

- Sua escrava está pedindo para você satisfazê-la.

Você vai deixá-la na mão?

Ele me deu um olhar frio.

- Você não é minha escrava.

Minha excitação desapareceu por um momento, surpresa pelas palavras sinceras que acabara de falar.

- Então o que eu sou?

Essa era a questão, e ele não tinha resposta para ela.

- Não sei.

Mesmo assim, era melhor que ser uma escrava.

- Vamos devagar. Eu vou te dizer se doer.

- Estou preocupado com o interior do seu corpo.

Preocupa-me que não seja capaz de suportar o esforço.

- Nada vai acontecer comigo. - Continuei esfregando seu peito, tentando dissuadi-lo a cooperar. Minha mão continuou a descer até chegar a sua ereção dentro da boxer. Eu o acariciava gentilmente, assim como ele gostava. - Por favor.... Eu te desejo com toda a minha alma.

Ele fechou os olhos e respirou fundo.

- Crow! - Qualquer homem amava ouvir o próprio nome mais do que qualquer outra coisa.

E.

Ele pegou meu pulso e empurrou minha mão para longe.

- Você vai me dizer se sentir alguma dor.

Finalmente.

- Sim.

Ele deitou-se em cima de mim, mas sem tocar nas minhas pernas. Normalmente, dobrava meu corpo em ângulos impressionantes, mas esta noite, ele permitiu que meus joelhos se abrissem apenas o suficiente para que coubessem seus quadris. Tinha os braços situados em ambos os lados de mim, sem me tocar. Seu membro duro pressionou lentamente contra a minha entrada.

Assim que o senti, gemi.

Ele entrou em mim devagar, me alongando até entrar completamente. Geme roucamente, seu corpo se alegrando por estar conectado comigo mais uma vez.

Enterro minhas unhas em seus antebraços e olho para seu rosto, acima do meu.

- Deus... que gostoso. - Arqueei minhas costas sem perceber e senti o orgasmo começar assim que ele esteve dentro de mim. Ele mal se mexeu, mas eu amava a

maneira maravilhosa como me esticava. Não havia nada parecido.

Entrou e saiu cuidadosamente de mim, indo o mais devagar que podia. A cama mal se mexia e ele me tratava como uma virgem.

- Você está bem?

- Estupenda. - Joguei a cabeça para trás. Meu cabelo se espalhou ao meu redor sobre o travesseiro, e minhas unhas se cravaram um pouco mais em sua pele quente.

Estava encharcada... só para ele. Meus mamilos endureceram e desejei que os torcesse. Coloquei as mãos sobre os ombros poderosos e depois as baixei pelas costas até chegar a sua bunda perfeita. Puxei-a para introduzi-lo mais em meu interior, adorando o incrível estiramento.

Seus impulsos aumentaram quando o puxei com mais força contra mim. Sua respiração estava calma e não afastava o olhar do meu rosto.

- Você fica linda quando está sendo fodida.

Deslizei as mãos até seu peito.

- Você também. - Eu já senti o orgasmo se aproximando. Começou nas

profundezas do meu ser, crescendo em intensidade e força e me queimando por

dentro. Viajou pelo meu ventre até chegar a minha virilha. Como um ardente incêndio descontrolado, queimava tudo em seu caminho. A temperatura do meu corpo subiu dez graus e comecei a respirar como uma louca. Enterrei ainda mais as unhas no meu peito, praticamente fazendo-o sangrar.

- Crow ... vou gozar para você.

Ele balançou mais forte enquanto a possessividade conquistava seu rosto. Entrava e saía de mim, lubrificado por minha umidade exagerada. Seu pênis engrossou dentro de mim, me esticando ao limite.

O orgasmo era tão poderoso que me senti sendo dividida em duas e meu corpo ascendeu a um nível superior de existência. Um prazer descontrolado percorreu-me, avassalador e poderoso. Tudo que podia fazer era berrar e gritar, desfrutando do clímax mais intenso que meu corpo já tinha experimentado. Eu não sentia esse tipo de satisfação há tanto tempo que, assim que reapareceu, meu corpo agarrou-se a ela como a um colete salva-vidas.

- Deus... sim. - Mesmo depois do fim do orgasmo, continuei a sentir prazer por muito tempo. Meu corpo

estava sensibilizado e sua ereção continuava a me fazer sentir uma sensação maravilhosa.

- Eu quero fazer você gozar de novo. - Seu peito brilhava de suor e ele tinha os músculos tensos. Seus olhos escureceram para um tom perigoso de verde, e ele parecia um monstro territorial que rugiria para qualquer um que chegasse perto demais de mim.

Eu queria gozar quantas vezes fosse possível. Mas ele estava se abstendo há tanto tempo quanto eu. Era hora dele também encontrar a mesma satisfação.

- Eu adoraria isso... mas eu quero sentir como você goza dentro de mim.

Um grunhido baixo escapou do fundo de sua garganta e seus quadris hesitaram apenas por um momento. Eu podia sentir sua ereção engrossando, preparando-se para um poderoso orgasmo que iria destruir sua espinha.

- Dê-me tudo. - Agarrei-o pelos quadris e o puxei para mim ainda mais.

Seu corpo ficou tenso e ele soltou outro grunhido.

- Oh, foda!

Eu adorava ver o prazer em seu rosto. Saber que ele estava gostando disso tanto quanto eu. Ver sua

satisfação aumentava a minha. Ele nunca foi tão bonito quanto quando estava enterrado profundamente em mim, prestes a gozar abundantemente.

- Quero tudo. - E puxo-o com mais força.

Isso o fez perder o controle, e entrou completamente dentro de mim, enquanto suas nádegas se contraíam e suas costas ficavam tensas. Ele ejaculou, enchendo-me com seu sêmen quente.

- Button... - Seus olhos se fixaram nos meus enquanto ejaculava. Ele me controlava apenas com os olhos, me dizendo que era exclusivamente dele, para sua diversão.

Eu não era uma escrava, mas ainda era sua possessão.

- Que maravilha... - Abri mais as pernas para lhe dar lugar, desejando ter tudo o que pudesse me dar.

Ele acabou com um suspiro de prazer e seu corpo relaxou. Seus músculos perderam a tensão e finalmente respirou fundo. Ainda estava com a cabeça nas nuvens enquanto voltava lentamente à realidade.

- Você ama meu sêmen, não? - e pressionou o rosto contra o meu, ainda respirando pesadamente.

- Sim. - Circulei sua cintura com as minhas pernas e o segurei contra mim. - Eu amo senti-lo dentro de mim o

dia todo enquanto você está no trabalho. Dessa forma, eu nunca paro de pensar em você.

Seus olhos escureceram intensamente.

- Button... você sabe falar exatamente o que eu quero ouvir. - Ele colocou a boca na minha e me deu um beijo que não era mais gentil. Era agressivo e exigente, me dando a esperança de que poderíamos

voltar a ter o que tínhamos antigamente.

Ele afastou os lábios e lentamente saiu de mim. Seus dedos se moveram para a minha entrada e gentilmente massagearam a área, tocando a abertura com a expectativa de sentir seu gozo. Quando nada saiu, ele ficou satisfeito.

- Minha.

- Sua.

Ele beijou meu pescoço e me esmagou num abraço.

- Como você está? - Gentilmente levou a mão a minha coxa, inspecionando meu corpo procurando novos ferimentos.

- Satisfeita e sonolenta.

Ele beijou minha virilha e deitou ao meu lado.

- Eu não te machuquei?

- Não. - Antes costumava amar me machucar, mas agora eu odiava a ideia de sentir dor. As situações eram diferentes e eu entendia isso. Mas o contraste era tão acentuado que não pude deixar de notar.

Ele se acomodou na cama ao meu lado, com o sexo semiereto descansando contra seu estômago. Colocou um braço atrás da cabeça e suas pálpebras se fecharam de exaustão.

Eu me enrolei ao lado dele e descansei minha cabeça em seu peito. Envovi minha perna com a sua debaixo do lençol e senti meu corpo imediatamente adormecer. Eu sentia uma dor constante devido aos meus ferimentos, mas aquela agonia ficava dormente quando estava com Crow. Ele me protegia em todos os momentos, mas não só fisicamente, e sim de coisas que ninguém mais podia ver. Bania minha tristeza, dor e desespero.

- VISTA ISSO. - CROW JOGOU UM VESTIDO PRETO

SEM ALÇAS NA CAMA. - AGORA!

Coloquei minhas mãos nos quadris.

- Desculpe? - Estava começando a dar-me ordens outra vez, e não

gostava nem um pouco.

- Você não me entendeu? - Pegou meus sapatos do armário e os jogou no chão. Ele estava tenso e implacável, de volta ao seu antigo e bravo eu.

- Entendi perfeitamente. Simplesmente não gosto de receber ordens latidas.

- Bem, então comece a amar. - Ele me lançou um olhar ameaçador, alertando-me para não testá-lo naquele dia.

- O que diabos está errado com você?

Ele parou e olhou para mim com uma expressão que não consegui identificar.

- O que diabos está errado comigo?

- Sim.

Ele veio em minha direção com intenções assassinas.

Quando chegou perto de mim, sua mão voou direto para o meu pescoço, prestes a me agarrar como sempre fazia. Mas pouco antes de me tocar, ele parou. Olhou para a mão e o que estava prestes a fazer. Então se afastou dando um passo para trás.

- Prepare-se, e ponto final. - E saiu da sala sem fechar a porta atrás de si.

Esperei até parar de ouvir seus passos antes de dar uma olhada no vestido. Não pensei sobre a vestimenta ou o modelo. Minha mente se perguntou sobre o confronto que

acabara de acontecer. Ele se absteve de me agarrar porque eu estava ferida? Ou por outro motivo que não tinha nada a ver com isso?

Eu me vesti e fui até o hall de entrada, imaginando que ele estaria esperando por mim. Ele estava lá com seu terno preto e uma gravata azul clara, parecendo tão atraente quanto quando estava nu. Mas não estava sozinho.

Cane estava de pé ao lado dele, vestido da mesma maneira. Seu rosto estava cheio de hematomas, assim como os meus, com cicatrizes por cima de cicatrizes. Mal parecia com ele.

Parei no final da escada porque o medo me pegou desprevenida. A última vez que eu o vi, ele me bateu até eu desmaiar. Fiquei no hospital por uma semana e quase morri.

Mesmo agora, levei quase dez minutos para descer as escadas, a quão fraca estava.

O ódio explodiu dentro de mim.

Crow se virou para mim quando percebeu que eu havia me unido a eles.

- Vamos para a sala de jantar. - Ele caminhou ao meu lado com uma mão no bolso e o outro braço em volta da minha cintura.

Meus olhos não se afastaram de Cane.

Que jogo Crow estava jogando? Por que ele convidou seu irmão? E por que queria que eu estivesse lá?

Crow me levou para a sala de jantar e puxou uma cadeira para mim. Me ajudou a sentar se comportando como um cavalheiro, embora apenas quinze minutos atrás ele tivesse se comportado como um idiota.

Agora que eu tinha visto Cane, entendi por que ele estava de mau humor.

Crow sentou ao meu lado e Cane sentou-se na frente dele. Eles se serviam de uísque e ambos beberam como se fosse água. Os movimentos de Cane eram lentos porque suas feridas ainda doíam.

Eu esperava conhecer a razão da minha presença. Em vez de dizer o que eu pensava como faria normalmente, fiquei quieta tentando descobrir algo só os observando.

- Como vamos fazer isso? - Crow foi o primeiro a falar.

Ele olhou para os cubos de gelo em seu copo antes de dar-lhes um gentil meneio.

- A última coisa que ouvi foi que Bones se mudou. Ele não está mais na Itália.

Meus ouvidos ficaram afiados.

- Onde ele foi? - Perguntou Crow.

- Não tenho nem ideia. - Cane virou os olhos para mim, e a expressão que me deu estava cheia de ódio. Ele me desprezava tanto quanto antes. Se Crow não estivesse lá, ele provavelmente me espancaria novamente.

O que eu estava fazendo lá?

- A única coisa em que podemos confiar é em Pearl. - Foi a primeira vez que Crow disse meu nome. Ele sempre me chamava de Button. Eu estava tão acostumada ao apelido carinhoso que mal respondia por meu nome verdadeiro. -

Podemos usá-la para tirá-lo do seu esconderijo. Quando ele tenta levá-la embora, podemos atacar.

- Usá-la como isca? - Falou Cane.

- Basicamente.

Cane bebeu o uísque e depois serviu outro copo.

- Interessante. Isso pode funcionar.

- É a única coisa que poderia funcionar. Podemos filtrar informações falsas sobre nossa localização e ele aproveitará nossa vulnerabilidade. Mas o único vulnerável será ele.

- Arriscado. Bones tem ouvidos em todo lugar.

- E nós também - Crow disse severamente.

Eu estava cansada de ficar em silêncio para que os homens pudessem conversar.

- Eu não poderia fingir que fugi?

Ambos se voltaram para mim com idênticas expressões estoicas.

- Cane acabou de me bater e me mandou para o hospital.

- Eu dei-lhe o olhar mais gélido que consegui conjurar. - Faria sentido que eu escapasse. Poderíamos filtrar as informações que estou a caminho da embaixada. Com certeza ele tentaria me interceptar. Vocês podem contar com isso.

Crow me observou. Estudou meu rosto, olhando para mim de uma maneira diferente.

- Isso não é uma má ideia.

- Deixa muito ao acaso - disse Cane. - Não temos ideia de onde ele esperará por ela.

- Provavelmente na entrada da embaixada - Crow respondeu. - É o que eu faria.

- Vou me aproximar do prédio e assim ele aparecerá.

Conheço Bones intimamente. Ele não enviaria um de seus amigos atrás de mim. Ele virá me pegar pessoalmente, querendo me fazer pensar que é meu salvador antes de se tornar o diabo novamente. Ele mesmo vai querer me pegar.

- Você tem certeza disso? - Falou Cane.

- Sim. - Peguei o copo de Crow e tomei um gole. - Eu o conheço melhor que você.

- Não. - Cane não podia esconder o desgosto que sentia por mim. - Tem certeza de que quer correr esse risco assim?

Há sempre a possibilidade de algo dar errado.

- Crow nunca permitiria que eu fosse resgatada. -

Coloquei o copo vazio de volta sobre a mesa e senti Crow me observando de perto. Sua mão moveu-se lentamente para a minha coxa sob a mesa, me dizendo mais com um simples gesto do que qualquer coisa que pudesse ser comunicada com palavras. - E eu quero matar esse filho da puta. Se não o matarmos, ele continuará prejudicando outras mulheres.

Não vou permitir que isso aconteça. Eu preciso de vingança tanto quanto você.

A expressão dura de Cane não mudou. Ele era teimoso como sempre.

- Ela pode fazer isso. - Crow falou em meu nome, atestando minha força e ferocidade. - Teremos que esperar até que esteja completamente recuperada. Em seguida, acho que devemos tentar.

- Você não acha que será um pouco complicado conseguir algo assim no meio da cidade? - Cane desviou os olhos para o irmão. - Precisamos de pelo menos cinquenta homens para apoiar e a embaixada está bem no centro. É

uma ideia estúpida, e você só está considerando porque é o seu pau que está tomando todas as decisões.

Crow não deu um tapa na mesa, como eu pensei que ele faria. Ele dominou-o silenciosamente com os olhos, permitindo que sua expressão tomasse conta dos insultos.

- Pearl é uma mulher excepcionalmente inteligente que sabe como se defender sozinha. Não duvide dela.

- Há um milhão de coisas nesse plano que podem dar errado - argumentou Cane. - É possível que Bones nem apareça procurando por ela. Estamos contando com sua opinião para algo fundamental. Nós poderíamos perder nossa única vantagem e nosso inimigo ao mesmo tempo.

- Ele fará. Não havia dúvida sobre isso.

- Ele estaria exposto a ser baleado apenas para capturar você? - Perguntou Cane incrédulo. - Tenho certeza de que o cara é obcecado por você, mas nenhum homem arriscaria a vida dele por uma boceta.

- Ele não saberá que corre o risco de ser baleado - eu disse. - Porque todo mundo vai ficar escondido até que eu esteja em sua posse. E assim vou esfaqueá-lo. Tudo o que farei é esconder uma lâmina no meu bolso e enterrá-la diretamente no meu coração. E então vocês acabam com seus homens.

- Eu insisto - repetiu Cane. - Nós estaremos no meio da cidade. Realizamos nossas atividades criminosas no meio da noite. Não atacamos durante o dia.

- Então vamos fazer isso à noite - Crow argumentou.

- A embaixada não está aberta depois das cinco - disse Cane. - Então, por que ela iria à noite?

- Eu posso não saber que estará fechada - digo.

- Não. - Cane revira os olhos. - Qualquer um saberia dos horários de funcionamento.

- Então vamos fazer isso à tarde - Crow insiste. - Nós já fizemos coisas malucas.

Cane esfregou a têmpora, fazendo uma careta enquanto movia o braço

rápido demais.

- Eu preciso pensar sobre isso.

- Eu posso fazer isso sem você. - Crow se serviu de outro copo de uísque e o deslizou pela mesa em minha direção. -

Só estou te incluindo por causa da Vanessa. Se você não quer se arriscar, então perfeito. Eu não dou a mínima.

Cane apoiou a mão sob a mesa, com irritação saindo de seus olhos.

- Não comece a bancar uma de herói.

- Eu não estou fazendo isso - Crow disse friamente. -

Simplemente, sou o único que está tentando vingar Vanessa, em vez de dar desculpas.

- Feche a porra da boca. - Cane bateu a mão contra a mesa, sem fazer uma careta. - Eu teria terminado com isso se você me deixasse fazer o que quisesse com essa puta.

Os ombros de Crow ficaram tensos. Ele estava prestes a dar um soco na mesa e fazer seu irmão engolir o copo.

- Fale sobre ela assim de novo e você verá o que acontece.

- Ele não desviou o olhar de seu irmão.

Cane não piscou enquanto encarava o irmão. Entre eles ocorreu uma guerra silenciosa. Permanecer em silêncio foi a declaração de que Cane tinha desistido. Ele segurou a língua e não murmurou mais insultos.

- Boa decisão.

- OBRIGADA POR ME INCLUIR NESTA TARDE. - Eu estava sentada em frente a Crow na mesa do terraço. Nós jantamos no jardim, com a piscina atrás de nós e uma visão distante do pôr-do-sol.

Ele comeu devagar, como sempre fazia. A maioria dos homens com quem havia compartilhado uma refeição

engolia a comida assim que era colocada na frente deles. Mas Crow tomava seu tempo, seletivo em suas escolhas.

- Agora você faz parte do time.

Eu agradei a Crow por não me deixar de lado por causa do seu desejo de me proteger. Ele sabia que eu tinha nervos de aço e era capaz de me defender em uma briga. Esse tipo de respeito era difícil de encontrar.

- Além disso, eu queria que Cane visse suas feridas. - Ele não recuou enquanto continuava comendo. - Um lembrete de que não esqueci e nunca vou esquecer o que ele fez com você. - O tom ameaçador de sua voz era sutil, mas poderoso.

Suas veias se encheram de ódio. Ele amava seu irmão, mas parecia odiá-lo na mesma medida.

- Parece-me que você conseguiu. - Cane não tirou seus olhos de mim durante a maior parte da reunião. Neles não havia arrependimentos, nem jamais haveria. Ele se sentia justificado por perder alguém. Uma parte de mim entendia perfeitamente.

Crow tomou um gole de vinho e colocou a taça de volta na mesa.

- Isso te deixa desconfortável?

- Não. - Mesmo depois que ele me mandou para o hospital, não tinha medo dele. Só queria vingança. Queria ter

um bastão de aço nas mãos para poder igualar a pontuação.

- É preciso muito mais do que alguns olhares assassinos sobre a mesa para me assustar.

Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios. Ele bebeu um pouco mais de vinho antes de deixar o copo.

- Quando chegar a hora, você tem certeza de que estará preparada?

- Sim. - Eu não tinha medo de colocar o plano em prática.

Queria estar o mais longe possível de Bones, pois ele ainda atormentava meus sonhos. Mas estava ansiosa para terminar o que ele havia começado. Eu queria acabar com sua vida, conseguir justiça para todas as mulheres que não tiveram a mesma sorte que eu.

Assentiu com aprovação.

- Acho que vai funcionar. E o mundo será um lugar melhor sem ele.

Seria um lugar completamente novo.

- Eu não acho que posso deixá-la aí.

Ele olhou para cima do prato me observando atentamente e, sem dizer uma palavra, pediu que eu explicasse. Os meses que passamos juntos nos permitiram entender um ao outro em um nível básico. Nós poderíamos nos comunicar em silêncio. Palavras eram inúteis.

- Quando fui vendida em leilão, alguém embolsou três milhões de dólares pelo meu cativeiro. - Três milhões. - Isso não entrava na minha cabeça. Era muito dinheiro para alguém que não fez nada para ganhá-lo. - Quero recuperá-los. Eu vivi um inferno e mereço ser compensada por isso.

Eu era uma escrava, então deveria cobrar pelo meu trabalho.

Ele me estudou em silêncio, com toda a sua concentração em mim.

- Quero descobrir quem é esse homem e caçá-lo.

- Eu poderia ser útil para você.

Eu sabia que me ofereceria ajuda.

- Obrigada. Posso usar dessa ajuda.

- O que você vai fazer com ele?

- Coletar minha dívida.

- E matá-lo?

Ainda não sabia o que faria, mas quando chegasse a hora, tomaria a decisão certa.

- Veremos.

- Eu odeio derramar uma jarra de água fria em sua vingança, mas o tráfico de mulheres ocorre em todo o mundo. É um dos principais setores do mercado negro.

Bilhões são ganhos todos os anos.

- As coisas estão prestes a mudar.

Afeição iluminou seus olhos.

- Você acha que pode mudar isso?
- Qualquer um pode fazer qualquer coisa que se proponha.
- Eu acho que você vai precisar de muito dinheiro para chegar a algum lugar. - Ele não tentou me dissuadir, mas se sentiu compelido a ser honesto.
- Certo... - eu não tinha um centavo em meu nome.
- Mas você sempre pode usar meus recursos.
- A troco de quê?

O fantasma de um sorriso se espalhou por seus lábios.

Ele olhou para mim com intenções sinistras, respondendo à pergunta sem dizer uma palavra.

- Você.
- Você já me tem.
- Sim. Mas poderia ficar com você o quanto quisesse.

Posso ser seu patrocinador paralelo que recebe uma compensação excelente. Sua lealdade e tudo mais.

Eu não precisava fazer nada para ficar com ele. Estava livre para ir embora assim que quisesse. A única razão pela qual ainda estava lá era porque queria. Nós não precisávamos mais trocar botões.

- É um acordo justo.
- Então nós temos um acordo. - Ele serviu mais vinho em ambas as taças.

Nosso relacionamento havia começado sob termos tensos, mas agora era diferente. A nossa era parecida a qualquer outra relação. Ele me amava em sua vida e em sua cama indefinidamente, e eu sentia o mesmo. Eu não achava que poderia confiar em alguém novamente, mas meu coração já estava se derretendo por ele. Quando se tratava de Crow, me sentia segura e apreciada. Ele me amava e eu o amava... até o fim dos tempos.

Talvez eu estivesse destinada a estar ali, a deixar Nova York e Jacob, porque eu estava destinada a outra coisa, como ter que passar pela

escuridão sem vacilar para alcançar a luz.

E se meu destino estivesse ao lado de alguém tão sombrio e danificado?

E se eu estivesse destinada ao homem sentado na minha frente?

Crow terminou o jantar e se divertiu me contemplando.

Observava minhas feições, deliciando-se tanto com os golpes quanto a pele não marcada. Apesar da minha aparência, queria continuar me olhando, convencido de que eu era algo que valesse a pena ver.

- O que você está pensando?

Eu nunca poderia confessar os pensamentos que acabaram de passar pela minha cabeça. Se eles me assustavam, certamente a ele também. Há algum tempo, eu odiava aquele homem, mas agora sentia algo mais. Era decididamente perturbador.

- Eu estou pensando em você.

- Seja mais específica.

- Estou pensando em ir para a cama com você entre as minhas pernas.

Seus olhos brilhavam com aprovação.

- Quando terminarmos de jantar farei com que esse pensamento seja uma realidade.

- Bem, eu terminei. E você?

Ele riu baixinho, divertido.

- Estamos um pouco impacientes, não?

- Sexo com você é o melhor que já tive. Como não vou ficar impaciente por isso?

Em vez de ficar animado com a afirmação, ele pareceu irritado.

- Sexo comigo foi o único que você teve. Você nunca esteve com ninguém antes de mim. Não haverá ninguém depois de mim. - Sua mandíbula apertada me desafiou a

discordar dele, a lembrá-lo dos outros homens que me levaram para a

cama.

Sua possessividade me fez quente em vez de me perturbar.

- Eu adoro, e quero mais disso. Quero tudo o que você pode me dar. Eu costumava desprezá-lo até ter você dentro de mim. Seu pau mudou tudo em que eu acreditava.

Sua mandíbula relaxou e as veias em seu pescoço pararam de pulsar.

Eu me inclinei sobre a mesa, os cotovelos descansando na superfície.

- Foda-me. Agora mesmo.

Ele respirou fundo. Seu olhar excitado era o mesmo de raiva. Ele agarrou a borda da mesa para se acalmar depois do frenesi que minhas palavras lhe causaram.

- O que está esperando?

- Pare. De. Tentar-me.

Eu adorava jogar esse jogo com ele. De levá-lo ao limite e fazê-lo desistir. Era tão excitante ser fraca ao mesmo tempo em que era forte. O fato de poder manipulá-lo apenas com palavras me fazia sentir poderosa.

Como uma rainha.

- Não quero te machucar.

- Nada vai acontecer, nada. - Quando nos movíamos juntos, ignorava a dor completamente. Eu gostava tanto de ter seu pau entre as pernas que não me importava com mais nada. Empurrei meu prato de lado e me inclinei para frente, mostrando meu decote para sua admiração.

Ele o olhou imediatamente, com as pupilas se transformando em nuvens de tempestade. Estava prestes a explodir em uma tempestade, com raios e trovões.

- Quando eu te digo para fazer alguma coisa, você faz.

Ele estreitou os olhos, tão irritado quanto estava animado. Ele era o único homem que conhecia que gostava de ser dominado. Respondia à minha atitude mandona e adorava ser desafiado... geralmente porque dessa forma ele poderia me punir.

- Agora. - Amava empurrá-lo ao seu limite. Pressionar seu ponto de ruptura e transformá-lo em um homem cheio de raiva e excitação. Ele me fodia como se me odiasse.

- Você está brincando com fogo, Button.

- Eu sou o fogo.

Isso finalmente o fez se levantar. Ele circulou a mesa como um furacão e agarrou meu braço, o único lugar onde eu não tinha ferimentos. Me pôs em pé e me jogou sobre seus ombros.

Fomos para o quarto, onde tínhamos total privacidade.

O fogo já estava aceso porque Lars o preparava todas as noites antes de dormir. A cama feita com lençóis novos, que estavam prestes a serem destruídos.

Ele tirou suas roupas na velocidade da luz, parecendo furioso.

- Vá para a cama. A bunda para cima.

Eu estava ganhando... e adorava.

Fiquei de quatro, pronta para ele se aproximar por trás.

Ele subiu meu vestido e puxou minha calcinha até meus joelhos. Se colocou atrás de mim, esfregando-se entre meus lábios com a glândula. Se inclinou sobre mim e beijou meu pescoço, chupando minha pele com força, como costumava fazer antes. Sua boca viajou para o meu ouvido.

- Estou as suas ordens.

E quando ele cedeu para mim, fiquei encharcada.

Quando ele me dava ordens, também me molhava, mas ter a autoridade me excitava ainda mais. Adorava estar no controle da situação. Ter poder sobre meu próprio destino.

Eles haviam me despojado de todas as minhas habilidades por tanto tempo, que quando um homem tão dominante e poderoso me dava as rédeas, mesmo que por um momento, sentia calafrios descendo pela coluna.

- Foda-me.

Ele estava respirando pesadamente contra o meu ouvido, mostrando sua excitação.

- Sim, Button.

Arqueei minhas costas e soltei um gemido, embora ele ainda não tivesse me penetrado. O poder era ardente, viciante. Entendia por que Crow ansiava tão profundamente. Porque ele ficava excitado quando ordenava que eu abrisse minhas pernas e me inclinasse para frente.

Ele me penetrou fundo, tocando minha bunda com meus quadris. Até o último centímetro, chegando quase ao colo do útero. Ele era grande e grosso, o melhor pau que eu já tinha conseguido.

Ele se empurrou por trás, imprimindo um ritmo rápido desde o começo. Deslizando através da minha umidade, deixando-me sentir o calor suave que irradiava. Ele agarrou meus quadris, sempre gentilmente, ainda atento às protuberâncias e cicatrizes que eu tinha em todo o meu corpo.

- Mais forte.

Ele se enterrou mais vigorosamente dentro de mim.

Nossos corpos produziam sons devido ao atrito e eu podia

ouvir o quanto estava molhada. Ele se retirou até que só havia a ponta dentro de mim antes que me penetrasse novamente com um forte empurrão.

- Agarre meu pescoço.

Sua mão envolveu meu pescoço, agarrando-me com firmeza enquanto ele entrava e saía.

- Mais forte.

Apesar de seu ritmo elevado, ele se moveu ainda mais rápido. Estava me fodendo o mais forte que podia, fazendo a cama tremer e a cabeceira bater contra a parede. Ele estava respirando pesadamente enquanto se movia, e o suor se acumulando em seu peito.

- Me bata.

Ele não obedeceu a ordem. Continuou empurrando, com uma mão no meu quadril e a outra segurando meu pescoço.

- Eu disse: me bata.

Ele hesitou, temendo me machucar, mas tirou minha mão do meu quadril e deu um tapa fraco na minha bunda.

Era patético.

- Mais forte.

Ele não cooperou.

- O que eu acabei de dizer a você?

Ele gentilmente esfregou minhas nádegas antes de me bater mais forte.

A palma da sua mão estalou na minha pele, e me deu muito prazer. Me fazia me sentir viva. A dor era diferente do que já havia suportado. Era emocionante e gratificante.

- Outra vez.

E me atingiu de novo.

Meu sexo ficou tenso ao redor dele, sabendo que um orgasmo estava se aproximando no horizonte. Senti isso. Era maravilhoso e ainda nem tinha começado.

- Outra vez.

Desta vez, me bateu com mais força do que das vezes anteriores.

E isso foi quando eu gozei. Desci em uma espiral, gritando palavras incoerentes e me enrijecendo em torno de seu pênis. Pressionei meu rosto contra os lençóis e o colchão reprimia os meus sons. O prazer dominava tudo e flutuei nele, alcançando o céu e as estrelas.

Quando o orgasmo terminou, gostei dos tremores residuais. A gentileza posterior era tão agradável quanto a explosão inicial. Eu me delicieei com a sensação de seu membro deslizando para dentro e fora de mim. Levantei-me lentamente para tirar o rosto dos lençóis.

- Posso gozar? - Sua submissão a mim foi a coisa mais sensual do mundo.

- Não. Você só pode gozar quando eu disser que sim.

Ele deu um gemido nas minhas costas, deliciado com a mudança de papéis tanto quanto eu.

- Continue.

12

CROW

EU LEVEI BUTTON A TODOS OS LUGARES. Mas no fundo da minha mente, eu estava sempre pensando no homem que queria levá-la embora. Se ele a pegasse novamente, eu nunca a teria de volta. Ele a levaria para algum lugar onde não pudesse segui-los, para a Rússia ou o Japão. A única maneira de garantir sua segurança era tê-la presa ao meu lado em todos os momentos do dia.

Eu a levei para trabalhar comigo todos os dias, tentando me concentrar enquanto ela lia no sofá. Não lhe dirigia uma palavra para que eu pudesse me concentrar em todas as tarefas que tinha que completar. Mas não importava o quanto ela se integrasse ao ambiente, mesmo assim me distraía.

Pensava em suas longas pernas ao redor da minha cintura. Eu a imaginava debaixo da minha mesa e me dando um boquete. Imaginava um monte de porcarias que me deixavam duro.

Minha produtividade não era de longe o que costumava ser.

Eu gostava de exercer o controle, dominá-la... Era do meu jeito ou não. Mas às vezes, seu gênio tomava conta dela e olhava para mim com aqueles olhos mandões. Eu lhe dava o comando porque gostava de ser dominado de vez em quando. E ela o fazia excepcionalmente bem.

Jasmine me evitava. Se precisasse de alguma coisa de mim, me enviava um e-mail hipócrita. Ela suspeitava que Button estivesse no meu escritório, me observando como um cão de guarda. E estava certa.

Com o passar das semanas, Button melhorou progressivamente. Suas contusões começaram a sumir, e o tom rosado que uma vez eu adorava em suas bochechas começou a retornar. As velhas feridas não a incomodavam.

Andava sozinha e subia e descia as escadas em um ritmo normal. Não era como antes, mas não estava pior também.

Algumas cicatrizes franziam seu abdômen, quase invisíveis,

a menos que você soubesse que elas estavam ali. O cirurgião teve de abri-la para lhe salvar a vida.

Em um período muito curto de tempo, Button se tornou minha vida. Só a conhecia há nove meses e o tempo tinha passado como uma

exalação. Ela veio a mim como prisioneira, mas logo percebi que era eu quem me tornara seu prisioneiro.

E pertencia a ela.

Ela era a única mulher que tinha poder sobre mim. Se quisesse alguma coisa, me encarregava de que o tivesse. Não havia nada que não fizesse por ela. Se me pedisse um pedaço do sol, tentaria consegui-lo.

Às vezes isso me assustava.

A conexão era intimidante por causa do poder que ela continha. Se ela se afastasse de mim, eu ficaria aleijado. Se decidisse voltar para a América, tudo que eu poderia fazer era vê-la partir. Minha vida sem ela nunca seria a mesma.

Sem perceber, me apeguei a ela.

Doentiamente apegado.

Dormia todas as noites na minha cama e me cavalgava todas as manhãs. Gritava meu nome quando a levava ao orgasmo. Me beijava todas as noites antes de dormir e todas as manhãs antes de ir trabalhar.

E me fez cair de joelhos.

Que diabos me aconteceu?

- Você está bem? - Button fechou o livro que estava lendo e me observou com preocupação.

- Perfeitamente. - Meus pensamentos anteriores desapareceram como a fumaça de uma fogueira. - Por quê?

- Você não tirou os olhos de mim por quase dez minutos.

- Eu estou sempre observando você.

- Isso era diferente. - Ela colocou o livro na mesa e se virou para mim.

Eu estava sentado na minha mesa nos vinhedos, pensando em coisas que não deveria. Quando estava na fazenda, deveria estar trabalhando, não refletindo sobre meus sentimentos por minha amante. Ela era minha amante?

- Eu tenho mil coisas na cabeça.

- Talvez você devesse terminar por hoje.
- Talvez. - Desligo o iPad e guardo tudo nas gavetas da mesa.
- Existe alguma coisa que eu possa fazer? - Ela se aproximou de mim por trás e esfregou meus ombros, relaxando os músculos tensos sob o tecido.
- Você pode se deitar ao pé da cama quando chegarmos em casa.
- Oh... parece bom para mim.

Levantei-me da mesa e tirei meu paletó do cabideiro.

- Pronta para sair?
- Sim. - Um sorriso travesso iluminou seu rosto, sua mente em outro lugar. - É só que não tenho certeza se vou esperar até chegarmos em casa...
- POSSO TE PERGUNTAR UMA COISA? - Ela me perguntou falando do banco de passageiro.

Ela sempre me fazia perguntas durante a viagem para casa, provavelmente porque sabia que não poderia me esgueirar.

- Sim.
- Você gosta quando estou no comando?

Eu sabia que ela estava se referindo a nossa reversão de papéis. Isso não acontecia com muita frequência, mas quando acontecia, me punha a mil. Eu não tinha permissão para gozar até estar completamente satisfeita. E mesmo assim, me obrigava a lutar por isso. A brutalidade com que me tratava me excitava muito.

- Às vezes.
- Você... já fez isso com mais alguém?

Jamais.

- Não.
- Eu sou a primeira mulher a assumir o comando?

- A única.

Ela olhou pela janela e processou minhas palavras.

- Você gosta. Percebo.

- É verdade. - Admiti sem escrúpulos.

- Possuir esse tipo de poder é muito emocionante. Pode tornar-se viciante.

- Sério? - Um leve sorriso se desenhou em seus lábios. -

Estou surpresa que me permita fazer isso contigo. Você parece um homem que odeia desistir do controle para qualquer outra pessoa.

- Você está certa. Sim eu odeio isso. - Nos aproximamos da fazenda. Podia vê-la no fundo do vale, esperando que chegássemos. - Mas com você, eu gosto disso.

- Por que?

- Porque você é forte. Eu nunca havia conhecido uma mulher forte antes.

- Você poderia facilmente me dominar.

- Você não precisa ser grande para ser forte. A força vem de um lugar profundo dentro de nós. É a capacidade de bloquear a dor, de perseverar quando o fracasso te atinge na cara. São muitas coisas. O físico é irrelevante.

Ela se virou para mim, com uma expressão pensativa no rosto.

- Você é forte também.

Não tão forte quanto queria ser. Meu passado me assombrava todos os dias. Meus arrependimentos me sufocavam e se recusavam a me deixar em paz. Ficaria apavorado sempre com coisas que não poderiam ser mudadas. Button teve que suportar sua boa quantidade de sofrimento, mas continuou seguindo em frente. Eu passaria pela vida, com meu coração e alma fechados de tal forma que ninguém nunca poderia entrar.

- Você faz muitas perguntas.

- Eu sou uma pessoa curiosa.

- Intrometida é o certo. - Levantei o canto da boca para que ela soubesse que eu estava brincando.

Ela gentilmente me beliscou.

- Cale-se.

Eu retornei as cócegas.

- Cale a boca. - Estacionei e permiti que meu manobrista o levasse. Meu braço imediatamente cercou Button e entramos na propriedade abraçados.

- Então... posso ter o comando quando chegarmos ao quarto?

- Não.

- Não?

- A dominação não é algo que possa ser solicitado. Você tem que consegui-la.

Ouvi-la me pedir o controle tirou seu charme. Gostava quando saía do nada, quando exigia me ter naquele instante e ali mesmo. Foi então que abaixei minhas defesas e permiti que ela me controlasse. Esperava que ela me satisfizesse, que me fizesse sentir bem de uma forma que eu nunca teria pensado ser possível. Ela havia tentado coisas novas o bastante para confiar nas novas coisas que iríamos experimentar juntos.

ESTAVA DEITADA EM CIMA DE MIM, COM SEU

CORPO MUITAS VEZES DESCANSANDO CONTRA O

MEU. Corria meus dedos pelo seu cabelo e o rosto colado ao meu. Seu cabelo caía para o lado e fazia cócegas no meu ombro.

O sexo acabou e agora nos encarávamos. Gostava quando ela se aconchegava a mim. Seus peitos sempre pareciam confortáveis quando estavam esmagados contra

mim. Quando seus mamilos endureciam, eu sabia que estava pronta para outra rodada.

Seus olhos estavam fixos nos meus e me olhava com uma expressão

pensativa. Às vezes, um pequeno sorriso se espalhava pelo rosto, lembrando-lhe de algo afetuoso.

Eu estava igualmente entretido assistindo-a. As contusões quase desapareceram de seu rosto, então agora seus olhos azuis brilhavam em contraste com sua pele pálida.

Os lábios não estavam mais inchados dos socos levados, mas dos meus beijos. Minha mão explorou a curva acentuada de suas costas, sentindo a pele macia enquanto corria as pontas dos dedos por ela. Nunca tinha olhado tão de perto para uma mulher uma vez satisfeita. Normalmente, saía e continuava com a minha vida. Mas agora, estava feliz por estar assim deitados.

- Hmm?

- Hmm, o quê?

- Você tem um problema em encarar as pessoas.

- Eu? - Perguntou. - Só te encarei porque você estava me olhando primeiro.

- Tudo o que você disser, Button. - Ouvi o crepitar e estalar do fogo atrás de mim. As chamas dançavam na lareira, apagando-se lentamente até se tornarem brasas. Esse

som era essencial para adormecer. Sem ele, o silêncio era muito ensurdecedor para eu suportar.

- Bem, quando você se exercita?

A pergunta me intrigou.

- Desculpe?

- Você é tão forte e esbelto. Como você se mantém em forma?

- Eu corro de manhã. Você já sabe

- Mas você não faz isso há meses.

Era verdade. Eu havia negligenciado meu programa de exercícios quando ela se tornou minha principal obsessão.

- Eu acho que tanto sexo me faz ficar em forma.

- Nesse caso, por que eu não tenho um corpo perfeito?

Sorrio, mesmo querendo evitar isso.

- Quem disse que você não tem?

- Eu. Tenho pneuzinhos, cochas e braços flácidos.

Uma risada me escapou porque isso era ridículo.

- Braços flácidos?

- Sim. - Levantou o braço e acenou. - Vê como se movem?

- É a sua pele.

- Mais ainda é flácida.

- Button, você não está bem na cabeça. Nada disso é verdade.

- Sim é. Me olho no espelho todos os dias.

- E eu te fodo todos os dias. - Sua imagem de si mesma era absurda. Ela era a mulher mais sexy que eu já tive na minha cama. - Minha opinião é o que conta.

- Não é. Você não vê mais do que meus seios e minha bunda.

- Essas não são as únicas coisas que tornam uma mulher sexy. É um conjunto. São os cabelos, lábios, olhos ... não apenas as partes mais óbvias.

- O que você acha que é mais sexy em mim

- Hmm... Isso é difícil de decidir.

- Eu já sei o que você vai dizer.

- Ah, sim?

- Minha boceta. Você a ama.

Eu ri.

- É verdade. Mas não, não era isso o que eu ia dizer.

- Então o quê?

Tentei pensar nas coisas que mais me entusiasmavam.

Às vezes era o fluxo de seu cabelo sedoso. Noutras, o jeito que sua boca parecia ao gritar meu nome. Às vezes, os músculos tensos de suas costas quando ela estava de quatro embaixo de mim. Havia muitas coisas para escolher apenas

uma. Mas quando reduzi a um conceito, uma ideia, encontrei a minha resposta.

- Você.

- Eu? Isso não é resposta.

- Eu quero dizer quem você é. O que você fala, como se comporta. Você.

Seus olhos se estreitaram, ainda confusos.

- Não entendo o que você quer dizer.

- Seu fogo. Sua paixão e ferocidade. Sua força. Todas essas coisas que fazem você. Então eu acho que minha resposta é você.

Sua confusão se dissipou ao entender o que eu estava tentando dizer. Seus olhos suavizaram com carinho, movidos pelas minhas palavras. Eu já tinha recebido aquele olhar antes, e havia feito com que eu me afastasse. Isso me fez sentir tão desconfortável que passei uma semana evitando-a. Mas agora eu gostava. Isso me dava uma sensação de alegria que nunca tinha conhecido em toda a minha vida.

- Te am....

Lars bateu na porta.

- Senhor, lamento incomodá-lo, mas poderia pedir-lhe que me dedicasse alguns momentos de seu tempo? - Ele

nunca ia ao meu quarto a menos que fosse importante.

Depois do jantar, ele me deixava sozinho o resto da noite.

Movi Button para o lado e saí da cama. Coloquei minha calça de moletom e camiseta antes de ir para o corredor. Em vez de ficar irritado com meu mordomo, concedi-lhe o benefício da dúvida.

- O que aconteceu?

- Venha comigo. - E indicou com a cabeça em direção ao corredor para que pudéssemos conversar sem que ninguém nos ouvisse.

Isso não era um bom sinal.

Ele parou no final do corredor, as mãos ainda atrás das costas.

- A polícia está aqui.

Meu sangue congelou.

- E eles estão procurando pela senhorita Pearl.

- O que você disse a eles?

- Eu lhe disse que não sabia de nada e que iria encontrar o dono da propriedade.

Eu mantive meu corpo calmo e os gestos estoicos. Entrar em pânico não resolveria nada.

- Eles disseram mais alguma coisa?

- Não. Só eles querem fazer algumas perguntas.

Andei de um lado para o outro na frente dele, esfregando a parte de trás do meu pescoço. Não sabia como lidar com essa situação. Eles a tinham rastreado até a minha casa?

Alguém me denunciou? Teria sido Bones?

- Senhor, eles estão esperando.

- Eu sei. - Havia alguém procurando por ela? Ela não tinha família e, claro, Jacob não dava a mínima. Então, quem era? - Desço em um segundo. - Voltei para o quarto e a vi deitada na cama, onde a deixei.

Quando ela viu a expressão no meu rosto, soube que algo estava errado.

- O que aconteceu?

- A polícia está aqui. Eles estão procurando por você. -

Eu tinha lhe dito que poderia ir embora na hora que quisesse, e agora, tudo o que ela precisava fazer era ir até a porta e os policiais a devolveriam para casa. Poderia lhes dizer que a mantive contra sua

vontade e deixar que a polícia me jogasse em uma cela por um longo tempo.

- Sério? Como eles sabiam que eu estava aqui?

- Não estou certo. Mas vou descobrir.

- O que faremos?

- Você decide. Se você quiser ir embora, não vou impedi-la.

- Ir embora daqui? - Ela perguntou baixinho. - Eu não quero que eles saibam que estou aqui.

Meus olhos se arregalaram de surpresa. Tentei manter minha expressão sob controle, mas não entendi. Sua rota de fuga estava bem na porta da frente, mas ela não queria ir embora. Queria ficar bem aqui, comigo.

- Tem certeza?

A dúvida pairou em seus olhos.

- Quem está procurando por mim?

- Não sei.

- Eu... estive fora por nove meses. Qualquer um que tivesse se preocupado comigo já teria desistido.

Eu pensava o mesmo.

- Possivelmente deixaram de procurar faz oito meses, mas apareceu uma pista e decidiram verificá-la. Não saberia até falar com eles.

- Sim, é possível.

- Você quer que eu diga que você não está aqui? -

Precisava de uma confirmação clara antes de fazer isso. Ela não era mais minha prisioneira. Seu bilhete de retorno para a América estava bem na porta. Se quisesse tirar proveito disso, ela tinha todo o direito de fazê-lo.

- Sim.

- Tem certeza?

Ela assentiu.

- Eu não quero que você tenha problemas.

Ela estava pensando em mim?

- Não se preocupe comigo. Eu sei como lidar com a polícia. Se você quiser ir, faça isso.

Ela abaixou os olhos, desapontada.

- Você quer que eu vá embora?

- Claro que não. Se fosse por mim, você viveria nesta casa pelo resto da sua vida. Mas você não é mais minha escrava.

Se quiser ir... não vou te atrapalhar.

- Não quero. E não quero que você seja detido pela polícia.

- Certo. Então vou descer.

Ela assentiu.

- Última oportunidade.

- Tenho certeza.

Olhei para ela uma última vez antes de me virar para a porta. Mas não houve protestos. Ela me deixou ir sem dizer mais nada.

Ela queria ficar.

A POLÍCIA ME FEZ AS PERGUNTAS DE ROTINA PARA

A

INVESTIGAÇÃO

DE

UMA

PESSOA

DESAPARECIDA. Eles tinham uma foto de Pearl. Na foto ela estava mais jovem, provavelmente da época da faculdade.

Eles não pareciam suspeitar que eu a tivesse em casa. Tudo o que queriam saber era se eu a tivesse visto na Toscana. E

foi isso.

Mas perguntei o que eu estava interessado em saber.

- Seus pais devem estar mortos de preocupação. Foram eles que pediram esta investigação? - Não poderia fazer a pergunta que queria diretamente sem parecer suspeito.

- Não, não foi um membro da família. - E não deram mais explicações antes de sair.

Essa falta de informação só me deixou paranoico. Quem lhes dissera para vir a minha casa? Era alguém que conheci?

Cane, possivelmente? Ou outra pessoa? Odiava ficar no escuro, e com tantas perguntas sem respostas me deixava furioso.

- Eu não acho que eles suspeitem. - Disse Lars. - Talvez sua intuição não seja tão boa quanto a alegação da polícia.

- Boa noite, Lars.

- Boa noite senhor. - Ele me fez uma leve reverência antes de ir para a cozinha.

Subi e entrei no quarto. Button estava sentada na beira da cama, vestida com minha camisa e minhas boxers. Seus braços estavam cruzados, pressionados contra o peito, e observava o fogo com medo em seus olhos.

Fechei a porta e anunciei minha presença.

Seus olhos imediatamente se fixaram em mim.

- O que aconteceu?

- Eles me fizeram as perguntas de rotina. - Tirei minhas roupas e me sentei ao lado dela.

- E isso foi tudo? - Perguntou incrédula.

- Eles me perguntaram se eu tinha visto você na Toscana e me pediram para relatar seu desaparecimento aos meus funcionários. Eu dou trabalho para muitas pessoas na Toscana, e os policiais pensaram

que seria uma boa maneira de espalhar a notícia.

- Ainda me procuram depois de nove meses?

- Estou tão surpreso quanto você.

Ela levou os joelhos ao peito e os abraçou.

- Quem solicitou a investigação?

Eu não pude responder isso.

- Não sei. Quando perguntei, não me deram uma resposta concreta.

- Eu não tenho ideia de quem pode ser.

Minhas suspeitas caíram imediatamente em Cane, mas o que ele ganharia com isso? Se a polícia a pegasse e a enviasse para a América, perderíamos nossa única vantagem. A menos que ele tivesse um plano alternativo? Eu não tinha certeza.

Ela se virou para mim, aninhando uma mecha do cabelo atrás da orelha.

- O que você acha?

- Eu não tenho certeza... mas suspeito que Cane tem algo a ver com tudo isso.

- O que ele ganharia com isso?

- Não sei. Mas não consigo pensar em nenhuma outra possibilidade. Ele é a única pessoa que sabe que você está aqui.

- O que vamos fazer?

- A polícia não parece ter muita suspeita. Mas teremos que ser discretos por um tempo. Fique em casa até a tempestade passar.

- Se alguém que eu amasse estivesse procurando por mim, teria que me entregar. Não podia permitir que continuassem se preocupando comigo. Mas ninguém está me procurando. Ou foi Cane ou alguém que não conhecemos. - A tristeza de sua voz reverberava nas paredes,

a solidão e o desespero eram suficientes para que tudo ao seu redor fosse afetado. Inclusive eu.

- Você sempre me terá, Button. Se algo acontecesse com você, nunca deixaria de te procurar, até encontrá-la. - Era possível que ela não tivesse mais ninguém, a não ser eu. E do mesmo jeito da minha parte, eu também não tinha ninguém, a não ser ela.

- Eu sei, Crow.

Coloquei um braço em volta da cintura dela e segurei-a contra mim.

- Nunca estaremos sozinhos, porque temos um ao outro.

- Pressionei meus lábios contra sua testa e estendi o beijo, sentindo-a ofegante com o meu contato. O gesto de afeição a confortou, mas também me deu calor. Quando estava com ela, não me sentia como um monstro, um ladrão ou um criminoso. Era a primeira vez que me sentia como um homem.

Apenas um homem.

ENTREI SEM PERMISSÃO NA CASA DE CANE, ASSIM COMO ELE HAVIA SE INFILTRADO NA MINHA.

Subi por uma janela e entrei na sala de estar. Ele estava

comendo uma puta no sofá, com o rabo para cima enquanto agarrava o encosto do sofá.

- Desculpe? Eu interrompo?

Cane interrompeu o que estava fazendo e olhou para mim.

- Isso... você se importa?

- Não. Você invadiu minha casa e estou fazendo o mesmo com você.

Caí no sofá oposto e coloquei meus pés sobre a mesa.

- Só que você tem sorte de que não vou arreventá-lo a golpes.

- Como se eu fosse me importar. - Saiu da garota e se vestiu. Depois abriu a carteira e lhe atirou umas notas. - Saia!

Ela se vestiu e pegou o dinheiro sem fazer uma única pergunta.

- Que diabos você quer? - Cane lançou-me um olhar carregado de ódio.

- Você entrou em minha casa e feriu minha escrava. Eu não tenho mais respeito por você. Vou entrar na sua casa como se fosse o dono do lugar sempre que eu quiser.

- Você poderia esquecer isso de uma vez?

- Nunca. - Minha única satisfação seria fazer o mesmo com ele... assim que ele encontrasse alguém que realmente se importasse.

Ele abandonou a luta e pegou um uísque.

- Do que se trata? O que é o que você quer?

- Eu não gostei do pequeno número que você armou. -

Era mais fácil fazê-lo falar se agisse como se já soubesse o que havia acontecido. Quando ele se sentia encurralado, costumava ceder.

- Que número?

- Não se faça de idiota, Cane. Eu sei que você falou com a polícia sobre Pearl.

- A polícia? - Ele estava prestes a beber, mas parou. - Por que diabos eu iria chamar a polícia?

- Diga-me você. Por que mais eles apareceriam na minha casa na noite passada, procurando por ela?

Ele colocou o copo na mesa.

- Ei, calma aí. A polícia foi à sua casa ontem à noite procurando por ela?

- Foi o que acabei de dizer, idiota.

Ele colocou a mão no peito, fingindo inocência.

- Eu não tive nada a ver com isso.

- Corte o papo, otário.

- O que faz você pensar que fui eu?

- Ninguém sabe que Pearl estava comigo.

- Bem... Bones sabe. - Ele pulou. - Você sabe, nosso inimigo mortal.

- Ele nem sabe onde moro. E mesmo que soubesse, não colocaria a polícia nisso. Ele iria emboscar a propriedade e matar todos.

- Tem razão. Mas, mesmo assim, não fui eu. O que eu ganharia com isso?

- Vingança pela surra que te dei.

Ele revirou os olhos.

- Eu deixei você me espancar. Foi um ajuste de contas.

No que me diz respeito, nós estamos em paz. Então não, eu não faria isso. Precisamos de Pearl para conseguir o que queremos. Por que eu iria me livrar dela?

Cane me observou com olhos indignados. Era como um foguete prestes a explodir.

- Você ainda não acredita em mim?

Era difícil confiar em qualquer coisa que ele dissesse.

Tendo machucado Button nas minhas costas, nunca mais o veria da mesma maneira. Costumava ser meu irmão, meu cúmplice. Mas agora não sabia dizer se era um amigo ou um inimigo. Essa certeza acabou.

- Uau. Você não acredita em mim. - Ele recostou-se na cadeira, os ombros tensos. - Olha, se eu tivesse feito alguma coisa, admitiria. Quando menti para você? Ok, entrei em sua casa e espanquei sua namorada. Nunca escondi o ódio que sinto por aquela mulher. E nunca menti sobre o que quero fazer com ela. Então pare de me chamar de mentiroso, quando não fiz nada para merecer esse título. - Ele colocou os pés sobre a mesa, descansando-os perto do copo.

- Eu não sei mais em que acreditar, Cane. Se não foi você, não tenho ideia de quem poderia ser.

- Talvez alguém de sua família. Talvez um de seus amigos. Você já pensou sobre isso?

- Ela não tem ninguém.

- Bem, eu não fui. Te juro.

Cane nunca mentiu para mim no passado. Quando ficava bravo comigo por alguma coisa, sempre me disse na cara. Ele era honesto...

mesmo quando eu não queria ouvir o que ele tinha a dizer.

- Tire sua cabeça da sua bunda e comece a pensar claramente.
- Eu vou tirar quando você fizer isso. - Cane era emocional e irritável. Palavras e os atos incomodavam mais a ele que a mim.
- Você acredita em mim?
- Eu acredito em você mais do que antes.

Ele suspirou e pegou sua bebida da mesa.

- Tudo bem. Em vez de perder tempo questionando a nós mesmos, devemos começar a pensar juntos para encontrar uma solução.
- Uma solução para o quê?
- Quem a está procurando.
- Como vamos descobrir isso? - Eu havia perguntado e não obtive uma resposta.
- Conhecemos pessoas no corpo policial. Nós podemos perguntar por aí.
- Talvez tragamos mais atenção para nós. Sobretudo para mim, especificamente.
- Um suborno fechará suas bocas.
- Suponho que sim.
- Eu vou ver o que posso descobrir.

Sua vontade aumentou minhas suspeitas.

Cane adivinhou o que eu estava pensando, mesmo que não tivesse expressado o que estava em minha mente.

- Quanto mais cedo eu limpar meu nome, mais cedo abandonaremos nossas diferenças.

Servi-me um copo de uísque e olhei para a televisão. A sala ainda cheirava a sexo, mas ignorei. Meu quarto cheirava assim, porque Button e eu não tirávamos as mãos um do outro.

- Bem, quando você vai se casar com ela?

Eu ignorei a ofensa.

- Realmente, o que é que ela tem? Se eu tivesse transado com ela, poderia entender. Você e Bones parecem ter caído sob um feitiço.

Eu não gostava de imaginá-la com ninguém, mas especialmente com ele.

- Não diga isso de novo.

- O quê?

- Você sabe o quê. - Engulo a bebida e a sento queimar o meu estômago.

- Crow, estou falando sério agora.

- Você está sempre falando sério. - O idiota era incapaz de apreciar uma piada, nem que sua vida dependesse disso.

- O que é que você está fazendo com ela? Quando fui a sua casa no mês passado, vi vocês juntos. Ela não está lá contra a sua vontade, mas porque quer estar. Ela é tão obcecada por você quanto você por ela.

- Porque eu faço que minhas mulheres gozem.

Cane não ligou com a ofensa.

- Não ignore minha pergunta. Diga-me.

- Por que você se importa tanto?

- Porque se você está apaixonada por ela, eu me comportei como um verdadeiro idiota. Não deveria tê-la machucado. Eu nunca teria entrado em sua casa ou dado uma surra em sua namorada se soubesse que havia qualquer outra coisa entre vocês. Cara, eu nunca faria algo assim com uma mulher por quem você está apaixonado.

- Eu não estou apaixonada por ela. - O amor era impossível para mim. Toda vez que sentia algo por alguém, esta pessoa acabava morta. Cane era a única pessoa que me restava, e suspeitava que ele desapareceria, como todo mundo. Era só uma questão de tempo. Esse era o último golpe que eu poderia suportar. Não tinha lugar em meu coração para aceitar mais ninguém.

- Esta certo disso? Porque eu sei que você não fodeu mais ninguém nos últimos seis meses.

- O que eu faço com meu pau não é da sua conta.

- Jasmine me disse que você a rejeitou.

Por que diabos ele falou com ela?

- Como isso veio à tona?

- Eu passei pela adega para falar com você, mas ela me disse que você estava mostrando o lugar a Pearl. E então ela me contou toda a história.

Aquela mulher tinha que superar isso imediatamente.

- Quando ela foi embora, me esqueci dela. Qualquer homem faria.

- Mas nenhum homem rejeita uma foda fácil... com uma mulher que gosta do chicote.

- Pearl me deixa satisfeito. Isso é tudo.

Ele balançou a cabeça, cerrando os lábios.

- Eu não engulo isso. Existe outra coisa. Tem que haver.

Eu nunca te vi com a mesma mulher por mais de alguns meses. E você nunca convidou ninguém para morar com você permanentemente.

Eu estava ficando cansado de ser analisado desse jeito.

- E que importância tem isso? Pare com isso, Cane.

- É muito importante.

- Cale a boca.

- Se você estiver apaixonado por ela, vou olhar nos olhos dela e pedir desculpas. Falo sério. Só queria que você tivesse me dito antes.

- Cane. - Levantei a mão, precisando que ele se calasse naquele exato momento. - Eu não faço essas merdas, ok? Sou

incapaz de me envolver em amores e romantismo. Estou sozinho, e só morrerei. Você e eu somos exatamente iguais nesse sentido. Não há

lugar para uma mulher ou filhos.

- Bem, obviamente ela não concorda com você.

Abaixei minha mão e meus olhos escureceram.

- Eu posso adivinhar apenas olhando para ela.

- O que você pode imaginar?

- Crow, ela está apaixonada por você. Já te vê como seu marido e parindo seus bebês. Isso é totalmente óbvio.

- Você está errado sobre isso. - Ela me disse que nunca quis se casar ou ter filhos. Que não confiava em ninguém e nunca confiaria. Cane estava mais errado do que eu pensava.

- Eu sobrevivi por muito tempo porque sei ler as pessoas.

Você está me dizendo uma coisa, mas todas as suas ações contradizem isso.

- Eu me cansei dessa conversa. - O cheiro do sexo estava me dando dor de cabeça e estava ficando tarde. Levantei do sofá e coloquei o copo no balcão. - Pense o que você quiser, eu realmente não dou a mínima.

- Eu posso provar que estou certo.

Parei em seco e virei-me. A persistência de suas palavras entrou em meu cérebro e despertou minha curiosidade.

Ele entrelaçou os dedos atrás da cabeça com um sorriso vitorioso no rosto.

- Quando a polícia foi para sua casa, ela partiu com eles?

Estreitei meus olhos.

- Tinha a liberdade ao alcance da mão, justo na porta.

Mas não partiu. Ela ficou, Crow. Por que uma mulher ficaria nove meses longe de casa? Por que uma mulher ficaria com um homem que a estivesse retendo contra sua vontade? Há apenas uma resposta possível... e nós dois sabemos o que é.

PEARL

- FIQUE. - EMPURREI-O SOBRE A CAMA E MONTEI EM SEUS QUADRIS. Ele usava uma gravata e um terno imaculado, mas eu não me importei em amarrotar suas roupas.

Suas mãos se moveram para meus quadris enquanto seus olhos escureciam. Ele havia se barbeado naquela manhã, as linhas magníficas de sua mandíbula ficaram ainda mais proeminentes e ele era ainda mais bonito.

- Button, eu tenho um emprego.

- Então me leve com você. - Coloquei minhas mãos em seu peito, sentindo os músculos duros sob sua camisa.

- Sabe que eu não posso fazer isso. Você tem que ficar fora de vista. - Ele se apoiou sobre os ombros, com uma ereção ainda visível através do tecido.

- Então trabalhe em casa. - Ele estaria fora por oito horas.

Oito horas era muito tempo para ficarem separados. Eu o queria dentro de mim o tempo todo. Minha vida parava no momento em que saía por aquela porta.

- Eu não posso fazer isso também.

Fiz beicinho e me esfreguei lentamente contra sua virilha.

Ele deu um gemido suave e seus olhos ficaram embaçados.

- Tudo o que vai acontecer é que vou te foder e depois vou embora.

- Isso é melhor do que nada. - Abri o zíper da calça dele para expor sua enorme ereção.

Ele soltou outro gemido antes de puxar minha calcinha e me penetrar com um único movimento fluido. Eu estava encharcada por ele, como sempre, e quando percebeu como estava excitada, sentiu ainda mais prazer. Ele amava me deixar molhada.

- Porra!

Eu coloquei minhas mãos em seus ombros me apoiando e arqueei as costas, montando-o devagar e incessantemente.

Minha intenção era que isso durasse o maior tempo possível.

Se ele estivesse atrasado o suficiente, talvez não fosse trabalhar afinal.

- Eu amo o seu pau... é tão grande.

- Eu sei o que você está fazendo.

- Ah, sim? - Eu digo em uma voz sensual.

- Você está tentando me manter aqui.

- E? - Eu o rodei com mais força, empalando minha estreita abertura sobre o seu membro várias vezes.

Ele estava empurrando seus quadris para cima, movendo-se comigo.

- E está funcionando.

O MEU PLANO FOI PARCIALMENTE BEM

SUCEDIDO. Ele foi trabalhar uma hora depois do habitual.

E isso significava que ele provavelmente voltaria para casa uma hora depois do habitual.

Talvez eu tenha me sabotado.

Fiquei lendo na cama enquanto esperava seu retorno.

Tentei não pensar nele porque a saudade me consumia. A mansão era enorme e vazia quando a escuridão não preenchia todos os cantos.

Lars bateu na porta.

Saí da cama e fui até a porta para abri-la.

- Olá, Lars. Você precisa de alguma coisa de mim?

- O Sr. Barsetti veio vê-la.

- Crow? - Levantei ambas as sobrancelhas. Se ele queria me ver, simplesmente entraria no quarto.

- Cane, na verdade. - Ele pegou minha bandeja do chão ao lado da cama. - Ele está esperando lá embaixo. - Não havia medo em seus olhos, apesar do jeito que Cane nos tratou.

Isso era estranho.

- O que ele quer?

- Falar com você. - Disse. - Ele não me deu detalhes sobre isso.

Eu não era uma daquelas pessoas que corriam para se esconder, mas também não era idiota.

- Desço já. - Fechei a porta e abri a gaveta da mesinha de cabeceira de Crow. Lá dentro havia uma arma carregada. Eu a peguei e retirei a trava antes de sair do quarto.

Desta vez eu estava pronta.

Se ele tentasse alguma coisa, lhe daria um tiro na cabeça.

Crow não ficaria com raiva de mim. Se estivesse aqui, ele faria o mesmo.

Desci as escadas até chegar à entrada da mansão. Cane estava lá, de terno e gravata, como um cidadão modelo, apesar de sua pequena e honrosa ética de trabalho.

Ele olhou para a arma na minha mão com um sorriso nos lábios.

- Eu acho que isso não me surpreende.

- Não deveria. - Diminui a distância entre nós com a arma ao meu lado e o dedo no gatilho. Se ele fizesse o menor movimento, estava preparada.

- Eu venho em paz. - Ele levantou as duas mãos em sinal de rendição.

- Como se eu fosse acreditar no que uma cobra me diz enquanto desliza pelo jardim.

Cane riu.

- Eu não sou a cobra... não desta vez. - Ele colocou as mãos nos bolsos e se aproximou de mim. - Eu estava esperando que pudéssemos conversar. Só preciso de cinco minutos do seu tempo.

- Eu não vou conceder-lhe um segundo do meu tempo.

Eu vou lidar com você quando Crow estiver presente. Mas como ele não está, não quero nem te ver.

- Você tem uma arma. - Ele gesticulou para a arma. - É

toda a segurança que precisa.

- Você é um criminoso. Provavelmente carrega uma arma ou faca escondida em algum lugar do corpo.

Ele encolheu os ombros.

- Tudo bem... pode ser que seja. Mas eu não vou usá-los.

- Estou mais calma com isso...

- Vamos lá, Pearl. Se eu quisesse te machucar, já teria feito.

Essa era a única parte de seu discurso com a qual ela poderia concordar. Se ele quisesse me machucar, teria se infiltrado e atirado em todos. Talvez suas intenções fossem boas.

- Podemos nos sentar? - Ele apontou para a área de espera. Havia dois sofás em ambos os lados de uma mesa de vidro. Era o hall da mansão, onde os convidados de Crow esperavam confortavelmente pelo serviço.

- Claro. - Sentei no sofá na frente dele, apoiando minha arma na coxa. Ainda tinha o dedo no gatilho e o cano da arma apontada para o joelho.

Ele a olhou inquieto.

- Você está familiarizada com armas de fogo?

- Eu sei como atirar com elas.

- Você poderia apontá-la para o outro lado?

Recostei-me no sofá e movi a arma para a parede.

- Diga o que você tem a dizer.

- Ocupada? - Um fantasma de um sorriso apareceu em seus lábios.

- Muito.

- Eu não acho que esperar que um homem chegue em casa é estar ocupada.

Deixei passar o comentário, porque não merecia minha raiva.

- Um dia desses Cane.

- De acordo. - Ele se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos. - Eu vim me desculpar.

- Por que? Por não me matar quando teve a chance?

- Sinto muito pelo que fiz com você. Me desculpe se a machuquei. - Ele segurou meu olhar e falou sinceramente. -

Se eu pudesse voltar no tempo, não teria feito uma coisa tão horrível. Eu só quero que você saiba que sinto muito.

Fiquei sem palavras, olhando-o espantada.

- Você está se desculpendo... comigo? - A última vez que ele esteve aqui, não escondeu seu desprezo.

- Sim.

- E qual o motivo disso? - Crow tinha forçado ele a fazer isso? Eu nunca falava de Cane quando estávamos juntos.

Não me importava se ele se desculpasse ou não.

- Crow e eu estávamos conversando na noite passada e....

percebi que cometi um erro.

- O que você quer dizer?

- Entre nós existe um acordo tácito. Temos caminho livre com todas as mulheres. Até compartilhamos algumas. E isso também se aplica à brutalidade. Nós não somos leais a ninguém em particular, então elas

são um alvo legítimo. A menos que um de nós esteja apaixonado.

Prendi a respiração, insegura de tê-lo ouvido bem.

- Eu não tinha percebido seus sentimentos por você, porque ele nunca me disse. E quando finalmente vi... entendi que eu tinha estragado tudo. Eu só quero que você saiba que nunca teria cruzado essa linha se soubesse que a linha estava realmente lá. Meu irmão e eu frequentemente nos enfrentamos, mas isso é algo sagrado que nós dois respeitamos. Se eu me apaixonasse por uma mulher, ele a trataria como uma maldita rainha.

Eu ainda não conseguia respirar. Ouvira suas palavras, mas não conseguia assimilá-las. Era algo totalmente inesperado.

- Ele disse que estava apaixonado por mim?

- Bem, não exatamente. Mas deixou isso bem claro.

- Sério?

- Sim. Crow nunca se apaixonou, nem eu. Então demorei um pouco para perceber isso.

Respirei fundo, com o peito dolorido depois de ter prendido a respiração por tanto tempo. Meu coração ficou a mil e minhas mãos começaram a suar. A sala inteira parecia mais brilhante, mais vibrante e bonita.

- E eu sei que você também está apaixonada por ele.

Tentei dizer a ele, mas não acreditou em mim.

- Porque não?

Ele encolheu os ombros.

- Não estou certo. Você pode não querer falar sobre isso.

Não sei. Ele ainda está bravo comigo pelo que eu fiz, então não me conta tantas coisas quanto antes. Crow sempre foi muito reservado, mas agora é uma coisa exagerada. É muito chato.

Eu olhei para a arma na minha mão e senti meu dedo sair do gatilho. Cane não veio me machucar, então não havia sentido em segurar uma arma. Eu a deixei ao meu lado na almofada.

- De qualquer forma, queria conversar com você. Eu sei que o que fiz foi imperdoável, mas talvez possamos deixar isso para trás e começar de novo em algum momento futuro.

Eu prometo a você que não vou te machucar novamente.

Talvez fosse bobo, mas acreditei nele.

- Acho que podemos encontrar algum ponto em comum.

- Se fosse qualquer outra pessoa, eu teria dito não. Mas Cane era a única família que Crow tinha no mundo. E eu preferia tentar resolver as coisas do que abrir uma lacuna entre eles.

- Ótimo. - Ele deu um tapa nas coxas antes de se levantar.

- Percebo que você é o que ele precisa. Você não é emocional, como a maioria das mulheres.

- Desculpe-me? - Levantei e coloquei meus braços em jarros. - Emocional?

- Sim. Nenhuma mulher seria capaz de deixar passar algo assim como você fez. As mulheres se apegam às coisas e nunca as esquecem. Mas você se concentra em seguir em frente. É assim que os generais pensam. E também os ditadores.

- Bem, eu certamente não sou um ditador.

- Dê um tempo. - Ele piscou para mim antes de ir para a porta da frente. - Que tenham um bom sexo. - Ele se virou para a cozinha perto das escadas. - Até mais, Lars. - E acenou antes de sair.

Peguei a arma do sofá e me preparei para devolvê-la ao quarto.

Lars apareceu, de smoking como sempre.

- O senhor Barsetti foi embora?

- Sim. - Peguei a arma e coloquei a trava.

- Conseguiram consertar as coisas entre vocês?

- Acho que sim.

- Eu sei que o comportamento de Cane foi inaceitável, mas ele é realmente um homem honrado.

De alguma forma, eu sabia que ele não estava errado.

- Eu notei.

- Os dois perderam muitos entes queridos. Eu era o mordomo da família quando seus pais ainda estavam vivos.

Boas pessoas. E Vanessa... ela era muito especial. - Olhava para o chão e deixou escapar um triste suspiro.

Ouvir seu nome me fez sofrer por alguém que não conheci.

- Aqueles dois eram inseparáveis. Eu diria que o Sr.

Barsetti estava mais ligado a Vanessa do que a qualquer outra pessoa. Quando ela faleceu, ele nunca chorou sua morte. Mas eu sei que foi só porque isso quebrou completamente seu coração.

- Ele é bem fechado.

- Eu sei. – Lars olhou para mim novamente. - Agora ele está muito mais feliz. Eu não o tinha visto sorrir assim desde que era criança. - E me deu uma olhada de cumplicidade antes de voltar para a cozinha. - E acho que sei a razão.

- O SEU AMO ESTÁ EM CASA. - Ele entrou no quarto com um ar majestoso e tirou a gravata. Não havia vestígio de exaustão em seus olhos por um longo dia no escritório. Na verdade, eles pareciam rejuvenescidos.

- E sua escrava está esperando por você. - Ela nunca permitiu que ele a chamasse assim antes, mas agora esta palavra perdera sua conotação negativa. Eu queria ser sua propriedade, total e completamente. Já havia me dado a ele da maneira mais absoluta.

Ele ficou onde estava, no centro do quarto, segurando o paletó. Tinha ouvido o que eu tinha dito e estava saboreando minhas palavras. Sua jaqueta caiu no chão antes de começar a desabotoar sua camisa.

- Você sentiu minha falta?

- Uma barbaridade.

Ele largou a camisa no chão antes de se aproximar da cama. Se ajoelhou contra o estrado da cama, seu peito esculpido forte e

poderoso. Mesmo no escuro, as linhas de interseção dos músculos eram claramente visíveis. Era tudo força e sem fraqueza.

Fiquei de joelhos e corri minhas mãos sobre seu peito, sentindo sua pele macia e a rigidez dos músculos. Minhas

unhas arranhavam-no gentilmente, porque eu sabia que ele gostava da dor.

- E você sentiu minha falta?

- Ambos fizemos. - Ele colocou as mãos na minha bunda e a apertou, me sentindo e separando minhas nádegas.

Depois pressionou sua virilha contra o meu estômago, com uma ereção definida dentro da boxer.

- Eu não quero que você vá trabalhar amanhã. - Queria acordar ao lado dele e ficar lá o dia todo. Fazer amor e nunca parar. Queria senti-lo constantemente dentro de mim, reivindicando-me até o final dos tempos.

Ele perdeu a determinação e apertou minha bunda com as mãos.

- Amanhã você não trabalha.

Passei meus braços em volta do seu pescoço e pressionei meu rosto contra o dele.

- Agora me mostre o quanto você sentiu minha falta.

Ele se preparou para cumprir a ordem imediatamente, com os olhos escuros e o corpo tenso. Agarrou minha bunda com mais força e depois brincou com minha calcinha. Depois correu sua boca sobre meu queixo, não me beijando até que chegasse ao pescoço. Beijou levemente minha pele quente, provocando-me sem compaixão. Seus dedos desceram pela

minha bunda até que ele chegou ao meu sexo. Lentamente, enfiou seus dedos entre meus lábios e sentiu minha umidade, acolhendo-o. Ele gemeu suavemente contra o meu ouvido.

- Você começou sem mim.

- Um pouco de pré-aquecimento talvez...

Seu rosto se voltou ao meu.

- Pensando em mim?

- Sempre.

Seus olhos escureceram com aprovação antes que me levasse e me jogasse na cama. Assim que minhas costas tocaram o colchão, abri minhas pernas. Ele se despiu antes de subir em mim, com o pênis duro escorrendo fluido pré-seminal. Ele colocou-se em cima de mim e imediatamente me penetrou com sua enorme ereção, esticando-me ao máximo e fazendo-me gritar.

- Você está proibida de pensar em alguém além de mim...

nunca.

Essa era uma ordem que eu não me importaria em obedecer.

- Sim, amo.

NÓS DOIS ESTÁVAMOS SENTADOS EM SEU

ESCRITÓRIO, LENDO DIANTE DO FOGO. Ele estava sentado sozinho em sua poltrona com um conhaque ao lado.

Tinha um livro encadernado nas mãos e lia com os dedos apoiados no lábio inferior. Sua expressão pensativa dava-lhe uma aparência ainda mais atraente.

Tentei me concentrar no meu livro, mas meus olhos se voltavam para ele continuamente. Preferia lê-lo do que a história que ele tinha em suas mãos. As chamas crepitaram na lareira, tornando o ambiente relaxante. Ele sempre tinha um fogo aceso onde quer que estivesse, mesmo no meio do verão.

Olhei de novo para os quadros na parede, que eu havia visto antes. Eram bastante incomuns porque eram feitos com botões e tinta. A única vez que perguntei sobre eles, algo surgiu.

- Crow?

- Hmm? - Ele não tirou os olhos da página.

- Posso te perguntar uma coisa?

Ele olhou para longe do livro e me encarou.

Olhei para os quadros na parede.

- Quem fez essas pinturas? - Eu suspeitava que fosse de alguém que ele conhecia. Elas não se pareciam com o resto da decoração da casa e não seguiam o estilo de Crow.

Ele fechou o livro e colocou-o na coxa. Seus olhos estavam colados à primeira pintura, a dos vinhedos que se perdiam no horizonte. Olhou para mim com uma expressão estoica. Seus olhos não emitiam nenhum sinal do que ele estava pensando.

- Vanessa.

Observei seu rosto, vendo como a tristeza atingi-lo ao revelar sua memória. Ele parecia resignado, derrotado.

- São lindos. - Gostaria de não ter lhe feito aquela pergunta temida. Isso causava-lhe mais dor do que ele estava disposto a admitir.

- Era uma artista. Desde pequena, gostava de pintar.

Quando ela morava comigo, passava seu tempo na varanda pintando as paisagens à sua frente. E sem perguntar, pendurava seus trabalhos em toda a casa. Eles não eram muito do meu agrado, mas eu nunca pedi para retirá-los.

Depois de algumas semanas, me peguei admirando-os constantemente. Sempre que eu estava de mau humor, eles me faziam sentir melhor. Quando ela faleceu... eles eram

tudo o que restava dela. Então eu nunca consegui removê-los.

Estendi minha mão e entrelacei meus dedos com os dele.

- Sinto muito.

Ele observou nossas mãos unidas.

- Posso ver uma foto dela?

Ele manteve os olhos fixos em nossos dedos entrelaçados antes de se levantar e abrir uma gaveta de sua mesa. De lá tirou três molduras e voltou para o meu lado.

Peguei todos as três e as examinei. A primeira era uma foto de Crow, Cane e Vanessa. Crow e Cane eram adolescentes, enquanto Vanessa parecia muito menor. Eu olhei para a próxima foto e vi Vanessa com

um vestido de formatura e Crow ao lado dela. Ele a rodeava com um braço e tinha um sorriso nos lábios. A última era de toda a família, inclusive Lars. Crow parecia tanto com seu pai que pensaria que eram irmãos. Sua mãe era muito bonita, com cabelos castanhos escuros e uma constituição esbelta. Ela compartilhava vários traços com sua filha.

- Família bonita.

Crow pegou as fotos e colocou-as na mesa entre nós. Ele olhou para o fogo e fechou o semblante, parecendo taciturno e zangado.

- Ela veio morar comigo quando nossos pais morreram.

Esteve aqui anos antes de Bones a levar. Quando ela se foi, a casa nunca mais pareceu a mesma. Ainda não parece.

Eu era incapaz de começar a entender uma perda dessa magnitude. Eu não tinha irmãos e na verdade nunca tive uma família. Esse tipo de dor era de um tipo fundamentalmente diferente. Eu nunca tive nada a perder, enquanto ele tinha tudo, e perdeu.

- Sinto muito. - Eu queria ter algo melhor para dizer. Em ocasiões tão dolorosas quanto essa não havia nada que pudesse ser feito. - Mas nós faremos Bones pagar pelo que ele fez. Nós daremos a Vanessa a vingança que ela merece.

- É possível - ele sussurrou. - Mas, no final, ela ainda não estará aqui. Nem meus pais também.

Acariciei suas juntas com meus dedos.

- Você me tem. Você sempre me terá.

Ele olhou para a minha mão antes de entrelaçar nossos dedos.

- Lars me disse que você nunca chorou a morte dela... -

não entendi o que isso significava, não exatamente.

Ele olhou para o fogo.

- Eu não fui ao enterro dela.

- Porque não?

Ele balançou a cabeça ligeiramente.

- Não importa. Não quero falar sobre isso.

- Por favor, me conte. - Eu queria ouvi-lo. Por seu bem como pelo meu.

Ele afastou a mão.

- Deixe esse assunto para lá. - Encheu o copo e bebeu o conhaque de um gole. Ele se fechou para mim, desta vez completamente, e se recusou a me deixar entrar. Não olhou para mim nenhuma vez e voltou para as sombras, evitando a realidade lentamente.

14

CROW

ME AFUNDEI NA ESCURIDÃO DURANTE DIAS.

Fiquei longe e me fechei para o mundo, sofrendo em silêncio e esperando que essa tristeza passasse. Button esteve ao meu lado todos os dias, mas ela não falava comigo. De fato, não nos falamos nem uma vez.

Continuei com minhas tarefas cotidianas até que o desespero finalmente abandonou meu corpo. Quando pensava muito em Vanessa, me arrastava uma violenta corrente, forte o suficiente para me afogar, uma e outra vez.

Quando deixei meu ostracismo, tinha passado uma semana inteira. Não conseguia lembrar o que fiz durante aqueles sete dias. Não me lembrava do que havia comido ou do que estava fazendo no trabalho. Cane não tinha aparecido, como ele costumava fazer. Provavelmente

detectou que algo estava acontecendo com seu radar fraternal.

Finalmente consegui me recuperar uma noite depois do jantar.

- Sinto muito. - Olhei para Button por cima da mesa, pela primeira vez em dias. - É só... - não conseguia explicar, então nem me incomodei em tentar.

- Não aconteceu nada.

Detectei em sua voz a compreensão, e me dedicou um olhar triste enquanto terminava seu jantar.

- Compreendo como você se sente. - E desviou o assunto para temas mais genéricos. - Como vai o trabalho? - Não cometeu o erro de fazer perguntas comprometedoras.

Deixou essa semana tensa passar sem ultrapassar meus limites. Não me interrogou, ou me disse para procurar ajuda profissional.

Porque ela me entendia.

- Muito bem. Na quarta-feira sai uma nova remessa. O

navio só navega uma vez a cada três semanas, então temos que carregar o maior número possível de caixas.

- Para onde vai o carregamento?

- Estados Unidos.

- Eu nunca ouvi falar do seu vinho.

- Você era uma grande amante de vinhos na América?

- Não.

- Essa pode ser a razão. - Qualquer um que conhecesse vinho reconheceria meu produto.

- Você envia para outros lugares?

- Rússia, Inglaterra, África.... Qualquer lugar que você possa pensar, na verdade.

- Isso é um grande negócio. Deve ser cansativo fazer isso sozinho.

- Não importa - respondeu. - Isso me dá algo mais a fazer além de vender armas para os líderes mundiais.

- Cane alguma vez pensou em deixar o negócio e trabalhar com você?

- Não. - Ele tinha seu coração no negócio da família.

Nunca deixaria a empresa que meu pai montou sem a ajuda de ninguém. - Ele não está interessado em vinho.

- Só explosões e mulheres - disse ela rindo.

Eu notei que ela falava sobre Cane com mais apreço do que antes. Na verdade, nunca havia falado mal dele. Eu não sabia do que se tratava a mudança, mas não me importei o suficiente para perguntar.

- Você acabou?

- Sim. Estava delicioso, como sempre.

- Vamos dar um passeio.

Ela se levantou da cadeira e imediatamente pegou minha mão. Nossas palmas estavam completamente coladas, encaixando-se perfeitamente uma na outra como se estivéssemos destinados a ficar juntos. Eu a conduzi para fora, onde o sol estava se pondo no horizonte, e nós caminhamos ao longo do caminho que cercava os vinhedos.

- Essa propriedade era dos seus pais antes de você começar a viver nela?

- Não. Eu a comprei quando as vinícolas começaram a ter sucesso. Mas contratei Lars quando ele ficou sem ninguém para servir.

- Ele mora aqui?

- Sim.

- Então ele trabalha vinte e quatro horas por dia.

- Ele gosta de estar aqui. Tem os fins de semana livres e dias de férias, mas nunca os aproveita. Sua esposa faleceu há dez anos e sua única filha também. Eu acho que trabalhar aqui lhe dá um propósito, mantém sua mente ocupada.

- Oh... isso é muito triste.

- Claro. - Lars entendia a perda da mesma maneira que eu. Aquela era uma conexão que compartilhávamos.

Nenhum dos dois falava sobre aquilo, mas ficava

permanentemente suspensa na sala. A perda era algo do que não se podia escapar. Nos seguia como um ímã ao aço.

Button soltou minha mão e em vez disso passou meu braço em volta do seu cotovelo. Caminhava perto de mim, roçando com a bochecha a parte superior de meu braço. Seu cabelo acariciava minha pele ao mover-se com a brisa.

- Lars é um homem muito doce. Ele sempre foi muito bom para mim desde que cheguei.

- Ele gosta de você.

- Sim? - Ela perguntou com um sorriso.

- Percebo isso.

- E o resto do pessoal?

- Eu acho que eles também gostam de você.

- Bom. - Ela disse. - Porque todo mundo é muito gentil.

Obviamente, eles amam estar aqui. Você é um empregador que dá pouco trabalho.

- Eu não tenho certeza sobre isso... - Meu próprio irmão tinha se infiltrado em minha casa e derrubado todo mundo antes de se comprometer a torturar minha convidada. Eu não consideraria esse trabalho pequeno.

Parou no meio de um sulco e examinou uma das videiras. Do caule verde profundo pendiam uma miríade de

uvas, roxos escuras e cheias de suco. Ela as olhou antes de se virar para mim.

- Posso comer uma?

- Sim. Mas eu não recomendo.

- Por quê?

- Não estão lavadas.

- Tanto faz - falou antes de metê-la na boca. - De qualquer forma, tenho uma boca suja. - Seus olhos brilhavam com malícia.

Eu ri e puxei-a para o meu lado, sentindo a vida retornar ao meu corpo. Button era a maior distração que já tivera. Isso me impedia de pensar em coisas que eu não poderia mudar.

Continuei focado em prazer e alegria. Meu desespero e miséria foram perdidos de vista porque ela ocupava o centro do palco.

- Então, quando você vai me tirar daqui novamente?

- Não por muito tempo.

- Oh, vamos lá... - me beliscou. - Fiquei trancada em casa por semanas. Vamos para algum lugar.

- A costa ainda não está livre. Aqueles policiais provavelmente ainda estão te procurando.

- Então eu vou usar uma fantasia.

- Que tipo de roupa?

Encolheu os ombros.

- Não sei. Talvez use óculos e pinte meu cabelo.

- Você fica adorável de óculos. - Eu a vi usando óculos enquanto estava inclinada sobre a minha mesa e a fodia por trás. - Mas não mude seu cabelo. Eu gosto assim.

- Sim?

Eu balancei a cabeça e a segurei contra mim.

- Você gosta de longos cabelos escuros?

- Definitivamente sim. - Levantei-me e agarrei-lhe suas madeixas com os punhos, adorando poder segurá-la assim.

Era fácil dominá-la só com o pegar do cabelo. Podia tê-la exatamente onde queria e não podia escapar. Atirei-lhe a cabeça para trás para inclinar seus lábios para os meus. - Eu gosto de você.

- Eu acho que é algo mais que gostar. - Percorreu-me o peito com as mãos, enterrando as unhas em minha pele com desespero. Olhou-me sedutoramente os lábios, desejando sentir minha boca contra a sua. Com movimentos sutis, tornava-se a mulher mais sensual que já tinha visto. Mesmo sem os chicotes e as correntes, deixava-me louco de desejo.

Não havia palavras para descrever exatamente o que eu sentia. Tudo que eu sabia era que a queria do meu lado, agora e para sempre. Queria que ela compartilhasse minha

cama todas as noites, e me cavalgasse todas as manhãs. Sem ela, voltaria a ser o fantasma que uma vez fui.

- Eu também penso assim.

ELA TINHA SEUS TORNOZELOS ENGANCHADOS

EM VOLTA DA MINHA CINTURA E AS UNHAS

ARRANHAVAM MINHAS COSTAS. Seus mamilos estavam eretos de excitação e seu peito estava corado. O suor se acumulava no seu pescoço e na testa, ambos queimando pelo calor que foi gerado entre nós.

- Crow...

Eu adorava ouvi-la dizer meu nome. A primeira vez que dormimos juntos, ela se recusou a fazer um som. Não queria que eu percebesse o quanto gostava de sexo comigo. E

depois, quando o admitiu, continuava sem pronunciar meu nome. Mas agora o dizia quando tinha chance.

- Button.

- Deus, sim.

Se contorcia na cama embaixo de mim, as costas arqueadas e os quadris balançando para me levar mais para dentro. Aceitava meu pau monstruoso como uma campeã

sem sequer fazer uma careta. Ela amava minha espessura e como pulsava em seu interior.

Ela sempre estava encharcada para mim. Nem uma vez a penetrei sem que sua umidade não me desse as boas-vindas. Meu pênis entrava e saía dela com perfeita fricção, sentindo seu canal estreito apertar em torno de mim enquanto a umidade se acumulava em torno da minha ereção. Ela era uma verdadeira selvagem na cama, o sexo mais quente que eu já tive.

O período mais longo que tinha passado com uma única mulher tinham sido três meses. Então ficava entediado e acabava com nossa relação. Não havia nada melhor do que ter uma nova parceira. Era emocionante e excitante, e você podia descobrir todos os seus fetiches favoritos. No entanto, estava com Button há nove meses e estava apenas começando. Não queria que ela se afastasse de mim, nem queria uma nova parceira.

Só queria a ela.

- Bem aí... - Ela se agarrou às minhas costas com um gemido, quase cortando minha pele com suas unhas afiadas.

Eu estava empurrando-a vigorosamente contra o colchão, enterrando-a sob o meu corpo. E estava fazendo isso com força, como ela gostava, batendo no ponto certo uma e

outra vez. Ela tencionou ao redor do meu pau, banhando-o com uma nova onda de umidade.

- Deus, sim. - Ela baixou a cabeça, formando um delicioso “O” com a boca. Gritou enquanto um orgasmo deslumbrante a percorria de cima abaixo, agarrando-se a mim com mais força ainda. Abriu mais as pernas para me ter mais dentro e seus guinchos se converteram em gemidos incoerentes.

- Sim...

Minha ereção estava prestes a explodir depois de observar esse desempenho ardente. Toda vez que ela gozava, eu queria fazer o mesmo. Queria escorregar com ela para o deleite que nos unia. E fazê-la transbordar com toda a porra que eu poderia produzir.

- Goze dentro de mim. - Ela agarrou minha bunda e puxou para me empurrar mais para dentro. - Encha-me.

Ela estava tão obcecada com a obtenção do meu esperma como eu estava em dá-lo. Ela dizia as maiores obscenidades para me excitar. Nenhuma mulher me inflamava assim ou me deixava tão quente. Meu

sexo obtinha nela a satisfação mais absoluta. Mas depois me fazia desejá-la ainda mais, ao mesmo tempo.

- Porra, Button. Você é tão quente.

Continuei me empurrando dentro dela, agarrando suas coxas para poder ir o mais fundo possível dentro dela. Eu estava ofegante enquanto me movia e comecei a gemer quando senti minha espessura aumentar em antecipação.

Sabia o que estava por vir porque tínhamos fodido um milhão de vezes.

A euforia explodiu dentro do meu corpo, começando na base da espinha e disparando através do meu membro. Meus testículos estavam prestes a explodir, desejando satisfação até que finalmente gozei em seu interior. Enterrei-me nela tudo o que pude antes e dei-lhe tudo, até a última gota do meu sêmen. Meus músculos das costas ficaram tensos e minhas nádegas se contraíram dolorosamente. Enchi-a até a borda, conseguindo que quase transbordasse.

Deixei a sensação desaparecer lentamente, sentindo meu corpo subir até as nuvens. O momento passou e eu queria desabar ao lado dela e dormir para sempre. Meus olhos recuperaram a concentração e observei seu lindo rosto sem piscar. Seus lábios estavam vermelhos e sensibilizados pelos meus beijos e os olhos nublados de satisfação. Dei um beijo em seus lábios, ainda a desejando apesar de estar profundamente saciado.

Ela me beijou de volta intensamente, como se quisesse mais, apesar do orgasmo fulminante que acabara de ter.

Pegou meu rosto entre suas mãos e me beijou com paixão, sua língua dançando com a minha. Com ela nunca acabava, embora pensasse que o tinha feito. Me atraiu mais para si, como se não quisesse me soltar jamais. Ela precisava de mim mais do que nunca, desejando mais do que eu poderia lhe dar. Senti seus lábios se moverem contra os meus quando ela falou.

- Eu te amo, Crow. - Sua voz continha tanta emoção que fez seus lábios tremerem com pura sinceridade. Cravou com mais força as unhas em mim e apertou suas pernas ao redor dos meus quadris.

Eu tinha ouvido suas palavras, mas não consegui processá-las. Meus lábios congelaram, porque eu não conseguia nem me mexer. As palavras entraram nos meus ouvidos e se solidificaram ao chegar até

meu cérebro. Eu poderia esperar que ela dissesse muitas coisas, mas isso não era uma delas. Continuava dentro dela, esvaziado, mas voltando a despertar, e meu sêmen havia ficado depositado nas profundezas de seu ser.

Meu coração parou por um momento e meus nervos se inflamaram intensamente. Senti que a agonia estava me

despedaçando e tudo que eu queria era fugir. Suas palavras grudaram na minha pele como um ferro em brasa. Aquela declaração não me fez sentir mais perto dela. Pelo contrário, conseguiu que quisesse me afastar.

A conexão que compartilhamos caiu em pedaços e eu senti como se todo o meu corpo se quebrasse. Tudo que eu queria era afastar dela o mais rápido possível. Sai dela e me desloquei até a beira da cama.

Ela sentou-se e olhou para mim, cobrindo o peito com o lençol. Seu rosto emanava dor como se fosse um sol ardente.

Seu olhar não podia esconder o sentimento de traição. Ela se envolveu mais firmemente com o lençol enquanto trazia os joelhos para o peito.

Ela me disse que nunca mais amaria ninguém. Alegou que um marido e filhos foram completamente descartados.

Tudo o que tínhamos era perfeito. Um pouco mais cedo naquele dia, eu não conseguia acreditar que pudesse ter sentido um momento de alegria.

Mas então tudo desapareceu.

Entrei no banheiro e fiquei debaixo da água quente do chuveiro. Suas palavras se repetiam na minha mente. O

medo e a ansiedade tomaram conta de mim como um inimigo que conquistara uma vitória. Eu não conseguia ver

nada além dela morta no chão, com uma bala na cabeça. O

sangue encharcando tudo, formando uma poça impossível de limpar. Eu podia imaginar o seu cadáver inerte no cemitério onde o resto da minha família estava enterrado.

Como todo mundo, ela havia sido comida pela terra.

Esse pensamento era mais do que eu poderia suportar.

Não poderia passar por tudo isso de novo.

Já tive o suficiente.

Naquele exato momento, me desliguei de tudo. Impedi a passagem de todas as sensações ao meu cérebro. Meu corpo se desconectou e expulsei todos os pensamentos da minha mente. Button afastou-me do meu caminho e levou-me com ela para um lugar onde prometi nunca mais voltar. Eu permiti que ela se metesse dentro de mim, e agora eu estava pagando pelas consequências.

Eu não podia deixá-la me amar.

E é claro que eu não poderia amá-la.

Isso não era uma opção.

E nunca seria.

QUANDO SAÍ DO BANHEIRO, ELA TINHA IDO

EMBORA. Os lençóis ainda estavam bagunçados onde estávamos deitados. O quarto cheirava fortemente a sexo, do

bom, daquele que te põe a mil. As roupas, assim como os sapatos que ela usava haviam desaparecido.

Ela tinha ido embora.

Mas para onde?

Será que tinha chamado um táxi e se preparado para me deixar para sempre? Será que ela estava a caminho do aeroporto agora mesmo? Minha rejeição fria a assustou? A ideia dela ir embora me fez entrar em pânico. Eu não queria sentir o que ela sentia, mas não queria necessariamente que ela fosse embora também.

Fui ao seu quarto e a encontrei sentada no sofá. Tinha um livro apoiado nas coxas, mas não estava lendo. Em vez disso, olhava pela janela, com uma expressão vazia no rosto.

Estava bem maquiada e penteada, nem dava a impressão de que um momento embaraçoso acabara de ocorrer.

Limpei a garganta para anunciar minha presença, com as mãos enfiadas nos bolsos do meu jeans. A situação estava tensa e não tinha

certeza de como lidar com isso. Eu nunca tinha experimentado nada parecido. Nenhuma mulher jamais disse que me amava. Nem uma vez.

Ela não olhou para mim de novo, embora soubesse que eu estava lá.

- Sim. - Sua voz era neutra, como se não se importasse com nada nem ninguém.

Normalmente eu teria saído para que o tempo amenizasse o desconforto. Mas estava com medo de que se não dissesse nada faria com que ela partisse para sempre.

Como conseguiria fazer com que ela ficasse sem lhe dizer que a amava? Haveria algum bom motivo capaz de fazê-la ficar? Sentei no sofá ao seu lado, então ela não teve escolha senão olhar para mim.

- Acho que devemos conversar.

- Sobre o que devemos conversar? - E fechou o livro com um baque.

Ia ser difícil para mim. Eu deveria ter imaginado isso.

- Eu sei que te magoei e quero consertar as coisas, se puder.

- Não há nada para consertar, Crow. Você não fez nada de errado.

- Não me parece assim.

- Eu te disse como me sentia e você não retribui meus sentimentos. Isso não é nada. - Sua voz quebrou um pouco, deixando escapar seu sofrimento. Ela tinha feito de tudo para escondê-lo, mas parte da emoção tinha transparecido em seu tom de voz.

- Você me disse que nunca mais confiaria em ninguém.

Que não queria ter marido ou filhos. E eu te disse que nunca amaria ninguém. O que mudou?

Ela abriu a boca para falar, me estudando com os olhos.

Respirou fundo e depois fechou a boca novamente, descartando o que quer que fosse dizer.

- Eu gostaria muito que pudéssemos fingir que isso nunca aconteceu. Simplesmente, vamos seguir em frente e deixar essa minha fala no passado.

Não havia nada que eu queira mais.

- Mas podemos realmente fazer isso?

- Nós vamos ter que fazer isso.

- Você não quer ir embora? - Se ela ficasse e nunca mencionasse esse desastre, seria totalmente perfeito. Mas parecia bom demais para ser verdade.

- Ainda não. Primeiro eu quero matar o Bones.

Então ela queria ir embora. Meu coração caiu aos meus pés e uma dor insuportável e ardente se espalhou por toda parte. Doía tanto que não consegui respirar. A ideia dela se afastar de mim era totalmente impensável. Mas poderíamos realmente continuar depois do que acabara de acontecer? Ela cruzou um limite impossível de retornar. Talvez fosse

melhor assim. Nós estávamos muito perto. E quando as pessoas estão unidas, elas acabam com uma bala no crânio

- Mas há algo que eu quero te dizer... - Ela finalmente me olhou nos olhos, recuperando sua força.

- Estou escutando.

- Cane veio aqui há algumas semanas e se desculpou pelo que fez comigo. Ele disse que isso nunca teria acontecido se soubesse que eu estava apaixonada por você.

Ele me disse que era assim que você se sentia. E quando ele me disse isso... percebi que sentia o mesmo por você. Se eu soubesse que seus sentimentos eram diferentes, eu não teria dito nada.

Cane esteve em casa?

Sem me dizer?

E ele disse isso a ela?

Então eu ia matá-lo.

- Não sabia. - Eu não conseguia pensar em mais nada para dizer. Tudo tinha acontecido bem debaixo do meu nariz e eu não tinha ideia.

- Eu só queria que você soubesse de onde veio tudo isso.

Eu nunca teria coragem de lhe dizer se não fosse pelas palavras dele. Agora sei porque você não retribuiu minhas palavras, era porque você não se sentia da mesma maneira...

mas acho muito difícil acreditar que você não sinta nada.

Estamos juntos há muito tempo e somos inseparáveis. Eu não acho ridículo ter pensado que você me amava.

Ela estava tentando justificar seu comportamento, quando não precisava.

- Você não precisa me dar explicações.

- Mas eu quero fazer isso. - Ela sussurrou. - Quando lhe disse que não confiava em ninguém e que nunca começaria uma família, eu quis dizer isso. Mas também percebi que você e eu somos faces opostas da mesma moeda. Você compartilha minha escuridão, força e fraqueza. Nós realmente não somos tão diferentes. Pensei que com você eu poderia ter um futuro. Que poderia criar algo contigo.

Abaixei minha cabeça com vergonha.

- Eu não posso ter um futuro com ninguém, Button.

Todos que se aproximam de mim morrem. Eu faço o meu melhor para proteger as pessoas que amo, mas... às vezes não está em minhas mãos. Eu gosto de relacionamentos curtos porque eles são satisfatórios. Mas não quero nada mais que isso. As pessoas se afeiçoam e terminam se machucando. É

simplesmente melhor assim.

- Então o que você pretendia fazer se continuasse a ser sua escrava? - Ela sussurrou. - Me foder até se cansar de mim? E depois o quê?

- Não. Eu não teria me entediado de você. - Isso era algo que eu não podia negar. - Mas você nunca teria sido nada mais que isso. Seria simplesmente outro membro da equipe.

Eu nunca me importaria o suficiente para permitir que eles a usassem como uma vantagem. Ninguém poderia usá-la para me dizer o que fazer, porque eu não amo você. - Essa última parte queimou meus ouvidos. Falar daquele modo era insensível, mas eu tinha que tirá-la de mim. Ela precisava entender que o tempo que passamos juntos era tão maravilhoso quanto parecia, mas era só aquilo. Eu não poderia lhe

dar todas as coisas que ela merecia. Nunca.

Ela não reagiu à minha crueza, mas uma tempestade quebrou dentro dela. Era algo que seus olhos não podiam esconder. Ela olhou para o livro e dedilhou as bordas.

- Me desculpe, se entendi mal as coisas.

- Por favor, não se desculpe. - Ele sentia a mesma atração que ela experimentava. Mas a rejeitou antes que fosse tarde demais. Nós nunca poderíamos ser nada mais do que já éramos. Quando a hora chegasse, eu a deixaria ir. E

continuaría com a minha vida.

- Espero que possamos aproveitar o tempo que nos resta antes de você ir embora. Mas se você preferir vou agora, eu posso fazer isso.

- Não - A palavra veio dos meus lábios rapidamente. A ideia dela se afastar de mim para sempre era demais para mim... pelo menos por agora. Eu precisava dela na minha vida. Precisava senti-la debaixo de mim quando conectávamos nossos corpos. Precisava que seu sorriso fosse a primeira coisa que visse pela manhã. Eu simplesmente precisava dela.

- Tudo bem. Eu ficarei até o trabalho terminar.

E então ela iria embora. Eu poderia permitir sua partida?

Eu não a amava, mas sentia algo digno de ser levado em conta. Investiguei minha alma e vi que era mais do que luxúria ou apenas afeição. Mas eu não podia amá-la. Isso não era possível. E nunca seria.

- Muito bem.

15

PEARL

FUI PARA A CAMA, MAS NÃO CONSEGUI DORMIR.

Tinha a mente fixa no frasco de botões que havia sobre a mesa. Estava

meio cheio de botões diferentes, cada botão era claramente diferente dos outros. O jarro era uma amostra completa de diferentes botões. E me perguntei se eles já pertenceram a Vanessa.

Houve uma batida suave na porta antes de Crow entrar.

Estava vestido de calça de moletom e uma camisa, pronto para ir para a cama. Ele parou sobre o umbral da porta quando me viu na cama, com uma expressão impassível e inescrutável.

Eu sabia exatamente o que queria. Mas não concordaria com isso.

- Venha dormir no meu quarto.

Ele não poderia ter tudo. Não podia dormir comigo todas as noites, mas não sentir nada por mim. Já me havia arrastado para as trevas uma vez com seus beijos, seu contato e suas bonitas palavras. Agora eu tinha que colocar distância entre nós: uma distância gelada. Quando não havia correspondido a meu afeto, uma parte de mim morreu. Eu estava certa de que ele sentia o mesmo, que seus lábios tremeriam de adoração enquanto repetiram as mesmas palavras. Quando não obtive mais que silêncio e um olhar incômodo, me partiu o coração.

- Eu gosto de estar aqui. - Realmente senti falta da cama assim que entrei nela. O colchão não me era familiar e cheirava a flores. Preferia o aroma masculino no ar, a mistura de sua colônia e sua loção pós-barba.

- Button. - Ele tentou exercer sua autoridade com uma única palavra, mas isso não funcionaria mais.

Eu não poderia continuar dormindo lá com ele. Não pareceria mágico como antes. Meu corpo esfriou e endureceu ao mesmo tempo. Meu coração tinha se fechado. Eu não queria ouvir sua respiração no escuro, nem que seu rosto fosse a primeira coisa que via quando acordasse. Se o que tínhamos não era mais do que uma foda, então era assim que deveríamos nos comportar.

- Eu vou ficar aqui. Boa noite, Crow.

Ele ficou na porta, a mão na maçaneta.

- Eu quero proteger você.

- Você não precisa. - Ele mesmo disse isso. Se eu morresse, ele

superaria... porque não me amava e eu queria que fosse assim. Os últimos nove meses agora pareciam um sonho. Tinha que ser um sonho, porque eu era a única que se lembrava. Eu pensei que tinha encontrado o lugar que pertencia. Pensei que eu era diferente... especial. Mas ele deixou claro para mim que era apenas uma entre muitas.

E nunca seria diferente.

Ele continuava na soleira da porta, embora não tivesse mais nada a dizer.

- Estou cansada. - Essa era a maneira educada de pedir a ele para sair. Eu não tinha certeza se poderia dormir com ele novamente antes de ir embora. Não pensaria em outra coisa senão em como eu lhe tinha aberto meu coração e ele o tinha golpeado. - Nos veremos de manhã. - Me aconcheguei debaixo das cobertas. Então eu me virei de propósito, lhe dando as costas para não ter que encará-lo. Não ouvi o barulho de seus passos quando ele saiu.

Eu queria chorar, mas me recusava a fazer isso. Tinha superado tanta coisa: o dano irreparável que Bones me

causou, a traição de Jacob, a surra dada por Cane. Mas aquilo entre nós nunca seria superado.

PEDI A LARS O NÚMERO DO TELEFONE DE CANE E

LIGUEI PARA ELE ENQUANTO CROW ESTAVA NO

TRABALHO.

- Barsetti. - Ele atendeu.

- Você e eu temos uma questão pendente, idiota.

Ele se calou do outro lado da linha.

- Quem diabos é?

- Ele fez isso? - Cane parecia chocado. - O que aconteceu?

Você lhe disse que o amava e ele ficou lá, parado?

- Nós estávamos transando.

- Puff. Isso é pior.
- Bem, ele disse que não me amava, e que nunca me amaria. Então muito obrigada.
- Isso é uma mentira do caralho. Eu sei quando meu irmão está mentindo e agora ele está delirando.
- Isso não importa. Eu só queria incomodá-lo por me jogar nos leões.
- Ei, um momento - disse ele. - Eu nunca te disse para dizer a ele que você o amava.
- Claro que você me deu um empurrãozinho.

Ele suspirou.

- O que você quer que eu diga? Quer que eu fale com ele?
- Deus não. Eu só queria brigar com você.
- Bem, não me importo. Não sou bom nessas conversas de garotas. Nem sei por que continuamos falando sobre isso.

E daí se ele não te respondeu? Supere isso.

Eu queria que fosse assim tão fácil.

- Quero acabar com Bones agora. Quero terminar com isso para poder ir embora.
- Agora mesmo? - Ele perguntou incrédulo. - Você não está ferida?
- Não. - Minhas cicatrizes tinham cicatrizado completamente semanas atrás. - Estou pronta para ir atrás daquele idiota. Você está comigo ou não?
- Mas é claro que sim.
- Então fale com ele. - Desliguei antes que pudesse dizer outra palavra.

CROW

ESTAVA OLHANDO PELA MINHA JANELA OS

VINHEDOS DISTANTES, COMO TINHA FEITO

TANTAS VEZES. Conhecia aquela terra melhor que a maioria das pessoas. Eu a carregava no meu sangue, era minha herança. Às vezes, ao apreciar a paisagem, limpava a mente das questões que me deprimiam.

A porta do meu escritório se abriu e Cane entrou.

Sabia que era ele por causa de como invadia meu escritório sem consultar minha secretária. Eu ouvi a porta fechar atrás dele.

- Trabalhando duro, hein?

Eu me virei na cadeira para encará-lo, já sentindo uma dor de cabeça considerável martelando minha têmpora.

- Eu poderia dizer o mesmo para você.

Ele sentou-se na cadeira em frente à minha mesa, encolhendo-se na almofada e emitindo um suspiro profundo, como se estivesse exausto.

- O que há?

Meus olhos se estreitaram automaticamente.

- Me diga você. Você é o único que veio me fazer uma visita.

- Bem, estou ficando inquieto. Quando vamos pegar o Bones?

Eu não tinha pensado nisso. Só tinha Button em mente. Não tinha conseguido dormir sem ela ontem à noite. Eu costumava odiar dormir com outra pessoa, mas agora não suportava ficar sozinho.

- Não sei. Pearl ainda está se curando.

- Ela está perfeita. Parece como nova.

- Mas ela não está preparada mentalmente.

- Bem, ela me ligou e perguntou quando pegaremos Bones, então

parece que está bem preparada.

Pearl tinha ligado para ele? Por que não falou comigo em vez dele?

- Sério?

- Sim.

- O que mais ela falou?

- Não muito. - Cane olhou em volta do meu escritório, admirando as pinturas e as prateleiras. - Só que disse que te amava e você não lhe correspondia.

Eu não pude acreditar que ela tinha dito ao meu irmão. Eles costumavam ser inimigos mortais, e agora estavam de fofoca.

- Cara, o que você vai fazer?

- O que você quer dizer com o que eu vou fazer?

- Que diabos você está fazendo? - Inclinou a cabeça para o lado e olhou para mim como se eu fosse esquisito.

- Eu não vou ter essa conversa com você. - Não compartilharia informações privadas com meu irmão. -

Cane, fique fora disso.

- Eu gostaria de poder. De acordo com o código Barsetti, tenho que fazer isso. Você acha que eu gosto de falar sobre essas besteiras? Bem, não, é uma água que eu não beberia Ou devo dizer um vinho?

- O código Barsetti?

- Sim. Você está cometendo um erro grave do qual se arrependerá. Eu não posso consentir que você faça isso antes de...

- Eu não preciso de seus conselhos sobre o assunto. -

Ele estava enfiando o nariz onde não deveria e não era algo que eu estivesse gostando. Cane e eu não éramos o tipo de irmãos que falam sobre merdas emocionais. Nós mal conversamos sobre Vanessa quando ela morreu.

- Eu acho que sim. Mudou bastante.

Não estava surpreso com aquilo. Tinha sido o momento mais incômodo de toda minha vida. Ela me olhava fixamente e esperava que eu repetisse aquelas palavras para ela. Ao não o fazer, seu rosto se transformou na imagem do desapontamento.

- Acho que isso é normal.

- Não, você não está entendendo. Ela quer deixar você o mais rápido possível.

- Não estou tentando dar uma de maricas, mas sei que a ama. Diga-lhe e pronto.

- Eu não a amo.

- Vamos lá cara, mas como não. É totalmente óbvio

... até para mim.

Meu coração tinha se transformado em um bloco sólido de gelo e meu corpo estava incapacitado. Eu não poderia aguentar outro golpe ... outra perda.

- Continuo afirmando que não.

- Então quando ela for embora, você vai permitir e é isso?

- O que mais eu devo fazer?

- Crow, ela não é uma puta qualquer que você tem em casa. O que quer que esteja acontecendo entre vocês vai além. Eu não entendo porque você insiste em negar isso. As pessoas se apaixonam e se casam todos os dias.

Por que você acha tão difícil de entender?

- Eu não sou como todo mundo.

- A última vez que olhei, era sim.

Claro que não. Eu era uma fera das trevas.

- Olha, ela vai embora assim que terminarmos com isso. Você está realmente preparado para desistir assim?

Eu não conseguia imaginar minha vida sem a mulher que morava na minha casa. Simplesmente dormir sem ela era praticamente

impossível. Meu trabalho nunca mais seriam o mesmo. Jantar sem ela nunca seria o mesmo. Depois do trabalho, ele voltaria para uma casa vazia, até encontrar outra mulher para bater e chicotear. A ideia me fez sentir muito vazio.

- Se ela quiser ir embora, ela está livre para fazer isso.
- E você não acha que é ruim perder o amor da sua vida?
- Eu nunca disse que a amava.
- Mas é evidente. O que te impede?

Eu sabia que ele não ia deixar o assunto de lado tão facilmente.

- Você e eu não somos o tipo de homem que pode ter mulheres e filhos.
- E porque não?
- Por causa da mamãe, do papai e da Vanessa. Um por um, eles foram tirados de nós. Você acha que uma mulher que você ama estará segura? Nossos inimigos sempre procuraram uma maneira de nos machucar.

Uma esposa seria o alvo perfeito.

- Não se nós os protegemos.
- Como da última vez? Vanessa está morta, como a mamãe e o papai. Quantos mais cadáveres você quer que adicionemos a essa lista?
- Vamos ver se entendi corretamente. - Ele levantou as duas mãos, cada vez mais exaltado. - A única razão pela qual você está afastando-a do seu lado é para protegê-la? Então você a ama? Você só não quer se arriscar a dizer isso a ela?
- Sim, eu estou afastando-a para protegê-la. Mas não, eu não a amo.

Ele estreitou os olhos.

- Crow?
- Não. Eu não me apaixono. Eu disse a ela desde o começo. Não é minha culpa que não queira acreditar em mim.
- Eu os vi juntos - ele exclamou. - Talvez você possa mentir para si

mesmo, mas não pode mentir para mim.

- Cane, pare agora

- Eu não vou fazer isso. Você é meu irmão e quero que seja feliz. E parece-me que, para isso, você precisa dela.

Olhei para a estante, evitando o olhar de determinação em seu rosto.

- Eu nunca serei feliz. - Era um destino que ele aceitara há muito tempo. Com Button, senti pequenas descargas de alegria em seu corpo em momentos inesperados. Isso o fez rir e também sorrir. Mas esses sentimentos eram apenas temporários. A depressão o engoliria novamente após um curto período de tempo.

- Talvez você devesse parar de ser tão dramático e tentar.

- Talvez você devesse calar a boca.

- Olha, eu estou apenas tentando ajudar. Se você não quer perdê-la, tem que desatar esse nó. É tudo que eu digo.

- Eu já deixei ela ir. - Eu nunca conseguiria corresponder aos sentimentos dela ou lhe dar a vida que ela queria. Não pensava retê-la. Meu coração já não funcionava e era incapaz de sentir outra emoção que não fosse a violência. Ela merecia um homem muito melhor do que eu.

Pelo menos a conversa acabou.

- Então, quando vamos atacá-lo?

- Não sei. Quando você acha que estará preparado?

- Quando se trata de matar aquele idiota, estou sempre preparado.

- Tudo bem. Vamos planejar o que fazer.

PEARL

EU

COMECEI

A

PRATICAR

ESPORTES

NOVAMENTE.

Corria todos os dias depois que Crow saía para o trabalho. O caminho que circundava os vinhedos era de quase dois quilômetros, então eu o percorria antes de descer para a sala de musculação que Crow tinha no porão. Eu não estava tentando perder quilos ou ganhar músculos. Só queria estar em forma.

Precisava estar forte quando estivesse frente a frente com Bones. Provavelmente não poderia me machucar porque Crow e Cane estariam assistindo. Mas era melhor prevenir do que remediar.

Crow chegou em casa no horário habitual e estava quieto e taciturno. Desde aquela noite embaraçosa, nada voltou a ser o mesmo. Nós conversamos sobre isso, mas a verdade é que isso não mudou nada.

Você poderia cortar a tensão com uma faca.

Ele bateu na porta com os dedos antes de entrar.

- Lars me disse que ultimamente você está uma máquina de treinamento.

- Sim. Eu tenho feito algum exercício. - Ela tinha um livro aberto nas mãos. A leitura era a única coisa com poder suficiente para me distrair da minha agonia.

Tentei esquecer a crueldade com que Crow me rejeitara, mas não conseguia. Apesar de como ele me machucou, eu ainda o tinha em meu coração. Ainda me sentia exatamente igual a antes.

Isso só fazia me sentir patética.

- Por qual razão? - Ele perguntou.

- Para me preparar para a nossa missão. Eu queria voltar a estar em forma.

Ele estava tão lindo, era o sonho molhado de qualquer mulher.

- Você acha que está pronta para isso?

- Eu sei que estou. - Havia duas coisas que queria desesperadamente. A primeira era colocar distância entre os dois. E a segunda era se vingar de Bones. Mesmo se morresse no processo, valeria a pena. Ela tinha que fazer alguma coisa. Correr de volta para a América para deixar outras mulheres sofrerem esse destino não era algo que poderia admitir.

Ele sentou ao meu lado no sofá, mas mantendo as mãos para si mesmo. Não fez nenhuma tentativa de se aproximar de mim desde aquela noite terrível. Algumas vezes me pedia para dormir com ele, mas eu sempre recusava.

- Cane está pronto também.

- Bem, vamos em frente.

Ele virou seus olhos verdes para mim.

- Você tem certeza absoluta que pode com isso?

Não pisquei para manter meus olhos nele.

- Totalmente. - Ela havia sofrido um trauma após o outro. Agora, poucas coisas a assustavam. Seus nervos eram feitos de aço e o coração estava frio e calmo. O

golpe final que terminou comigo foi a rejeição de Crow.

Agora, não havia mais nada que pudesse me prejudicar.

- Ok, eu vou falar com o Cane e vamos pensar em um plano.

- Muito bem. - Quanto antes melhor. Eu não sabia o que faria quando voltasse para a América. Não tinha emprego esperando por mim. Nem sequer tinha um apartamento. Eu teria que acordar e me virar. Porque decidir ficar por medo era inaceitável. Eu iria em frente...

não tinha dúvidas sobre isso.

Em vez de sair, Crow continuou sentado ao meu lado. Ele se inclinou para frente, colocou os braços em suas coxas, entrelaçou os dedos e olhou para o chão sob seus sapatos reluzentes.

Esperei ele sair e me deixar sozinha. Estar em sua presença um segundo a mais do que o estritamente necessário era uma tortura para mim. Apenas uma semana atrás eu estava feliz e agora me sentia muito infeliz. Ele tinha tirado algo de mim, algo que nunca pensei que poderia ter novamente. De alguma forma, me ressentia dele por isso.

- Tenho saudades de você. - Ele olhou para as mãos, esfregando os polegares.

Eu o ouvi, mas não reagi. Essas palavras não faziam sentido para mim. Houve um tempo em que pensei que

ele me amava, que não poderia viver sem mim. Todas aquelas noites que passamos juntos foram maravilhosas.

Ele cuidou de mim quando eu mal conseguia andar. Mas eu havia entendido tudo errado.

Ele lentamente virou a cabeça em minha direção, esperando que eu dissesse as mesmas palavras.

Agora ele sabia como era ser rejeitado.

Desilusão brilhou em seus olhos, do tipo que é impossível esconder. Ele apertou seus dedos e olhou para as mãos novamente quando já não suportava a minha frieza.

- Eu pensei que tínhamos decidido aproveitar o tempo que tivéssemos juntos antes de você ir.

Mudança de planos.

- Meus sentimentos não são os mesmos, Crow.

Ele cerrou o maxilar levemente.

- O que isso quer dizer?

- Eu não quero dormir ou foder com você. Tudo o que quero fazer é machucar o Bones, pelo dano que ele nos causou. Chegar a este lugar me ensinou o que é o mundo real. A observar as pessoas, a me tornar mais dura e a sobreviver. Agora que possuo essas habilidades, estou preparada para voltar ao meu mundo antigo.

Ele se endireitou e abriu as mãos.

- Eu não vejo por que não podemos desfrutar um do outro.

Eu não queria sentir suas mãos em mim. Senti-lo dentro de mim. Isso só me faria pensar no dia em que meu coração se quebrou. Depois de tudo o que passei, não achei que era possível amar alguém, confiar em alguém. Ele me envolveu em uma falsa sensação de segurança, fazendo-me pensar que juntos éramos seres sombrios, mas completos.

- Porque não podemos.

- Me desculpe, eu machuquei você, mas...

- Tudo bem, Crow. Não precisa se desculpar por como você se sente. Mas agora eu quero outras coisas.

Não posso te deixar me tocar não porque não gostaria disso, mas porque me faria pensar na última vez que estivemos juntos. Agora somos apenas amigos.

Cúmplices. E isso é tudo o que vamos ser.

Ele respirou fundo, obviamente frustrado.

- Se servir de algo, eu realmente sinto sua falta. Não consigo dormir sem você. Não posso me concentrar no trabalho. Tudo está de cabeça para baixo e nem consigo

pensar com clareza. Eu sinto sua falta. Sinto falta do que tivemos. Não está fácil para mim.

Achei muito difícil ter pena dele. Ele só me queria como entretenimento. Porque o sexo entre nós era incrível. Mas era só isso e nada mais.

Isso era tudo o que eu significava para ele.

- Você vai superar isso. O desejo desaparecerá e se esquecerá de mim... como todo mundo - Não havia nenhum sinal de veneno na minha voz. Estava apenas dizendo-lhe a verdade.

Ele se virou para mim, seus olhos desesperados.

Eu estava entorpecida e não conseguia sentir nada.

No meu coração não havia compaixão ou qualquer outra coisa. Tudo o

que sentia era um desejo irrefreável de escapar dali. Queria me afastar o máximo possível, para poder superá-lo.

Eu queria esquecê-lo. Esquecer tudo aquilo.

EU

ESTAVA

DORMINDO

CONFORTAVELMENTE

NA

MINHA

CAMA

QUANDO O SOM DE VIDRO QUEBRADO ME

ACORDOU.

Sentei-me de repente quando ouvi os fragmentos de vidro caindo no chão de madeira. Meus pesadelos estavam de volta, mas de alguma forma eu sabia que isso era real. O som era inconfundível. Soava alto demais para não ser real.

O feixe de luz de uma lanterna apontada para o meu rosto, me cegou. Meu primeiro instinto foi gritar, e foi exatamente isso que fiz. Gritei alto, esperando que Crow pudesse me ouvir.

- Faça-a calar a boca! - Um homem me agarrou e me jogou no chão. - O alarme da casa disparou, num volume que achei que me deixaria surda. Eles amarraram um lenço ao redor da minha boca para silenciar meus gritos.

Um homem me deu um soco no rosto e depois outro no estômago, me paralisando momentaneamente.

Vamos, Crow.

Um homem me pegou pelo ombro e me pôs de pé.

Ele manteve minhas mãos nas costas enquanto me empurrava para a janela quebrada.

Torci meu corpo para escapar de seu poder, mas ele me segurava com muita força. A dor no meu estômago era insuportável e comecei a sangrar minha boca.

Ele me empurrou pela janela e soltei um grito abafado enquanto voava pelo ar, na esperança de colidir com a grama ao fundo. Meu corpo pousou em uma pilha de colchões e quiquei sobre eles, tentando assimilar o fato de que eu não tinha me esborrachado no chão.

Os homens desceram atrás de mim e me agarraram novamente. Um me colocou em uma motocicleta, e sentou-se atrás de mim, então não pude escapar. Ele ligou o motor e acelerou pelo pátio, cruzando uma fileira de trepadeiras para voltar à estrada principal.

Com o vento sacudindo meu cabelo, tentei me virar no banco para ver se Crow estava nos seguindo. Assim que me virei, o homem me deu um soco nas costas para olhar para frente. Eu me inclinei para frente contra o guidão e uma dor intensa percorreu meu corpo.

Eles continuaram dirigindo pelas pastagens sem acender os faróis. A escuridão era absoluta, impedindo-me de ver para onde estávamos indo. Quando vi o cara que estava ao meu lado, percebi que estava usando óculos de visão noturna, assim Crow não conseguiria detectar os faróis.

Isso não parecia bom.

Quinze minutos depois, chegamos a uma estrada.

Estacionaram num gramado quando se aproximaram de uma limusine negra estacionada no local. Desligaram as motos e me fizeram descer.

Agora que estava no chão, tentei escapar. Chutei o saco do que estava mais próximo de mim antes de quebrar o nariz do outro. Eu não tinha para onde correr, então tive que nocautear meus captores se quisesse ter a chance de sair dali.

- Mãos na cabeça, onde eu posso vê-las.

Uma voz de mulher soou atrás de mim. Ela era claramente feminina, mas destilava autoridade. Ouvi o som de uma arma sendo engatilhada e o som reverberou no ar da noite.

Eu me virei e vi a arma apontada diretamente para o meu rosto. Com um único toque do gatilho, meu rosto desapareceria.

- Você está absolutamente certa sobre isso. - Ela moveu a arma para o centro da minha palma e colocou o índice no gatilho. - Mas certamente você pode aguentar alguns tiros.

Eu não me deixei vencer pelo medo. Demonstrar fraqueza, mesmo que apenas por um momento, certamente me levaria ao túmulo.

- Eu espero que você realmente atire. Prefiro sangrar a volta com esse psicopata.

Desta vez ela sorriu abertamente.

- Agora entendo sua obsessão. Você é um brinquedo que se recusa a quebrar. - Ela me pegou pelo braço e me obrigou a me virar. Então pressionou a arma contra minha omoplata direita. - Coloque as mãos atrás das costas.

Eu não me mexi.

Ela me chutou por trás do joelho.

Mordi o lábio e caí de joelhos no meio da estrada.

Meu corpo reagiu imediatamente ao golpe e eu não pude evitar ir ao chão. Ela amarrou meus pulsos com um pedaço de barbante e depois me puxou para cima.

- Coloque sua bunda no carro.

- Você entende o que está fazendo? Você está me devolvendo a um louco que vai me bater e estuprar sem descanso. Como mulher, isso parece bom para você? - Eu precisava acreditar que o dinheiro não era a única coisa

que fazia o mundo se mover. Tinha que haver algumas pessoas boas: se não, apenas uma.

Sua expressão não perdeu sua frieza.

- Você terminou de choramingar?

- Não estou choramingando, só estou esperando que haja algo de bom neste mundo.

- Bones ofereceu uma recompensa de dez milhões de dólares por você. Eu não dou a mínima se ele for rasgar seus membros um a um ou alimentar um bando de cachorros com seus ossos. Eu não me importo

se você é homem ou mulher. A única coisa que importa para mim é o dinheiro. Agora feche sua boca. - Depois golpeou a parte de trás da minha cabeça com a arma.

Meu corpo se encolheu quando recebi o golpe e senti que o ar estava deixando meus pulmões. A dor que o metal pesado causou no meu couro cabeludo foi brutal.

Minhas pernas enfraqueceram e caí no banco de trás.

Ela olhou para mim antes de bater à porta.

Inclinei minhas costas contra o encosto e senti o começo de uma enxaqueca. Minhas mãos estavam pressionadas contra as minhas costas, então fui forçada a arquear a espinha no assento para poder conseguir um pouco de conforto.

A mulher subiu no banco de trás ao meu lado, com a arma ainda na mão.

- Dirija! - Ela ordenou ao motorista com um breve toque de seu pulso.

O carro entrou na estrada enquanto os homens subiam em suas motos. Quando os motores soaram, eles dispararam na direção oposta.

Olhei pela janela, tentando descobrir onde estávamos e para onde estávamos indo. A mulher e o motorista eram os outros dois únicos ocupantes do veículo. Dois contra um não era uma boa proporção, mas certamente era melhor que quatro contra um.

A mulher olhou para mim, me vendo sofrer antes de desviar o olhar para a janela.

- Agora vamos levá-la ao seu centro de comando.

Entregá-la e dar o fora de lá.

- A que distância estamos?

- Trinta minutos - ela respondeu. - Eu sugiro que você tente descansar.

A ideia de voltar ao homem que se excitava me torturando causou-me arrepios incontroláveis. Agora que conheci a liberdade, não podia voltar a isso. Eu esperava que Crow fosse capaz de me encontrar e vir em

meu socorro, mas sabia que isso era impossível.

Estávamos em um veículo diferente e no meio do nada.

Ele nunca me encontraria.

VINTE MINUTOS DEPOIS ENTRAMOS EM UMA

CIDADE GRANDE. Havia poucos carros nas ruas no final da tarde e a maioria das lojas estava fechada. Mas as luzes da rua estavam acesas e havia alguns sem-teto nas calçadas.

Nós estávamos quase lá.

Eu olhei para a arma que estava descansando na coxa dela e para o motorista. Ele não parecia um militar, provavelmente poderia lidar com ele se precisasse. A única coisa que me preocupava era a mulher.

Sem me mexer, examinei seu corpo na esperança de descobrir outra arma no cinto. Se ela tivesse uma, eu poderia pegá-la e colocar uma bala em sua cabeça. Mas não vi nada.

O que notei foi uma carteira. Ela estava caindo do bolso com os solavancos da estrada. Era preta e feita de couro, com a aparência de pertencer a um homem.

Provavelmente tinha dinheiro e algum documento de

identificação dentro. Se eu pudesse pegá-la e fugir, teria dinheiro suficiente para viajar.

Mas como faria isso?

A corda que amarrava meus pulsos tinha se suavizado devido ao suor que escorreu pelas minhas costas e foi absorvido pela corda, tornando-a mais frágil.

Eu não tinha colocado o cinto de segurança quando entrei no carro e estava com a fivela ao lado do meu braço direito. Não era afiada, mas pelo menos tinha uma vantagem.

Isso me deu uma ideia.

Eu mantive meus olhos fixos na janela e mudei o peso do corpo para a porta. Consegui pegar o cinto de segurança e puxá-lo para mim, trazendo a fivela para perto das pontas dos meus dedos. Quando notei o toque do metal em minhas mãos, comecei a esfregá-lo contra a corda, serrando com toda a pressão que consegui aplicar.

Ela escorregou algumas vezes e não fez um entalhe na corda. Mas quando levei meu tempo para esfregar o metal contra a corda danificada, reparei que estava começando a soltar-se.

Estava realmente funcionando.

Comecei a cortar lentamente a corda até poder liberá-la. Quando a corda enfraqueceu o suficiente, sentia dividida em dois.

E eu tinha as mãos livres.

Soltei a fivela e sentei-me quieta, sentindo meu coração acelerar dentro do peito. Eu estava animada e aterrorizada. Tudo o que tinha que fazer agora era esperar o momento certo para agir. Rapidamente, lhe tiraria a arma e sairia de lá.

O carro diminuiu a velocidade até parar no sinal vermelho. Um pedestre atravessou o cruzamento com uma garrafa de álcool em um saco de papel. Ele demorou a atravessar a rua, já visivelmente bêbado.

Esse era o meu momento.

Respirei fundo antes de me mover o mais rápido possível. Pulei na mulher e puxei a arma de suas mãos antes que ela tivesse tempo de reagir.

- Sua filha da puta desgraçada!

Bati com a arma em sua cabeça, fazendo-a cair contra a janela. Sangue escorria de sua cabeça, pingando em seu cabelo.

Estendi a mão para pegar a carteira antes de apontar a arma para o motorista.

- Um movimento e você está morto.

Ele levantou as duas mãos.

Bati novamente com a arma na sua nuca e ele caiu instantaneamente inconsciente.

Pulei para fora do carro e corri o mais rápido que pude sem olhar para trás. Tudo que fiz foi correr, nem pensei duas vezes. A mulher provavelmente já havia informado a Bones que estávamos a caminho, então se não aparecêssemos na hora, ele definitivamente mandaria homens para a cidade para procurar por mim.

Parei a cinco quarteirões de distância porque não consegui continuar correndo. Estava exausta e sem fôlego. Meus pulsos doíam.

O rugido de um motor chegou aos meus ouvidos. O

ar frio vibrava ao meu redor, fazendo a minha pele se arrepiar. Quando olhei para cima, vi um avião comercial subindo em direção ao céu.

Um aeroporto. Havia um aeroporto nas proximidades.

Meu primeiro impulso foi chamar Crow e dizer-lhe onde eu estava. Mas então percebi que não sabia o número dele. Ele nunca me deu um telefone, nem me disse como entrar em contato com ele. Não havia

nenhuma loja aberta, então eu não podia ligar para as vinícolas Barsetti. Eu estava sozinha nisso. Logo, os homens do Bones me procurariam.

Tinha que ir embora.

Continuei andando e peguei a carteira que havia roubado. Dentro havia um passaporte, uma identidade italiana, um cartão de crédito e algum dinheiro. Quando olhei para a foto, percebi que parecíamos. Eu poderia passar despercebida se o inspetor não prestasse muita atenção.

Joguei a arma em uma lixeira próxima e acenei com a mão pedindo um táxi. Quando entrei, pedi que me levasse ao aeroporto o mais rápido possível. Ele não entendeu meu inglês, então tive que repetir em italiano.

Por sorte, Crow me ajudou a aprender algumas coisas.

Ao chegar ao aeroporto, comprei uma passagem para o primeiro voo para a América. Por sorte, ele saía em meia hora.

Passei pela segurança e tive que mostrar o passaporte. O agente de segurança pegou o bilhete e a identificação e os examinou cuidadosamente. Ele verificou o nome e o número do bilhete antes de me olhar nos olhos.

Eu me mantive séria e evitei reagir, rezando para que o homem não percebesse que a mulher e eu não éramos a mesma pessoa. Ele olhou de novo antes de me devolver os dois.

- Tenha um bom voo.

Peguei minhas coisas com a mão trêmula e tentei não desmoronar. Acabara de cruzar o último obstáculo para sair dali. Agora ninguém poderia me pegar. Nem mesmo Bones. Fui ao terminal e cheguei o portão de embarque.

Todos já tinham embarcado e acabavam de fazer a última chamada.

Alcancei o terminal de embarque quando eles estavam prestes a fechar as portas.

- Bem a tempo. - A comissária de bordo rasgou a passagem antes de abrir a porta. - Aproveite o seu voo.

Olhei para o corredor e estava prestes a explodir em lágrimas. O corredor se estendia diante de mim e tudo que eu tinha que fazer era andar. Ninguém me impediria. Ninguém me seguraria ou impediria que isso acontecesse.

Eu estava finalmente indo para casa.

18

CROW

QUANDO PERCEBI QUE ELES A HAVIAM

LEVADO, ENTREI EM PÂNICO.

Não fazia ideia para onde tinham ido ou como seguir seu rastro. Eles a levaram para fora da casa como profissionais e desapareceram à noite. Ele não podia presumir que Bones estivesse por trás do ataque, mas isso não era possível. Se fosse ele, teria explodido a casa e me matado enquanto dormia.

Este foi o trabalho de outra pessoa.

Quando finalmente respirei, me acalmei o suficiente para entrar na mentalidade de soldado. Isso tinha uma solução e eu ia encontrá-la. Encontraria Button, mesmo que fosse a última coisa que fizesse.

Ninguém a separaria de mim.

E foi aí que me lembrei do GPS que coloquei no seu tornozelo.

Ela não tentou fugir nem o extrair sozinha desde que tínhamos chegado aqui. Ainda estava implantado sob sua pele. Quando ela foi hospitalizada, os médicos perguntaram se podiam retirá-lo, mas eu lhes disse para deixar onde estava.

Agora posso rastrear sua localização.

Ela estava em Roma. Suas coordenadas se moviam em um ritmo regular, o que indicava que estava em um carro. Bones vivia na área, então ela estava perigosamente perto de ser apagada do mapa para sempre.

Eu tinha que me mover depressa.

FUI A TODA VELOCIDADE PERMITIDA PELO

MEU CARRO ESPORTIVO E CHEGUEI A ROMA EM

TEMPO RECORDE. No caminho, liguei para Cane e contei o que havia acontecido.

- Eles entraram em sua casa? - Ele gritou através da linha.
- Eles a pegaram e fugiram.
- Puta merda.
- Estou quase chegando em Roma. Junte os homens e se reúnem comigo.
- Deixe comigo. Onde ela está exatamente?
- Não estou certo. A última vez que olhei, estava prestes a entrar na cidade.
- Mantenha-me informado. - Ele desligou e a linha ficou em silêncio.

Ultrapassei todos os limites de velocidade e outros automóveis para chegar o mais rápido possível. Tudo o que eu tinha eram duas armas e o rifle, mas isso bastaria.

Me encarregaria de cem homens se fosse necessário.

Eu tinha que recuperá-la.

Quando cheguei a Roma, chequei suas coordenadas novamente. Ela provavelmente estava indo para o sul, onde Bones tinha alguns quartéis. Quando eles a tiveram lá, a transferiram para um helicóptero e a levaram de lá antes que eu pudesse intervir. Não levaria mais do que alguns minutos para encontrar o dispositivo de rastreamento e removê-lo.

O ponto havia desaparecido do mapa.

Procurei por toda área de Roma, mas não vi seu ponto em nenhum lugar. Sua localização foi listada como

inexistente, embora o transmissor continuasse enviando um sinal.

Onde diabos ela estava?

Parei ao lado da estrada e continuei procurando, sem entender o que estava acontecendo. Ela não estava em Roma. Na verdade, nem estava na Itália. Quando ampliei o alcance do mapa, finalmente encontrei o ponto.

Estava sobre o Oceano Atlântico, movendo-se lentamente através da água.

Mas que diabos?

Levei um momento para entender tudo. A única explicação possível era que estavam voando para o oeste, para fora da Itália. Ela só poderia estar em um avião.

Ela havia escapado.

Eu a observei voar e um sorriso se formou em meus lábios.

- Coragem, Button. - Uma pontada de orgulho perfurou meu corpo. Ela se recusou terminantemente a ser capturada novamente, e quando eu não estava lá para salvá-la, ela se salvou. Usara esse cérebro inteligente para encontrar uma solução para seu problema.

Ele nunca conheceu outra mulher como ela.

Eu assisti o ponto voar enquanto a devastação atacava meu corpo. Ela havia deixado a Itália sem olhar para trás. Nem tentou entrar em contato comigo para me dizer que estava em segurança. Quando viu a liberdade ao alcance, partiu.

Ela me abandonou.

Meu instinto me dizia para ir atrás dela, mas com isso eu não conseguiria nada. Ela não queria mais estar comigo. Eu lhe neguei o que ela queria, então nós não conseguimos chegar a um entendimento.

Talvez fosse melhor assim.

Quando imaginei voltar para a minha mansão na Toscana, a depressão caiu sobre mim como um peso. Seu cheiro não iria ficar nos meus lençóis novamente. Os botões permaneceriam naquele jarro em sua mesa, intactos e esquecidos. Seu rosto não seria a primeira coisa que eu viria pela manhã. Todas as pequenas coisas que fizeram a minha vida agradável desapareceram agora.

Ela os levara consigo.